



ALESSANDRA GARCIA DE ALMEIDA

O TEATRO COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR NAS AÇÕES DO PROINAPE

ORIENTADORA: ANGELA DE CASTRO REIS

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO

Centro de Letras e Artes – CLA

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC Mestrado
Profissional

Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas

O TEATRO COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR NAS AÇÕES DO PROINAPE

RIO DE JANEIRO – RJ

2020

AGRADECIMENTOS

Em meio aos estudos, paro por não conseguir esperar o final da escrita para os agradecimentos, pois são tantos amores, tantos caminhos percorridos, que sempre aparecem em meus pensamentos durante a minha escrita. Se fosse possível, escreveria um capítulo inteiro só para agradecer, mas fiquem tranquilos que não farei dessa forma. Tive muita sorte no meu percurso e sorte será de descrita a partir de muitas identidades que foram marcantes no meu percurso.

Com muita saudade e muito amor, começo agradecendo a mulher mais importante e especial da minha vida, e que dedicou a partir de 1977, seu tempo a minha criação e cuidado. Com seu jeito peculiar de demonstrar amor, criou-me para a vida e liberdade. O apoio total, sem nenhum tipo de restrição, permitiu-me trabalhar como atriz, cantora e professora de teatro. O amor e a gratidão que tenho por essa mulher, Jorgina Garcia de Almeida, é uma das formas mais sublimes de sentimento. Junto com ela, na minha criação, está o Sr. José Martins de Almeida Júnior, que é a representação do ideal de pai por sua dedicação a essa que é uma das missões mais difíceis de ser cumprida, a paternidade. Sempre vou agradecer por ter respeitado a minha opção profissional, sempre acreditando que eu venceria em qualquer que fosse a minha escolha. Tenho muita sorte por tê-los como pai e mãe e serei eternamente grata por tudo o que fizeram por mim e ainda fazem, meu pai no plano físico e minha mãe no plano espiritual.

Às minhas tias Carmen e Léa, que ajudaram muito na minha criação e me auxiliaram nos meus estudos e na construção das minhas bases. Gostaria de estar mais perto delas, pois representam junto com os meus pais, a construção de quem sou hoje. Minha madrinha, Ana Maria, por sempre me olhar como alguém especial, em quem ela acreditava e admirava. Ter esses olhares e cuidados construíram a minha base para me sentir forte no caminho que escolhi seguir.

Agradeço ao meu filho, João Almeida, que teve que viver nos últimos 2 anos, com uma mãe mais estressada do que já era e, mesmo iniciando sua adolescência, conseguiu administrar nossa relação com entendimento da importância desse momento na minha profissão. Preciso que ele saiba que é o meu maior presente e que sou uma mulher que agradece diariamente ao universo por ter me proporcionado ser sua mãe. Tenho muita sorte! Te amo!

À avó do meu filho, Magda Freire, que sempre esteve pronta para me ajudar, colaborando muito para o andamento do meu processo no mestrado, me dando tranquilidade e apoio irrestrito. Algo para agradecer eternamente.

Ao meu amigo/irmão Lindomar Araujo, agradeço por estar vivendo esse momento, pois ele foi um dos primeiros a estimular minhas possibilidades acadêmicas, acreditando que era possível e dizendo da importância do registro da minha prática. Não caberia em uma dissertação tudo o que gostaria de agradecer a esse rapaz, portanto deixo à dimensão da nossa amizade e da importância desse amigo pelo meu percurso no magistério e nessa escrita.

Às minhas amigas que são minhas irmãs de alma: Clara Bueno, Elizabeth Cabanez, Jussara Oliveira e Silvana Huguenin. Priscila Garcia, minha prima que sempre está pronta para me ajudar. Obrigada por todo entendimento e escuta nesse período tão abnegado de um mestrando.

Ao meu marido, Ângelo Nascimento Vimeney, que assim como João, teve que entender esse momento e me apoiou fornecendo a força necessária para que eu acreditasse que era possível. Ter um parceiro como ele, foi fundamental para mais essa conquista na minha vida. Aproveito para agradecer à minha sogra, Sonia Vimeney, que é um presente e que, por ser professora, entende sem questionamentos o que vivencio no magistério.

À minha orientadora Angela Reis que sempre me tranquilizou e me apoiou com suas observações que me fortaleciam e me encorajavam a continuar o processo de escrita. A forma com que ela me orientou era muito próxima do nosso trabalho do PROINAPE: escuta, acolhimento e orientações. Sempre agradeço ao universo por ter me proporcionado o prazer de estar cursando o Mestrado com uma profissional sensível e acolhedora.

Ao professor Adilson Florentino, que considero a minha referência no retorno à Universidade, oferecendo-me segurança na minha caminhada. À professora Liliane Mundim que considero meu vínculo com a Prefeitura e a Universidade. À professora Marina Henriques Coutinho que me despertou para o meu processo de escrita, acolhendo-me nas minhas angústias iniciais. À Prof.^a Mona Magalhães por suas observações em minha qualificação, que me despertaram positivamente para detalhes importantes em minha pesquisa.

Ao Prof. Daniel Marques por ter participado da minha qualificação e fazer parte da banca dessa pesquisa, juntamente com a Prof.^a Celeia Machado, que também aceitou carinhosamente o meu convite.

À Jéssica Alves, da secretaria da UNIRIO, que é um anjo na vida dos estudantes, nos auxiliando em tudo com muita paciência e carinho.

Agradeço à todos os meus parceiros do PROINAPE, que me ouviram e me acolheram nesse período: Débora Almeida que me apresentou o setor e é sempre tão carinhosa quando preciso do seu apoio. Às minhas equipes na 1ª CRE em 2017: Gisela, Érika, Lilian e Renata. Minha chefe Kátia

Rios por possibilitar e acreditar no projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. À Barbara Bittar por seu profissionalismo e pela orientação perfeita que levou ao meu encontro com Andreia. Valéria Neves por seu brilhantismo, amor, parceria, apoio emocional, pedagógico, intelectual e por fomentar e auxiliar a construção do projeto.

À Fátima Sueli e José Andrade que me auxiliaram na transição de professora regente da 1ª Coordenadoria de Educação para professora regente do PROINAPE, apoiando e entendendo a importância do nosso projeto para os alunos da Rede Municipal de Ensino. À Nuvimar, que foi meu primeiro contato nesse processo, me acolhendo e articulando os procedimentos necessários para a minha mudança. Às profissionais Selma Martins e Mércia de Oliveira Cancela, que fizeram a minha requisição para o NIAP e que tanto me ensinaram sobre o funcionamento do setor. Todos esses profissionais me auxiliaram de forma muito carinhosa durante esse processo de transição. Por isso, reforço o agradecimento pelo seu cuidado durante esse momento de grande tensão. Lembro-me do semblante amoroso de cada um e serei eternamente grata.

À equipe fantástica do *Corpo Expressivo*: Andreia Morais minha parceira de Artes Cênicas, incentivadora, corajosa que deu o pontapé inicial em toda nossa história e me mobiliza a cada planejamento e encontro. Camilla Oliveira por sua luz, seu cuidado e incentivo sempre que precisei. Patrícia Almeida que realmente precisou ter muita paciência durante todo o processo do mestrado e por ter me apoiado em cada crise, cada medo e a cada dúvida, além de me ensinar muito. Janaína Isidro por dividir seu conhecimento e auxiliar no meu crescimento.

Agradeço também à Valéria Attié por sua articulação tranquila na 2º CRE, que é minha atual CRE, sabendo, com muita sabedoria e delicadeza, fazer as cobranças necessárias. À Taís Baia que, com firmeza e afetividade, sempre me apoiou, escutando e propondo ideias. Jair Júnior que, sempre disponível para dividir seu conhecimento, me recebeu em sua sala de trabalho com a *Poesia Falada*, me proporcionando um momento iluminado e inesquecível de contato com novas possibilidades de trabalho e descoberta. À Margareth Franco que sempre esteve pronta para me apoiar com essa dissertação, dividindo suas experiências que deram mais cor à minha pesquisa.

Agradeço à Ana Paula Reguete por me inspirar quando eu ainda não fazia parte do PROINAPE. Lourdes Gigante por sua dedicação, profissionalismo e criatividade que sempre mobiliza quem está ao seu redor. Luiz Renato, psicólogo do PROINAPE, que pode me auxiliar em alguns questionamentos sobre a função dos psicólogos e me apoiando com seu conhecimento do setor. Marinaldo, psicólogo do PROINAPE, que me ajudou a entender o Projeto de Lei sobre a contratação de assistentes sociais e psicólogos para as redes de ensino.

Por ter me recebido em sua sala de aula, dividindo seu conhecimento, agradeço à Claudete Felix, que me estimulou e encorajou no início do projeto, se fazendo presente e pronta para me auxiliar quando necessário. Uma grande honra. Em 2020 ela passou a fazer parte do PROINAPE, uma grande conquista para todos nós da Rede Municipal de Ensino. Dessa forma ela poderá compartilhar seu conhecimento sobre a metodologia do Teatro do Oprimido e sobre sua experiência em turmas regulares e de projetos. Sempre digo que ela é um diamante na nossa Rede.

À minha chefia e colegas de trabalho do Liceu Franco Brasileiro, meu segundo vínculo, onde tive apoio da direção, coordenação, orientação pedagógica e professores. Destaco as professoras Ana Bispo, por estar ao meu lado e entendendo toda a minha tensão nesse momento de estudo e escrita, e Andrea Aceti, que sempre me ajudou no que eu precisei. Alessandra Lima por suas dicas fantásticas.

RESUMO

Esta pesquisa relata a experiência do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* (iniciado no segundo semestre de 2017 e tomado como objeto de análise desta data até o segundo semestre de 2019), que faz parte do Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Públicas – PROINAPE, em que o teatro é o dispositivo facilitador e norteador das ações da equipe interdisciplinar. O projeto tem como objetivo despertar a consciência do sujeito enquanto protagonista da sua história, ativando suas potencialidades, fazendo-o experimentar e colocar em prática sua produção e construção, pelo caminho das artes cênicas, no processo de autoconhecimento (do corpo, dos seus limites e de suas possibilidades).

Palavras-chave: Teatro; PROINAPE; Interdisciplinaridade; Corpo Expressivo.

ABSTRACT

This work describes the experience of the project *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* ("The Expressive Body in the School Environment") (started in the second semester of 2017 and analyzed from that date until the second semester of 2019), which is part of the *Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Públicas – PROINAPE* ("Interdisciplinary Program to Support Public Schools"), in which the theater is the facilitating and guiding device for the actions of the interdisciplinary team. The project aims to awake the education system stakeholders' awareness of their role as protagonists on their own story, activating their potentialities, making them experience and put into practice their production and construction, through the path of the performing arts, in the process of self-knowledge (of the body, its limits and its possibilities).

Keywords: Theater; PROINAPE; Interdisciplinarity; Expressive body.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I – PROINAPE: UM NOVO OLHAR PARA A ESCOLA..... | 14 |
| 1.1 - O que é o PROINAPE?..... | 14 |
| 1.2 - Interdisciplinaridade - Dividindo nossas angústias e saberes, buscando caminhos possíveis.... | 21 |
| 1.2.1 - Assistentes Sociais | 24 |
| 1.2.2 - Psicólogos | 26 |
| 1.2.3 - Professores (Personagens e Contrarregras)..... | 29 |
| 1.3 - O espaço escolar visto como potência | 35 |
| CAPÍTULO II – METODOLOGIAS | 41 |
| 2.1- História, Memória e Cultura na Escola..... | 44 |
| 2.1.1- Memórias da Adolescência | 49 |
| 2.1.2 - Fortalecendo a identidade dos jovens pela história da sua comunidade | 53 |
| 2.2 - Poesia falada – Conversos | 55 |
| 2.2.1 - Poesia Falada – Teatro em versos | 64 |
| 2.3 - Teatro..... | 67 |
| 2.3.1 - Apresentação – Meu lugar de fala pelo teatro..... | 67 |
| 2.3.2 - A importância do Teatro no espaço escolar | 72 |
| CAPÍTULO III – O CORPO EXPRESSIVO NO ESPAÇO ESCOLAR..... | 75 |
| 3.1- Abrindo os trabalhos..... | 75 |
| 3.2 - O Corpo Expressivo no Espaço Escolar - Apresentação | 78 |
| 3.2.1- Capacitação das facilitadoras Alessandra Garcia e Andreia Moraes..... | 80 |
| 3.2.2 - Encontro de fazeres e saberes dos profissionais de Artes Cênicas | 87 |
| 3.2.3 - Centro de Estudos e inspiração a partir de alguns textos do Teatro do Absurdo..... | 88 |
| 3.3 - Laboratórios pulsantes... Formatos de trabalho | 90 |
| 3.3.1 - Experiências de Mímo Corporal | 91 |
| 3.3.2 - Experiência Oficina do Corpo em Movimento | 95 |
| 3.3.3 - Experiências com a Oficina do Corpo em Cena | 96 |
| 3.4 - Caminhos de Expressão..... | 106 |
| 3.5 - Apresentando <i>O Corpo Expressivo no Espaço Escolar</i> para os profissionais do NIAP | 111 |
| 3.6 - O teatro como dispositivo potencializador das ações do PROINAPE | 116 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 122 |
| ENTREVISTAS/ DEPOIMENTOS..... | 125 |
| ANEXOS..... | 149 |

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar apresenta um quadro de múltiplos desafios a serem vencidos por seus profissionais, no qual o processo de ensinar e aprender torna-se cada vez mais complexo. Nesse contexto, vive-se um grande impasse e uma espécie de estagnação que, de certa forma, paralisa quem precisa agir para educar e afasta das escolas aqueles que precisam aprender, provocando índices progressivos de evasão, um dos maiores problemas do sistema de ensino público brasileiro. É nesse contexto que ações com dispositivos de aproximação dos sujeitos podem abrir a possibilidade de novas trocas, oferecendo um olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação -, em seu relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (DELORS, 2010), já propõe que as escolas trabalhem os valores humanos nos currículos escolares, para que ao desenvolvê-los os sujeitos possam trabalhar as relações interpessoais e construam laços de afetividade.

A sociedade contemporânea produz nos sujeitos um individualismo que provoca alterações no ambiente escolar, dificultando o trabalho no seu interior ao bloquear os mecanismos de sociabilidade. Dessa forma, é essencial que se desenvolva ações de integração dos sujeitos nas escolas, considerando todos aqueles que participam no processo de ensinar e aprender. Uma educação humanista deve considerar todos os envolvidos no ensino-aprendizagem, porque é pela relação dialógica que o sujeito se abre ao mundo e inaugura novos caminhos pela inquietação e curiosidade (FREIRE, 2005, p. 63).

Em 2000 foi criado um projeto de lei para a contratação de Assistentes Sociais e Psicólogos nas escolas. Este tramitou por 19 anos e embora em setembro de 2019 tenha sido aprovado no Plenário da Câmara, não foi aprovado pelo Presidente da República¹, que alegou que o mesmo criaria despesas sem definir origem dos recursos. Em dezembro de 2019, a Lei 13.935/2019 foi promulgada e as redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e serviço social. Os sistemas de ensino terão um ano para a implementação e cumprimento da nova lei: sem dúvida, uma grande conquista!²

¹ Em uma escrita acadêmica precisamos citar o nome de quem estamos mencionando, mas na minha escrita #elenão.

² Disponível em: <<http://cress-sc.org.br/2019/12/16/agora-e-lei-assistentes-sociais-e-psicologos-as-na-educacao-basica/>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2020.

Em 2010, na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, a partir da experiência da Rede de Proteção ao Educando (2007 – 2009), acelerando todo esse processo a favor da educação pública de qualidade, surgiu o PROINAPE - Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Municipais, com equipes formadas por psicólogos, professores e assistentes sociais, criado com a finalidade de desenvolver ações conjuntas para potencializar o espaço escolar, no sentido de ampliar o planejamento e o tratamento de múltiplas e importantes questões que se manifestam e que atravessam o processo de ensino e aprendizagem.

O PROINAPE passou a constituir o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP), setor da SME criado pelo decreto 32.505 de 13 de julho de 2010, responsável por elaborar, acompanhar, monitorar e normatizar as ações interdisciplinares no âmbito da Secretaria Municipal de Educação.

Nesse contexto, trabalhamos atendendo alunos, o corpo docente e funcionários – ou seja, toda comunidade escolar, a partir de demandas múltiplas. Estas podem vir da CRE, da escola, de casos individuais, do NIAP, da SME ou de outra instância que solicite um apoio para situações nas escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao entrar no caso, a equipe pensará como serão e quanto tempo terão as ações, dependendo da necessidade e do que for avaliado como estratégia para o apoio solicitado.

Como o programa é inovador na rede, vai se constituindo conforme sua atuação, estruturando-se pelas vivências na área, de forma dialógica e horizontal, em uma construção coletiva. Cada profissional oferece suas experiências e formação, enriquecendo o setor; as múltiplas linguagens surgem pontualmente, em diversos trabalhos, potencializando as ações.

Em 2017 iniciei meu trabalho no Programa, suspendendo minhas atividades em turmas regulares – iniciadas em 2003 –, passando a fazer parte de duas equipes interdisciplinares na 1ª CRE³; já no segundo semestre do mesmo ano, passei a fazer parte, com Andreia Morais⁴, do Projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, idealizado a partir do nosso encontro no setor, onde percebemos que poderíamos construir algo potente a partir da nossa experiência com o teatro.

Em 2018, por motivos de redistribuição de profissionais, fui transferida para a 2ª CRE, continuando no Projeto. No começo de 2019 permaneci na mesma CRE, mas sem saber como ficaria

³ Coordenadoria Regional de Educação que abrange a região central do Rio de Janeiro.

⁴ Professora de Artes Cênicas da Rede Municipal do Rio de Janeiro com sua lotação no PROINAPE.

o trabalho com o *Corpo Expressivo*⁵. O NIAP passou por mudanças administrativas que desestabilizaram o setor nos primeiros meses do ano, mas esse problema foi solucionado após a luta de um coletivo criado para reivindicar a solução desses entraves com a Secretária de Educação e, logo que retomamos nossos trabalhos de uma forma geral, o projeto pode retomar suas ações.

Projetos com dispositivos que possam quebrar um pouco com a rotina e fornecer alguma forma de alívio ao cotidiano escolar são bem recebido pelos alunos. Assim, o Projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* ganha espaço e reconhecimento no setor, com o apoio da gerente Kátia Rios e supervisão da professora Valéria Neves, pelo tipo de condução que:

Tem como ponto de partida despertar a consciência do sujeito enquanto protagonista da sua história, ativando suas potencialidades, fazendo o experimentar e colocar em prática sua produção e construção, pelo caminho das artes cênicas no processo de autoconhecimento do corpo, dos seus limites e de suas possibilidades (GARCIA, MORAIS, 2017, s/p).

Esse projeto oferece à escola um novo olhar e uma nova forma de lidar com os impasses da educação contemporânea. Não podemos achar que os alunos de hoje são os mesmos do passado; desse modo, o estar e ficar nas instituições escolares precisam ser revistos, repensados e adaptados à realidade atual. O aluno mudou, alguns profissionais até tentam mudar, mas, de uma forma geral as estruturas ainda são as de uma escola tradicional; assim, a mudança precisa ser sentida e as possibilidades sensoriais e emocionais colaboram para essa mudança.

De uma forma geral, não apenas nas áreas carentes, a sociedade contemporânea vive um momento de relações líquidas e perdem as relações de olho no olho, face a face, aumentando a solidão no meio de muitos amigos de rede (BAUMAN, 2012). As pessoas se fecharam em si mesmas e se afastaram do convívio, dos laços humanos, da comunidade e vivem suas relações nas redes sociais, onde conectar-se e desconectar-se é fácil e simples.

Diante de tanto afastamento do real, a convivência física fica prejudicada e o entendimento das necessidades dos seus pares cada vez mais distantes. Nosso grande desafio é o resgate da humanização dos sujeitos na vida contemporânea, dando continuidade a esse grande ensaio para a humanidade (SANTOS, 2006).

⁵ Para facilitar, o projeto será citado em alguns momentos de modo abreviado, apenas como *Corpo Expressivo*.

Muitos estudantes são calados para o mundo e essa opressão se reflete em seus próprios corpos e mentes, causando grandes transtornos e angústias. Segundo Paulo Freire (2005), a educação tem o papel fundamental de libertar o homem de seu lugar de oprimido; ou seja, a educação é uma ferramenta educativa de igualdade social, tornando o homem autônomo, consciente de si no mundo.

As ações do PROINAPE ajudam no diálogo entre os envolvidos no processo educacional, com diversas possibilidades de trabalho, de acordo com a demanda. Um trabalho que envolve três saberes potentes para atuação no universo escolar: o de professores, assistentes sociais e psicólogos, com seus olhares e saberes distintos, mas que têm conexão com a realidade da educação e que podem promover a interlocução com as instâncias internas e externas que envolvem a Unidade Escolar em que a equipe vai atuar. Nessa pesquisa enfatizarei a importância desses profissionais, essenciais no processo de trabalho do *Corpo Expressivo*.

Um trabalho com a linguagem teatral auxilia no olhar para as relações que se estabelecem nas escolas, colaborando para o desenvolvimento da alteridade no espaço escolar. O teatro trabalha o coletivo, desenvolve as relações e a percepção da importância de cada um no jogo teatral, permitindo o reconhecimento do sujeito através do outro. Cada indivíduo passa a compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, construindo novos olhares sobre o outro e sobre si mesmo.

A arte significa comunicar o que a vida normalmente esconde da gente, leva-nos aos lugares da surpresa, do choque, do maravilhamento, expelindo-nos das zonas do hábito e do conforto para mudar nossas noções do que somos e do que podemos ser. Como um ramo social, coletivo de arte, o teatro enfatiza a mudança social, em como o mundo pode ser mudado e em porque ele precisa ser mudado (...). Arte significa o reconhecimento e comunicação do nosso “poder para” em contraste com a política contemporânea que devota suas energias ao “poder sobre” (PRENTKI, 2009, p. 25).

Os alunos, em sua grande maioria, recebem muito bem as propostas feitas com o teatro, por permitirem um novo espaço para expressão na escola. Acolhem e modificam as proposições conforme as necessidades do grupo e percebem que têm liberdade de falar sobre o que precisam. O educando deseja novas formas de comunicação que favoreçam a troca com seus amigos, professores, funcionários e seus familiares. Com essa experiência descobrem e identificam novos pares, se fortalecendo para encontrar as brechas que existem dentro do sistema em que vivemos.

Em 2019, ao retornar com as ações do Projeto, ao chegarmos em uma escola da Rocinha, uma aluna de 9 anos de idade nos falou: “Nossa, me dá até uma emoção quando vejo vocês...”. Lembrar dessas palavras, assim como várias outras e vários olhares, nos fazem perceber a importância da continuidade das nossas ações e o quanto elas são vitais para nossos alunos. Outra frase que costumamos ouvir muito é: “Quando vocês vão voltar?”, o que é gratificante por um lado,

mas aflitivo por outro, já que sabemos que na maioria das escolas retornaremos poucas vezes diante do grande volume de trabalho do PROINAPE.

Uma das nossas intenções nesse projeto é oferecer aos profissionais das escolas dispositivos de trabalho para que possam alternar as formas de ensino, possibilitando assim a realização das atividades pelos próprios. Destacando os jogos e atividades realizadas pelas equipes do *Corpo Expressivo*, possibilito ao leitor um material que possa ser de fácil acesso a quem tiver interesse em utilizá-lo nas escolas. Ao acessar as atividades, o contexto de como foram aplicadas estará disponível também, auxiliando dessa forma o seu entendimento.

A pesquisa pretende dialogar com os trabalhos já efetuados pelo projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* a partir do segundo semestre de 2017 até o segundo semestre de 2019, quando fizemos a pesquisa para a construção do trabalho. No entanto, não serão citados os nomes das escolas e dos participantes. O objetivo do trabalho é relatar as ações realizadas e os resultados obtidos, pautado nas posições dos envolvidos: professores, diretores, funcionários em geral, responsáveis e alunos.

O trabalho interdisciplinar do PROINAPE surge como uma esperança no campo educacional, oferecendo novas formas para lidar com determinadas questões que permeiam o universo escolar. Com o projeto do *Corpo expressivo*, o dispositivo dos jogos teatrais, com a soma do olhar dos assistentes sociais e com psicólogos, nos oferece uma base para os mergulhos necessários nas ações. Um trabalho interdisciplinar amplia nosso olhar para os sujeitos.

Os encontros do PROINAPE constroem dinâmicas em função do objetivo a ser alcançado com o grupo trabalhado, onde as atividades começam muitas vezes a partir de uma escuta da demanda do grupo e a partir daí vários dispositivos podem ser descobertos e acionados durante o processo da pesquisa. A *Roda de conversa* é uma potente metodologia de trabalho no PROINAPE, pois podemos entender, pela escuta dos sujeitos, quais os caminhos que podemos seguir para atuar com o grupo e assim também praticamos o aprendizado coletivo.

Com uma pesquisa exploratória pretendo contextualizar a importância da pedagogia do teatro no trabalho do PROINAPE.

Nos últimos anos vem sendo usada no Brasil a terminologia Pedagogia do Teatro, que incorpora tanta investigação sobre a teoria e prática da linguagem artística do teatro quanto sua inserção nos vários níveis e modalidades de ensino. Essa vertente focaliza principalmente pesquisas com ênfase no jogo teatral e na teoria do jogo, com diferentes fundamentações. O espaço como elemento deflagrador do jogo e local privilegiado para enfrentamento e risco é um dos temas recorrentes, bem como a criação de imagens a partir do jogo e a proposição de textos poéticos como deflagradores do processo pedagógico. A

perspectiva de interação entre jogo narrativa é outro aspecto ressaltado (KOUDELA, 2005, p.152 e 153).

Utilizamos a metodologia dos jogos teatrais (VIOLA SPOLIN, 2001) (RYNGAERT, 2009) (BOAL, 2002) e novas possibilidades que surjam e possam somar com as necessidades do trabalho.

Uma das metodologias utilizadas no PROINAPE, e sem dúvida um forte dispositivo no programa, é trabalho de *Poesia falada*: método no qual, a partir de uma poesia escolhida pela(o) estudante, a mesma deve ser falada de maneira natural, o mais próximo possível do cotidiano, como uma conversa, um diálogo entre o “dizador” e quem o está ouvindo. Os jovens se identificam e vão ganhando um novo canal de expressão, podendo assim dividir e diluir um pouco suas angústias, preocupação, prazeres, felicidades, sentimentos diversos. Os alunos se sentem livres para expressar seus pensamentos, sem o julgamento que os travam e os tolhem. Esse trabalho pode ser desenvolvido também com professores, que do mesmo modo passam a reconhecer a poesia como forma de expressão do seu cotidiano pessoal e escolar.

Quando abordamos a temática das relações dentro da escola, para dinamizar a aprendizagem e potencializar a construção do conhecimento, também é possível propiciar melhores condições de trabalho aos professores, valorizando as identidades destes e dos alunos. Essa construção pode ser realizada pelas múltiplas linguagens, que já são praticadas no programa, como *História, Memória e Cultura, Poesia Falada* e o *Teatro*, por meio do projeto do *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. Em algumas ações percebemos a necessidade de acessar todas as metodologias em um diálogo potente.

Encontrar dentro da Secretaria de Educação um trabalho democrático de escuta e de troca constrói a esperança de que uma outra realidade é possível (SANTOS, 2006). Percebe-se o número pequeno de profissionais para a grande quantidade de escolas e necessidades, mas é um começo e é essencial a pesquisa e divulgação do projeto, fazendo com que seja conhecida a potência desse trabalho - uma brecha dentro de tantas amarguras e no qual devemos continuar investindo para colaborar com alguns pontos de mudança dentro do sistema educacional.

CAPÍTULO I – PROINAPE: UM NOVO OLHAR PARA A ESCOLA

1.1 - O que é o PROINAPE?

Após o estudo realizado em 2006 por um grupo de trabalho que reuniu representantes das Secretarias Municipais de Educação (SME), de Assistência Social (SMAS), de Saúde e Defesa Civil (SMSDC) e de Administração (SMA), foi iniciado um processo de organização de recursos humanos para que em 2007 começasse a funcionar nas escolas do Rio de Janeiro um projeto que ficou conhecido como Rede de Proteção ao Educando (RPE).

Inicialmente foram chamados 112 psicólogos aprovados em concurso promovido pela SMSDC e lotados na SME. A SMAS selecionou cerca de 125 assistentes sociais, a partir de Edital da SMAS, que foram lotados nas diferentes Coordenadorias de Assistência Social da cidade.

A RPE constituiu desse modo uma iniciativa intersetorial da Prefeitura do Rio de Janeiro direcionada às escolas municipais.

No ano de 2009 a SME encaminhou algumas alterações da proposta da RPE, integrando nestas equipes professores que atuavam nos Pólos de Atendimento Extra Escolar, em funcionamento desde 2001 nas dez Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), distribuídos em média entre dois Pólos por CRE.

Juntas, estas duas equipes passaram a compor o Programa Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares – PROINAPE, instituído pela Portaria E/SUBE/CED nº 04 DE 10 de dezembro de 2009. Este programa foi idealizado como uma ação diferenciada da SME, que prevê a realização de propostas interdisciplinares que respondam a demandas cotidianas surgidas no contexto educacional, e que atravessam os projetos pedagógicos das escolas e interferem nas relações de ensino e aprendizagem.

A partir de 2010 o PROINAPE passou a constituir o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às unidades Escolares (NIAP), setor da SME criado pelo decreto 32.505 de 13 de julho de 2010, responsável por elaborar, acompanhar, monitorar e normatizar as ações interdisciplinares no âmbito da Secretaria Municipal de Educação.⁶

Os profissionais das escolas sempre questionaram suas múltiplas funções no ambiente escolar, que de alguma forma sacrificam a realização das tarefas para o qual foram contratados. Essa é uma das reivindicações daqueles que estão diariamente contornando e improvisando para que os educandos tenham direito a uma educação de qualidade. Profissionais como Assistentes Sociais e Psicólogos fazem parte da lista de pedidos, quando se trata dos cuidados que ultrapassam as possibilidades de boa vontade dos professores e funcionários.

Como dito antes, em dezembro de 2019 foi aprovado um projeto de lei para a contratação de Assistentes Sociais e Psicólogos nas escolas, havendo um período de um ano para sua

⁶ Disponível em: <<https://smeniap.wixsite.com/smeniap/historia-do-niap>>. Acesso em 29 de setembro de 2019.

implementação na rede de educação básica⁷. O pedido de multiprofissionais para apoiar as ações das escolas já é um pedido antigo, por ser necessário para a base do trabalho nos espaços de ensino e principalmente nas redes públicas. Algumas crianças vem de estruturas familiares que não possibilitam um auxílio emocional e estrutural para que o educando possa ter apoio necessário em suas fases de desenvolvimento. Uma equipe interdisciplinar pode auxiliar, pensando com a escola ações possíveis, fazendo os encaminhamentos e articulações necessárias com outros setores da Saúde, Assistência e da própria Educação.

A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, possui equipes para apoio às Unidades Escolares, pelo PROINAPE – Programa Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares. O projeto é uma conquista na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, formado por Assistentes Sociais, Psicólogos e Professores, que estão distribuídos em equipes nas 11 Coordenadorias de Ensino. Sabemos que ainda não é suficiente para a demanda, mas não podemos negar que é uma conquista ter esses profissionais. Além dos profissionais que o projeto de lei nº 3.688 regulamenta, também temos os professores que levam seu conhecimento pedagógico para completar as equipes de trabalho, criando uma aproximação com as escolas.

É importante ressaltar que apesar de toda potência do trabalho, a cada troca de prefeito os profissionais ficam inseguros com as novas mudanças na estrutura que são realizadas pelos Secretários de Educação - como aconteceu em 2019, quando foi criado um novo cargo de gerência para administrar o NIAP, instituindo uma administração que causou impasses no trabalho e desestruturou vários projetos que estavam encaminhados.

Diante desse caos, os profissionais criaram um coletivo que solicitou uma reunião com a Secretária de Educação, Talma Romero Suane, que teve uma escuta atenta e percebeu que os novos encaminhamentos no setor estavam equivocados e colocavam em risco o andamento do trabalho. A Secretária revogou o cargo dessa nova gerência bem como os procedimentos por ela realizados, voltando a deixar a estrutura administrativa como tinha sido até 2018.

A dinâmica de desenvolvimento do Programa envolve a identificação e análise de demandas, o planejamento conjunto e participativo e o estabelecimento de parcerias nos diferentes espaços de atuação.

⁷ Disponível em: <<http://cress-sc.org.br/2019/12/16/agora-e-lei-assistentes-sociais-e-psicologos-as-na-educacao-basica/>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020.

O PROINAPE tem como premissa a integração interdisciplinar para a análise, elaboração, execução e avaliação de projetos de trabalho. Assim, esse programa prima pelo apoio, entendido como acolhimento, orientação, acompanhamento, articulação e criação de estratégias de trabalho interdisciplinar com a comunidade escolar.

As equipes atuam nas questões que atravessam o processo de ensino e aprendizagem, tais como: as diferentes formas de violência presentes nas relações institucionais, discriminação/preconceito (racial, sócio econômico, gênero, religioso); bullying e indisciplina; questões nas relações interpessoais entre os diversos atores da escola; perspectivas da juventude; violação de direitos da criança e do adolescente; relação família e escola; infrequência, evasão de alunos; dificuldade de aprendizagem; baixo desempenho; fracasso escolar; barreiras à inclusão, entre outras questões que rebatem no contexto escolar.⁸

Por poder trabalhar com toda a comunidade escolar, o PROINAPE possui um olhar distanciado e amplo, podendo trocar com os sujeitos da escola novas possibilidades de trabalho, valorizando a fala dos alunos. Um projeto que propicia um apoio, com o olhar de profissionais com diferentes formações:

O professor que é aquele que conhece de perto a realidade do sistema educacional e tem um lugar de fala que possibilita a aproximação inicial do grupo a ser trabalhado, levando a sua experiência auxiliando na ponte com a escola.

O assistente social é responsável por amparar pessoas que de alguma forma não têm total acesso à cidadania, ajudando-os a resolver problemas ligados à educação, habitação, emprego, saúde. É uma profissão que auxilia o indivíduo em seu processo de conscientização de seu lugar de cidadão, dos seus direitos à saúde, educação e bem estar social, físico e psicológico.

O foco de estudo das psicologias contemporâneas está na produção de subjetividade, que se refere aos modos de viver e de estar no mundo: é fabricada, modelada, produzida, fato que se contrapõe a uma natureza humana já dada, pronta e acabada (GUATTARI e ROLNIK, 2007). Pensar, refletir e agir no campo da psicologia convocam um olhar atento para a multiplicidade e a diferença, no sentido de acompanhar esta produção subjetiva.

Cada profissional, apesar da sua especificidade, com o tempo de trabalho no setor, vai ganhando um pouco do conhecimento dos outros profissionais, podendo auxiliar e até em alguns

⁸ Disponível em: <<https://smeniap.wixsite.com/smeniap/historia-do-niap>>. Acesso em: 13/08/2019.

momentos substituir o outro em funções onde esse deslocamento é possível, pois trabalhamos em equipe.

Os profissionais, de acordo com a demanda, fazem as articulações com as redes de saúde, Conselho Tutelar e setores voltados para especificidade da demanda trabalhada. Alguns casos são levados para os articuladores, que são os responsáveis pelas equipes em cada CRE⁹, auxiliando nos encaminhamentos que a equipe acorda como necessário.

Existe algo muito além dos muros da escola que precisa ser cuidado, ter um olhar que favoreça múltiplas possibilidades de cuidado, olhando o aluno de forma mais ampla, auxiliando dentro do possível para que ele tenha o seu direito de ser e estar na escola preservado. É importante ressaltar que, quando uma equipe do PROINAPE participa do apoio às escolas, ela não está apenas auxiliando o aluno, mas também os outros sujeitos do cotidiano escolar.

Algumas demandas exigem ações laboriosas e delicadas que precisam de articulações entre setores e conhecimentos específicos dos assistentes sociais e psicólogos, que contam com a experiência pedagógica do professor da equipe e podem fazer os encaminhamentos e articulações necessárias de cada caso apresentado pela gestão ou outros setores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Muitas famílias em situação de vulnerabilidade social, ou mesmo, com uma estrutura familiar frágil, não conseguem administrar as necessidades emocionais de suas crianças. Em alguns casos os alunos acabam demonstrando um pouco de sua realidade familiar pelas atitudes no dia a dia na escola e que chamam a atenção dos profissionais, pois de alguma forma impedem o processo de ensino aprendizagem.

Alunos ditos violentos e agitados são os que mais chamam atenção por suas posturas e atitudes que desestabilizam o dia a dia da escola e em muitos casos atingem outros alunos. Por exemplo, em um dos muitos casos que acompanhamos, o aluno em questão está sempre envolvido em situações de violência, tendo, na maioria das vezes iniciado os conflitos. Em 2019, segundo os funcionários da escola, ele fez uma “entrada mais agressiva” em um colega durante o jogo de futebol, acarretando uma fratura gravíssima no braço do outro estudante.

⁹ A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, SMERJ, é dividida em 11 Coordenadorias Regionais de Educação, CREs.

João¹⁰, de 9 anos, vive em uma comunidade em que o tráfico literalmente está na porta da sua casa. Foi nos contado que em alguns momentos sua casa serve como ponto de fuga e que em alguns momentos ele convive com os traficantes dentro de sua casa, localizada em um lugar como estratégico. Sua mãe, de 39 anos, é portadora de HIV e não consegue administrar suas necessidades, sendo muito frágil para acompanhar as necessidades do menino e de sua irmã. A menina, um pouco mais velha que ele, uma adolescente, teve que sumir na comunidade por ter se relacionado com uma pessoa ligada ao tráfico.

Essa família é acompanhada pelo PROINAPE desde 2018, em especial pela assistente social, que tem feito as articulações com os setores da Saúde, Assistência e Educação, além do cuidado específico com a mãe na administração de seus documentos e direitos para lidar com seu estado de saúde. Após várias estratégias utilizadas pela escola, para lidar com as reações do aluno no espaço escolar, uma delas foi combinar com a mãe que o aluno só ficaria meio período, pois percebeu-se que a maioria das situações de conflito surgiam após um determinado horário.

Qual estrutura essa criança tem para desenvolver seu aprendizado? Qual a forma encontrada por ela para externar seu sofrimento? Quando temos conhecimento da realidade dos nossos alunos, entendemos muito sobre suas reações e atitudes. Os profissionais que estão diariamente com esse aluno acabam flexibilizando certas normas e tentam administrar dentro do possível seu comportamento, mas nem sempre é possível sem apoio e articulação.

É importante destacar que a partir da situação do aluno na escola, toda rede é acionada para refletir como pode apoiar não só o aluno, mas também a escola e a família. Não apenas esse aluno precisa ser visto de forma global como as pessoas que fazem parte da vida dele precisam estar integradas, dentro do possível, para acolher os encaminhamentos que serão feitos.

Nos casos individuais acompanhados durante essa pesquisa, percebemos que existe uma preocupação por parte dos profissionais das escolas em procurar todas as alternativas possíveis para a continuidade desse aluno na escola e uma delas é solicitar a presença de uma equipe do PROINAPE, para que esta possa pensar alternativas possíveis para o caso junto com a escola.

Ao ter a sua subjetividade respeitada, fica mais fácil para o aluno entender aos poucos o sentido de estar naquele espaço de educação. Para alguns estudantes precisamos ter um

¹⁰ Todos os nome serão fictícios.

acompanhamento específico e mais cuidadoso para auxiliar em seu processo escolar. Em determinadas situações, para que sejam pensadas estratégias de ensino e cuidado é necessário um estudo de caso, para que ele seja visto de forma completa, sendo toda a sua história entendida.

Em 2019, acompanhamos um caso em que um aluno de 5 anos precisou, mais de uma vez por dia, de cuidados diários com sua higiene por ainda não ter o controle fecal, acionando o auxílio da professora e dos funcionários de um modo que quebra suas rotinas e os desvia de suas funções.

Algumas situações são comuns nas escolas e fazem parte das funções da profissão, mas não é esse caso. A necessidade do aluno não é solucionada e tudo indica que a mãe não segue as orientações dos profissionais da Saúde, Educação e Assistência.

O contexto da vida dessa mãe e de sua família é complexo, com envolvimento com drogas, álcool e questões emocionais relativas a um histórico familiar conturbado. A consequência foi uma situação de extrema vulnerabilidade em 2018 que culminou no abrigamento dos filhos. A mãe readquiriu a guarda das crianças ao provar que estava de alguma forma recuperada e em condições de receber os filhos em casa.

Todos retornaram ao convívio familiar no final de 2018; as três crianças estão matriculadas em escolas municipais e todas são acompanhadas pelo PROINAPE, pois cada uma apresenta uma necessidade de apoio para o trabalho com a escola. O caso que estamos relatando é de um tipo que não costumamos administrar, demandando muitas articulações que podem ser aqui um bom exemplo do tipo de trabalho feito pelo PROINAPE.

Foi necessário criar uma rede de atendimento com as Secretarias de Saúde e Assistência, que já conheciam o grave problema da criança, bem como o nome da mãe, muito incomum, o que facilitava rapidamente a identificação de ambos quando os abordávamos com os outros setores.

Fizemos reuniões com Conselho Tutelar, nas quais o psicólogo do Conselho esteve presente e nos deu informações sobre as ações feitas em relação ao pai do aluno e todo o processo de reaproximação. O teste de DNA foi realizado confirmando a paternidade, mas o pai contestou e acha que está errado e pede para que outro teste seja realizado. Segundo ele, o envolvimento com a mãe do aluno foi de apenas por uma noite. A avó paterna tenta atender às necessidades do aluno, mas a mãe não autoriza sua presença, afastando-a do convívio com o menino.

O Conselho Tutelar conseguiu articular a aproximação do pai com o aluno, fazendo com que ele se apresentasse na escola como tal, que desse auxílio financeiro e que o menino tivesse finais de semana em sua casa. Os encontros foram interrompidos pelo pai, que alegou ao Conselho que o menino fez “pirraça” quando ele precisou retirar o celular da namorada da mão do menino e ele não

queria devolvê-lo. Segundo o psicólogo, o rapaz apresenta traços de fragilidade em sua saúde mental, o que dificulta uma possível continuidade nos encontros nos finais de semana em sua casa.

O menino precisa de um acompanhamento individual na escola, mas não existe funcionários para o caso dele, que não é de saúde mental e nem de defasagem pedagógica. Existiria a possibilidade de um acompanhamento de um familiar ou alguém que o familiar indicasse e chegamos a pensar na avó, que demonstra interesse pelo neto, mas a mãe descartou essa possibilidade.

Acompanhamos a mãe e o aluno em uma ida à Clínica da Saúde, para reforçar a importância das consultas - para ambos - e para entender junto ao médico a situação do menino. Reforçamos o que foi dito durante o atendimento e anotamos as datas das consultas seguintes para ficarmos atentas quanto ao cumprimento do combinado com a mãe.

Todas essas ações, entre outras realizadas para esse caso individual, aconteceram no primeiro semestre de 2019. Acreditávamos que de alguma forma as soluções estavam encaminhadas e que aos poucos o problema se resolveria, o que, no entanto, não aconteceu, obrigando-nos a dar continuidade às articulações e apoios para o segundo semestre de 2019.

A escola em que o aluno estava sofria com a carência de 5 professoras no começo do ano, precisando que a diretora estivesse em sala de aula para amenizar a defasagem. Ainda nesse contexto a gestora precisava administrar o cuidado específico com o referido aluno. No segundo semestre, com a chegada de novos docentes concursados e contratados, a escola diminuiu a carência de profissionais e remanejou a professora que estava na turma do aluno para colocar outra profissional com a formação específica para EDI¹¹.

A professora chegou com muita energia e tomava para ela a responsabilidade acerca das questões específicas do aluno, agindo assim durante os três primeiros meses de trabalho e causando admiração e gratidão pela sua dedicação. Mesmo que toda a equipe da escola e do PROINAPE tivessem ciência de que esta não era sua função, havia um alívio pelo seu grande auxílio na administração do caso. Além de ter experiência com as necessidades dos alunos da Educação Infantil, está cursando Serviço Social, o que dá a ela um olhar mais abrangente do caso.

Porém, em setembro de 2019, a situação chegou ao limite, tendo a professora apresentado para a direção e para a equipe PROINAPE o diagnóstico de que esta era insalubre e prejudicial para

¹¹ Espaço de Desenvolvimento Infantil

o aluno, bem como para os outros estudantes da turma. Sua posição foi inteiramente compreendida, pois ela já estava indo além do que seria sua função, já que, de posse do *WhatsApp* da mãe, a docente estava sempre tentando articular, pedir, solicitar, orientar,...tudo que fosse possível para ajudar essa mãe, até perceber que o problema ia muito além do que ela poderia administrar.

Diante desse pedido, reforçamos as articulações e novamente fizemos uma reunião com o Conselho Tutelar e Saúde. As decisões da reunião precisavam ser levadas para a nossa articuladora da 2ª CRE e juntas decidimos reunir os responsáveis pelo PSE¹², a Gerente da GED¹³ e a direção da escola em uma nova reunião. Concluimos que precisamos articular também com a Gerência da Saúde. Até o final da escrita desse trabalho, esse caso não teve conclusão e ainda está sendo encaminhado e com muitos conflitos.

Desse modo, percebe-se que um dos grandes desafios do cotidiano escolar é a administração diária dessas relações entre o que é diverso, a partir do olhar de cada indivíduo. As relações nas escolas, na maioria dos casos, são construídas/pensadas a partir dos alunos, que realmente são o foco da educação, mas se não houver atenção para a importância de todos os sujeitos do cotidiano escolar, o próprio aluno ficará prejudicado. Discentes, funcionários, familiares, comunidade, professores, gestores, Secretarias de Educação, Saúde, Assistência...São muitos os setores e segmentos envolvidos com o trabalho nas escolas e assim abundam discordâncias e divergências, sendo grande a diversidade cultural, religiosa, política. A escola é, portanto, uma estrutura heterogênea que precisa ser vista como potência e ter apoio necessário para a articulação de tantos saberes.

1.2 - Interdisciplinaridade - Dividindo nossas angústias e saberes, buscando caminhos possíveis.

A atuação no campo da educação me fez me dar conta de que minha formação é sempre incompleta, não-toda e isso me lança a estudar e pesquisar mais e mais, compreendendo o limite do meu saber e a importância de um percurso aberto e em formação, sempre se fazendo. Tem um tempo no gerúndio, sabe?! É muito desafiador! Cada vez mais fui me aproximando das outras linguagens, não para privilegiar uma em detrimento da outra, não para descartar, mas para diversificar, enriquecer, pluralizar minha prática (Janaína Isidro, psicóloga do NIAP, em entrevista para essa pesquisa em 15 de outubro de 2019).

¹² Programa de Saúde na escola.

¹³ Gerência de Educação.

Na educação a interdisciplinaridade possibilita que as disciplinas possam dialogar entre si, aproximando o que é ensinado do que é vivido, oferecendo mais sentido no contexto de mundo que vivemos, para que educando possa ter um entendimento mais amplo e ao mesmo tempo mais próximo do que é ensinado.

Se a palavra tem sentido, se falar é falar alguém, é comunicar, se a palavra que não tem sentido se esvazia, um programa de ensino linear que configure disciplinas isoladas, incomunicáveis, não tem sentido, é vazio (FAZENDA, 2006, p.38 - 39).

A grande dificuldade de muitos alunos em seu caminho escolar é encontrar sentido no que lhe é ensinado. Em 2018, ao participarmos de uma roda de conversa com alunos do PEJA¹⁴, um rapaz nos disse que o que ele aprende na escola está muito distante da sua realidade e que esse é um dos motivos do desinteresse pelo espaço escolar. O aluno sugeriu que houvesse aulas de primeiros socorros, pois estariam mais ligadas às suas necessidades e, a partir delas, muito poderia ser trabalhado por um professor de ciências.

Tudo começa na própria formação dos professores, que muitas vezes é totalmente desligada da realidade em sala de aula e na prática é que terão que pensar em possibilidades de novas formas de ensinar, mas sempre dependendo do corpo docente e da estrutura que a escola terá para os encontros e diálogos diante da realidade da comunidade escolar. Cada escola tem suas particularidades e é importante que a troca entre os envolvidos aconteça, para que possam pensar em estratégias e proximidades entre os saberes. Sabemos que essa prática é restrita na maioria das escolas, onde existe a boa vontade, mas que é minada diariamente pelas dificuldades que as escolas públicas enfrentam.

Falamos até agora do conteúdo escolar, das disciplinas, de como interagir com as partes e reconectar, entendendo que a partir das zonas de fronteira de proximidade aparecem os espaços de comunicação e da importância da interdisciplinaridade para o entendimento do aluno que quer enxergar as ligações e construir o todo. Fazemos a transição para o trabalho de uma equipe interdisciplinar para apoiar a escola, com saberes que dialogam, que se completam para uma comunicação maior entre os sujeitos do cotidiano escolar.

¹⁴ Programa de Educação de Jovens e Adultos.

Assistentes Sociais, Professores e Psicólogos, detentores de três saberes distintos, interdisciplinares, e que se comunicam e se completam, buscam os pontos de encontro, para auxiliar as demandas das escolas. Como o psicólogo do Conselho tutelar nos disse: “Ao conversar sobre os casos, dividimos as nossas angústias”. Trocando impressões e pensando junto com profissionais de diferentes formações, encontramos novas possibilidades de trabalho e dividimos o que temos que encaminhar, que na maioria dos casos, são questões muito delicadas e que mexem com nossas estruturas.

Trabalhar com pessoas é trabalhar com a multiplicidade de questões de cada sujeito e todo contexto em que está inserido. Ter vários olhares para a mesma questão abre as possibilidades de caminhos para o auxílio do que nos foi solicitado. Na perspectiva de Ivani Fazenda, múltiplos olhares e saberes articulados apontam para construção de múltiplos conhecimentos:

Interdisciplinaridade constitui-se numa resposta a uma demanda da sociedade, em que o número de especialistas para resolver seus problemas de ordem social, política, e econômica etc. é ilimitado, e que estes nada mais possuem do que um conhecimento cada vez mais extenso relativo a um domínio cada vez mais restrito. Essas setorizações do conhecimento, ao invés de resolverem os problemas de nosso tempo, não levam a nada, pois como concluir a respeito de suficiências de conhecimentos se a esfera de vinculação desse conhecimento é ilimitada? Nesse sentido, reflexões sobre a validade das ciências particulares nos levariam a uma conseqüente limitação da possibilidade de conhecimento, a uma tendenciosidade e a uma interpretação deturpada a respeito da realidade, que é essencialmente múltipla e não uma. A interdisciplinaridade leva todo o especialista a reconhecer os limites de seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas. Assim sendo, uma ciência é complemento da outra, e a dissociação, a separação entre ciências é substituída pela convergência há objetivos comuns (FAZENDA, 2006, p. 42 e 43).

Embora a citação acima refira-se a disciplinas escolares, essa diz respeito também a conhecimentos emocionais e sociais e cabe para que possamos refletir sobre a interdisciplinaridade no nosso programa. Quando Ivani Fazenda (2006) diz ser necessário reconhecer os limites do seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas, seu comentário adequa-se exatamente à troca existente nos encontros do PROINAPE que acontecem sem entraves. Como o programa já tem mais de 10 anos, os profissionais já estão acostumados a trocar ideias e a perguntar para os outros profissionais quaisquer dúvida específica que não seja da sua formação.

Um exemplo claro pode ser aferido nos núcleos familiares. Como foi o nascimento daquele sujeito? Em que contexto? O que ele já vivenciou e vivência? Todas essas respostas precisam ser entendidas quando o aluno demonstra atitudes violentas, baixo rendimento escolar, falta de interesse pela escola, infrequência, automutilação... Em todos esses casos e em várias outras possibilidades, o aluno apresenta um pedido de socorro, um pedido de um olhar para o que ele é e o que vivencia e o

que ele quer. Quando entramos em contato com todas essas questões, estamos entrando no universo psíquico, social, emocional e pedagógico do estudante, portanto, todos os profissionais envolvidos nas equipes do programa podem colaborar no atendimento desse aluno.

Assim, percebe-se no processo do PROINAPE uma dimensão multidisciplinar em que todos os profissionais se articulam sobre o sujeito com os seus conhecimentos específicos.

1.2.1 - Assistentes Sociais

As escolas têm sido diretamente impactadas pela questão social, caudatária da cronificação social e dos históricos erros institucionais e governamentais resultantes de políticas públicas equivocadas ou ineficientes, trazendo para o meio escolar a ressonância de cenas e situações cuja expressão nas comunidades e na sociedade já são conhecidas. E assim sofrimentos, dramas, dores injustiças e violências das mais diversas formas adentram na escola e se tramam às histórias de vida, vivências, necessidades e sonhos de indivíduos e famílias, educadores e comunidade escolar como um todo (AMARO, 2017, p. 42).

Um dos grandes desafios da educação pública é lidar com as diferentes situações sociais e o desenvolvimento escolar do educando que se encontra em situação de vulnerabilidade social. Como ensinar o mesmo conteúdo para alunos com tantas realidades distintas? Como entender e conhecer a realidade de cada indivíduo para que se possa pensar em estratégias possíveis de aproximação?

Conhecemos propostas inovadoras em escolas particulares e na rede pública, que se preocupam com o indivíduo e com o coletivo de forma a respeitar suas características e diferenças. Verifica-se uma preocupação real com o educando em todas as suas instâncias, havendo esforços para que a aprendizagem não fique dissociada do contexto que a envolve.

Um profissional do Serviço Social na escola ajuda no processo de construção de conhecimento e do ser. De acordo com Amaro (2017, p.13), existem referendos indispensáveis ao trabalho social:

- . o desenvolvimento de ações voltadas à gestão democrática da escola e a ampla capacitação sociopolítica da comunidade escolar;
- . a mobilização da participação da família no processo de aprendizagem do aluno e na gestão da escola.

No mundo contemporâneo, muitas das inúmeras formas de estruturas familiares em que nossos estudantes estão inseridos ainda carregam o fantasma de contrapor-se à formação tradicional, vista como “correta”. Pensávamos que estávamos avançando, mas estamos cada vez mais percebendo os retrocessos e verificamos que a hipocrisia continua instaurada na falsa verdade das “famílias de bem”, que julgam e massacram os que não estão nessa estrutura, causando uma

repercussão nas convivências escolares, em que crianças, em muitos casos, carregam esses preconceitos para o ambiente escolar.

Muitos alunos ainda se sentem envergonhados nas suas diferenças, e bloqueiam seus processos de construção, sentindo-se fora dos padrões que a sociedade ainda impõe. Os alunos seguem aprendendo a lidar com a ausência de pai e mãe, que deixam um espaço ocupado por outro familiar. Este fato é muito comum na Rede Municipal de Ensino carioca, onde as crianças estão o tempo todo lidando com esta lacuna, causada na maioria das vezes por vários tipos de violência social.

No setor público, a presença de um profissional como o assistente social em uma equipe interdisciplinar torna-se fundamental, quando encontramos tantos casos de descaso e abandono. Conhecer os contextos em que a criança/adolescente está inserida e a atuação de seus responsáveis é essencial para o entendimento de cada caso acompanhado: “No atual século, a institucionalização do Serviço Social no cenário educacional, tanto na esfera pública como na privada, ainda é recente, mas avança rapidamente. Em especial no caso da esfera pública”. (AMARO, 2017, p.15)

Apesar do seu crescimento, muitos ainda não sabem a função do serviço social nas escolas, e os profissionais ficam em um “lugar desconfortável”, que ainda não ganhou espaço delimitado. No PROINAPE, esse lugar já está estabelecido nas equipes e o universo das escolas é apresentado com os professores, que podem trocar os saberes e facilitar essa entrada de forma mais orgânica, aprendendo sobre os fluxos e rotinas nas escolas, tornando importante o “olhar para a complexidade das relações sociais, muito mais do que exclusivamente pedagógicas, que a instituição educacional abriga e potencia” (AMARO, 2017, p. 20).

Saber que já temos uma lei aprovada para contratação desses profissionais na rede básica de ensino é poder agarrar a esperança e transformá-la em algo mais concreto gradativamente. Estamos perto, caminhando, mas existe uma urgência para a inserção desses profissionais no espaço escolar. Considero a minha pesquisa como uma forma de luta para o auxílio nesse processo. Ao relatar casos, materializamos o que para muitos está distante de suas realidades. Posso ressaltar a partir dessa pesquisa as inegáveis contribuições desses profissionais para o desenvolvimento, na aprendizagem e nas ações que envolvem os desafios do dia a dia da escola, em uma sociedade em que a desigualdade social é ainda imensa.

1.2.2 - Psicólogos

O ambiente escolar é um lugar de múltiplas crenças, religiosidades, históricos familiares, personalidades, faixas etárias. Assim torna-se um vasto campo de trabalho para as ações das equipes PROINAPE, que precisam identificar as relações na escola, a comunidade em que ela está inserida, as ligações com as famílias e toda diversidade existente neste espaço múltiplo.

Nas redes públicas de ensino, nas quais muitos alunos são de áreas carentes, encontramos muitos casos de vulnerabilidade social e familiar, que precisam ser vistas e cuidadas. Nesse contexto, alguns alunos externam seu sofrimento com atitudes violentas e/ou dificuldade de concentração, entre outras reações que dificultam seu desenvolvimento e o convívio com os outros sujeitos do espaço escolar. Um grande desafio para os profissionais da escola é conseguir mediar os conflitos que surgem e desestabilizam o cotidiano escolar, respeitando as subjetividades dos alunos a partir da compreensão de seus contextos familiares – sendo importante ressaltar que não apenas as atitudes violentas (como falta de atenção, bagunça, entre outras) chamam a atenção (pois atingem outros sujeitos), mas também as demonstrações de depressão, apatia, tristeza preocupam os profissionais que lidam com os estudantes no seus cotidianos.

Muitas vezes os alunos não tem o apoio familiar, não só por não ter alguém que possa estar mais presente em suas vidas, mas também por dificuldade de seus responsáveis em conseguir lidar com as necessidades que a criança ou jovem apresenta.

As escolas precisam acolher uma quantidade de alunos por turma que dificulta um olhar mais individualizado e muitas situações acabam passando despercebidas, por mais que os profissionais se esforcem para respeitar cada sujeito. Nesse contexto alguns alunos não percebem o sentido de estar naquele local e se sentem invisíveis no espaço escolar.

A escuta e a interlocução por um psicólogo entre os envolvidos na vida do educando podem contribuir para o entendimento dos motivos que provocam diferentes reações e comportamentos no aluno, abrindo possibilidades de caminhos ao apoio que a equipe interdisciplinar poderá oferecer à escola.

(...) que lida com o indivíduo, nos diferentes aspectos de seu desenvolvimento enquanto sujeito de um processo educacional sistematizado. Acompanha não só o processo de aprendizagem como parte da educação, mas também a personalidade do aprendiz como membro da sociedade escolar, familiar e da comunidade (MASINI, 1978, p.6).

O psicólogo pode ajudar o educando a se perceber como membro daquele espaço e auxiliar em sua caminhada, para que ele possa seguir em sua construção, percebendo como trabalhar suas angústias e os impasses do seu dia-a-dia.

A competência do psicólogo escolar começa com uma compreensão da criança como um ser em desenvolvimento contínuo, em processo de aprendizagem e mudança. O treinador necessita adquirir a noção das capacidades cognitivas, motivacionais e emocionais que ocorrem na criança em dado período de desenvolvimento, e o que leva a mudanças, tanto no que se refere ao crescimento quanto à sua interrupção. É importante também a compreensão dos possíveis efeitos que o lar, o ambiente escolar e a relação interpessoal adultos x crianças nos vários estágios desse desenvolvimento desses diferentes aspectos. Esse conhecimento pode ser transmitido, entretanto, se uma parte central do curso de desenvolvimento for a observação de crianças em diferentes situações e estágios de progressão (MASINI 1978, p.11).

Poder ter esse olhar específico ao trabalhar com o aluno, faz toda diferença na escolha da direção que será tomada para as ações. Na maioria dos casos esta decisão não é simples e não será de imediato que teremos algum resultado; como o trabalho é com um ser repleto de singularidades, o que se terá é um auxílio em sua construção e desenvolvimento.

Quando um psicólogo está na escola, todos acham que o atendimento será individual e terapêutico, mas não é com esse encaminhamento que as equipes vão trabalhar. “As pessoas esperam que eu diga coisas que transformem a vida delas. Silêncio”. (OLIVEIRA, 2017, p.8) Em alguns casos, a equipe pode conversar com o aluno individualmente, mas este encontro será pontual e uma estratégia do trabalho.

A ação da Psicologia no campo da Educação não é corretiva ou terapêutica. A linha central está em propiciar o desenvolvimento harmonioso do indivíduo, e da consciência de seu significado comum o indivíduo no contexto onde age. (...) Para avaliar se um recurso pode ser considerado eficiente para o desenvolvimento de um aspecto do indivíduo, precisamos ser capazes de visualizar o todo (MASINI, 1978, p.1).

O trabalho interdisciplinar facilita que se conheça o educando de modo mais ampliado e muitas ações podem ser realizadas com a turma do aluno com a qual a equipe vai trabalhar, bem como a família e seus professores.

O motivo do profissional estar na escola deve ser compreendido por todos que estão envolvidos no trabalho, mas ainda existem muitas dúvidas que precisam ser esclarecidas para que este possa ser realizado com o enfoque necessário. O psicólogo pode auxiliar os responsáveis e profissionais da escola a lidar com a motivação, reações emocionais e cognição da criança frente às necessidades da turma: “(...) é prover indivíduos com habilidades necessárias para entender e

explicar aos professores e diretores comportamentos e dificuldades de crianças em diferentes estágios de desenvolvimento e várias maneiras de lidar com esses estágios” (MASINI, 1978).

Algumas escolas particulares, bem como a Rede Municipal, têm trabalhado com a educação emocional. Na Prefeitura do Rio, em seus ginásios cariocas, uma das matérias que se aproxima desse propósito é chamada de *Projeto de vida*, na qual cada professor prepara sua aula de uma forma que aproxime os alunos para a abordagem principal, tendo como foco seus projetos individuais e coletivos e os possíveis entraves dessa caminhada.

O projeto de vida, na perspectiva do pilar do Ginásio Carioca, apresenta a centralidade do estudante no processo da aprendizagem e prioriza a elaboração dos seus projetos individuais e coletivos, com a oportunidade de atuar no mundo como protagonista em sua história de vida. A formação para os valores considera a necessidade de construção e consolidação da ética e da solidariedade na vida dos estudantes, de forma que os valores humanos sejam cotidianamente descobertos, incorporados e efetivados por cada um de modo consciente (ARAUJO, 2017, p. 25).

Apenas algumas escolas oferecem essa matéria na grade curricular e em outras essas abordagens ficam por conta do Projeto Político Pedagógico da escola e da própria condução dos professores em suas disciplinas.

Frequentemente surgem conflitos individuais e coletivos que as escolas não se sentem preparadas para conduzir e, nesses casos, pedem auxílio das equipes do PROINAPE, que, por ser constituída por profissionais de diferentes formações, podem colaborar com as escolas. Um exemplo de situação em que as equipes são solicitadas é nos casos de abuso e violência doméstica, que sempre deixam os profissionais da escola fragilizados diante dos casos que surgem, sendo nosso apoio fundamental para que a escola possa fazer os encaminhamentos necessários.

O psicólogo que atua na escola precisa o tempo todo esclarecer sua função e encaminhar o trabalho de forma preventiva, podendo desta forma auxiliar a comunidade escolar como um todo. É importante que se tenha esse entendimento para que, junto com sua equipe, ele possa desenvolver suas ações no espaço escolar.

Psicóloga do PROINAPE e integrante do *Corpo Expressivo*, Camilla Oliveira enriquece a equipe com sua experiência com o trabalho no projeto de *Poesia Falada* no setor e com seu amor pelas linguagens artísticas. Na entrevista para esse trabalho, afirmou a importância de ações como as que realizamos e nas quais o teatro é uma das linguagens:

O que me encanta nesse dispositivo são os seus efeitos: atrai a atenção e o interesse dos alunos, convocando os corpos ao movimento e à criação. O teatro favorece a expressão singular dos alunos, promove o aprendizado através da experiência, do corpo e do movimento. Favorece um olhar crítico sobre o que somos e o que queremos ser e abre a

possibilidade de visualizar a realidade, como um espelho. (Camilla Oliveira em entrevista para o projeto em 11 de outubro de 2019).

O trabalho interdisciplinar nos proporciona ter a contribuição do psicólogo com seu conhecimento específico para o aluno e suas necessidades. Finalizamos a maioria das atividades com um debate e é enriquecedor acompanhar as observações do profissional da psicologia. Desse modo, vamos misturando os conhecimentos, respeitando a especificidade de cada um que atua no projeto.

Na minha formação de psicóloga o foco passa muito pela palavra do sujeito, privilegia-se sobremaneira a escuta. Mas o sujeito pode dizer de muitas maneiras e o psicólogo também pode escutar de múltiplas formas, abrindo outros campos de expressão, acolhimento e de encontro. O que difere é o que privilegiamos ou entendemos por fala e expressão (Janaína Isidro, entrevista para essa pesquisa em 15 de outubro de 2019).

As pessoas querem ser ouvidas! Um dia, no final do meu turno de trabalho e na correria de uma escola para a outra, uma coordenadora precisou relatar alguns casos; acabamos conversando no corredor e, mesmo atrasada, precisei parar e ouvi-la, por ter percebido que ela precisava da minha atenção. Anotei tudo o que ela disse e afirmei que não poderia responder a ela naquele momento, mas que sua fala estava registrada e logo que possível ela teria a resposta a suas indagações. Nesse momento, ela me disse: “Você acredita que só de falar já me sinto melhor?”. Acredito. Mesmo não sendo psicóloga, também posso estar no lugar de escuta e acolher o que ouvi; se não sei responder, posso encaminhar o que foi dito para a psicóloga da equipe ou dar algum retorno para a pessoa após conversar com a psicóloga.

Sabemos até onde podemos ir, sabemos que cada profissional tem seu conhecimento específico, mas nada impede que nossos conhecimentos se misturem e potencializem nossas ações nas escolas.

1.2.3 - Professores (Personagens e Contrarregras)

O cotidiano escolar é repleto de situações para um livro de crônicas, peças, cenas... com seus conflitos e histórias, e que provavelmente despertaria interesse em muitos leitores, que se identificariam ou relembriam momentos idênticos aos que viveram, momentos inusitados, divertidos, traumáticos, de aprendizado; em suma, a construção de quem se tornaram. Ser educador é poder se aproximar e lembrar o tempo todo da sua vivência. O professor precisa continuar suas pesquisas e seus estudos para conseguir administrar tantas mudanças e os impasses educacionais, sendo assim, ele sempre terá alguma aproximação ao que está sendo estudado, pois ele já esteve do

outro lado. Por mais que em alguns momentos se esqueça, o educando que ele foi sempre estará presente em suas pesquisas.

O texto de Naum Alves de Souza, *A aurora da minha vida*, apresenta situações que acreditamos não acontecerem mais nas escolas, mas ainda encontramos situações muito parecidas no cotidiano escolar. No trecho abaixo, o ex-aluno comenta um pouco de como se sentia e o que queria realmente:

(Aparecem o visitante e a velha professora. Sons fantasmagóricos de vozes de crianças recitando tabuadas, lendo. A velha passa visto nos cadernos, carteira por carteira. Revela-se o visitante).

Professora - Você estava com saudade?

Visitante - Eu não sei por que eu resolvi pensar na escola.

Professora – Não sabe, meu filho?

Visitante - Sabe como eu me lembro da escola? Às vezes com uma coisa boa, às vezes como lugar onde eu estava sempre angustiado.

Professora – Você não gostava dos professores?

Visitante - Eu não sei se gostava mesmo ou era um dever, como dever de gostar da Pátria, da família. Acho que me contaram muita história mentirosa, que não correspondia à verdade.

Professora - Eu também não sabia toda a verdade das coisas. Muitas vezes é verdade não pode ser dito, é proibida. Há leis que proibem, você sabe.

Visitante - A gente não tinha liberdade para nada. Os professores decidiam a vida dos alunos, os diretores a dos professores e alguém, lá em cima, devia decidir a dos diretores.

Professora – Precisava haver ordem, disciplina.

Visitante - Sabe uma coisa que eu nunca pude falar? “Ontem eu faltei porque o dia estava muito bonito, o sol tão gostoso, que eu fiquei correndo e brincando. E a minha mãe não ficou brava e meu pai não me bateu”. Não era nada bom ficar preso, com aquele calor, as moscas zumbindo, prestando atenção em coisas sem o menor interesse.

Professora – Mas nada tinha interesse?

Visitante - É que eu olhando a manhã pela janela, dá uma vontade de correr brincar, subir em árvore nadar em rio... (SOUZA, 2003, p. 11).

A relação do professor com o aluno sempre foi permeada por uma alternância de sentimentos, consequência da convivência diária cheia de desafios e conquistas. Os personagens do cotidiano escolar vivem de forma que muitas vezes está longe de ser prazerosa, pois nem sempre existe respeito às singularidades tanto dos professores quanto dos alunos. Eles se vêem, na maioria dos casos, mais

do que a própria família e tem seus objetivos a serem cumpridos com tempo delimitado e com cobranças de diversas partes como: família, Direção e Secretaria de Educação.

(...) porque se trata da escola retratada ainda nos tempos em que os professores reprimiam e humilhavam seus os alunos abertamente, sem permitir uma interação entre velhos e jovens. Educação seria algo mais semelhante a um treinamento do que uma maneira de desenvolver a capacidade de refletir.

E por falar em refletir, engana-se aquele que sai do contato com a peça aliviado, afirmando que esses tempos não existem mais. Pois, se hoje em dia tanta coisa mudou e o espaço de diálogo dentro da escola cresceu, muito resta se conquistar.

Enquanto o ser humano se apoiar em relações de poder e não de troca e confiança, a arte necessitará criar obras que despertem o desejo de modificar a realidade, um espaço imaginário para novas possibilidades. (PRIETO In: SOUZA, 2003, p. 04).

Heloísa Prieto (2003), responsável pela apresentação e organização de uma das edições do texto teatral *Aurora da Minha vida*, a mesma com o trecho citado acima, nos aponta os motivos do autor em retratar esse cotidiano, afirmando que a arte pode auxiliar as mudanças que ainda se fazem necessárias no espaço escolar.

Ler um trecho da peça pode trazer várias interpretações e alertas. Todos que fizerem a leitura, de alguma forma vão recordar de seus momentos e entender um pouco o que o aluno (visitante) sentia. Quantas vezes tivemos vontade de fugir? Que fuga era essa? E por quê? A reflexão nos ajuda a lembrar daqueles que fomos e como tratamos aqueles que estão estudantes. Relembrar é a possibilidade de nos aproximarmos da reflexão.

O espaço de diálogo nas escolas aumentou, mas muito ainda precisa ser discutido com a escola. Muitas vezes, mergulhados no seu cotidiano escolar, os professores e funcionários não conseguem perceber como estão se colocando com os educandos e um olhar de apoio como o do PROINAPE pode colaborar para outros caminhos. Os professores das equipes têm papel fundamental nessa interlocução com os sujeitos do cotidiano escolar, pois todos que estão no setor já vivenciaram com seus alunos as dificuldades que ainda encontramos nas escolas.

Professor é aquele que conhece de perto a realidade do sistema educacional e tem um lugar de fala que possibilita a aproximação inicial do grupo a ser trabalhado, levando a sua experiência e auxiliando na ponte com a escola. É de extrema importância que o professor faça parte da equipe para levar o olhar de quem vive o “chão da escola” para as ações realizadas no setor. Como o programa oferece possibilidades de trabalho com as turmas, atuando diretamente com os alunos, o professor é o profissional que tem a formação e o campo do saber pedagógico; os demais componentes da equipe PROINAPE têm propostas que podem ser realizadas com alunos, entretanto

elas diferem em conteúdo e abordagem. Psicólogos, quando trabalham com os alunos em escolas, mesmo que estejam focando questões sobre o modo de aprender desses alunos, não têm formação para entender brechas/lacunas da organização curricular, por exemplo. Portanto, a ação do professor não se reduz a interagir com os alunos: ela favorece a análise do desenvolvimento curricular da escola e da escolarização dos alunos.

O professor do PROINAPE mantém suas funções de magistério ao integrar a equipe interdisciplinar, pois dá continuidade ao exercício de sua função nas ações desenvolvidas nas escolas individualmente com o educando e coletivamente com as turmas, sempre avaliando junto com sua equipe a melhor estratégia para a demanda. “Considerar o professor um profissional da relação é reconhecer a dimensão relacional da profissão docente, reconhecer que a relação professor-aluno é o cerne do trabalho do professor, na qual ele tanto ensina como aprende” (ALMEIDA, 2008, p.18). Percebemos que o dia a dia da escola apresenta uma dinâmica intensa, onde o trabalho do docente exige auxílio para as demandas técnico-pedagógicas.

O trabalho das equipes se insere no caminhar da escola e sempre dialoga com o Projeto Político Pedagógico criado pela Unidade Escolar, para que, ao realizar o planejamento para as ações, os encontros dialoguem com as demandas já refletidas pela equipe da escola. Um item importante no planejamento é como auxiliar os sujeitos e suas relações cotidianas, já que, estando em um espaço de muitas diferenças e diversidade cultural/social, o manejo dessas relações é um dos desafios a ser enfrentado.

Pelas relações com seus alunos, o professor expressa seu conhecimento e compromisso com seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo, nas diferentes faixas etárias. O aprimoramento dessas relações pode e deve possibilitar a construção de um espaço individual e coletivo de desenvolvimento de cada um - alunos e professores. Assim, as dimensões da sincronicidade são aspectos a serem mobilizados e transformados na prática docente, sem perder de vista que não se organizam ou se estabelecem linear ou hierarquicamente, mas relacionam e inter-relacionam na complexidade do humano (ALMEIDA e PLACCO, 2008, p.69 - 70).

A busca desse olhar é diária, pois muitas vezes os professores não estão onde e nem como queriam. É importante perceber as necessidades do profissional que está com o educando diretamente e vivencia as necessidades das suas turmas. O entendimento do que o profissional questiona e precisa é essencial para a qualidade do trabalho realizado pelas equipes. Tudo que é realizado nas escolas tem como foco os alunos, mas se não existir um olhar delicado para os profissionais que estão com esses alunos, nada vai adiantar.

Carvalho (1999) e Codo (1999), em seus relatos de pesquisa, nos reafirmam que a solicitação emocional vivida pelos professores é traduzida frequentemente em esgotamento, cansaço, desgaste, desilusão etc. Codo se utiliza da palavra Burnout para expressar uma síndrome decorrente das experiências do professor em sua profissão. Negar que esse quadro afetivo não tenha consequências nas relações pedagógicas em sala de aula, na prática docente do professor, é idealizar a prática docente, não a percebendo na realidade cotidiana das escolas brasileiras (ALMEIDA e PLACCO, 2008, p.72).

A aprendizagem pode acontecer de diversas formas, por pressão, por medo, por necessidade..., mas quando o aprendizado acontece com leveza, o cotidiano escolar fica mais agradável tanto para o aluno quanto para o professor. É preciso cuidar de quem ensina, é urgente que a valorização seja feita por todas as instâncias, mas ter alguém que entende o que é falado e vivido é essencial para o diálogo com os profissionais de ensino.

Propor a leitura de alguns trechos da Peça “Conselho de Classe”, de Jô Bilac (2014), nesse relato, é trazer a possibilidade do leitor se aproximar da realidade vivenciada pelos professores e mergulhar um pouco no universo escolar:

Paloma- (voltando do banheiro) Tá sem água. É isso que eu falo, tá vendo? Entra ano, sai ano, a mesma coisa. Começaram as férias, eles racionam. Eles acham que sustentabilidade é isso. Acham que não tem aluno, para que ter água? Quem é que está aqui? Não era para estar, era para estar em casa resolvendo a vida. Que vida? Nesse calor, quem vive? Nessa cidade cada vez mais cara, quem vive? Tudo caro, tudo cheio, tudo quente, não é para você, essa cidade não é para você, você não é para você. Você é para o outro. (grita para fora) Oi!!! Mas tem gente aqui, não tem bicho, não! E mesmo que tivesse bicho, não se nega a água! (BILAC, 2014, p. 33).

Rodrigo - A professora já poderia ter se aposentado... Por que continua?

Paloma - Só saio com a compulsória.

(eles riem)

Paloma - Tá rindo? Ri não. (doce) Você ainda vai me ver muito aqui. Essa escola é feia... velha... Não é perfeita..., mas eu sou igual! Também tive meus tempos áureos, láááá... (sorri) eu sei onde está cada livro naquela biblioteca, cada revista, cada grampo...É... A gente passa mais tempo no trabalho, do que em casa, do que no mundo...Por isso nem é mais questão de gostar, não, filho. Tá entranhado... não sai mais, não...É por isso que quando acontece uma coisa dessas a gente fica tão... Desculpa. Perdão.

Rodrigo estende um lenço para Paloma (BILAC, 2014, p. 43).

(O celular de Célia toca. Ela atende)

Célia - Oi, Guducho...Não, agora eu não posso falar...Te ligo depois, tá? (desliga) O professor tá muito bem preparado. Eu tenho duas faculdades, me considero uma mulher muito bem instruída, eu tenho três filhos, um neto em idade escolar. Eu sei o que tô falando.

O que o professor não tá preparado é pra ser agredido, violentado, desrespeitado diariamente, é pra isso que ele não tá preparado. Isso não vem na grade curricular.

Mabel - Mas isso é reflexo do que tá na sociedade. Por que na escola seria diferente? O mundo tá violento. E a gente faz parte desse mundo, não só como professoras, mas também como cidadãs, como mães, avós...

Célia - E o que você quer que eu faça? Que eu salve o Brasil com um toco de giz na mão? Que eu seja responsável...como foi o que você falou? Pelo...pelo “futuro do país”? Com essas salas superlotadas, você quer que eu dê conta de decorar o nome de todo mundo e ainda dê conta daquilo que eu nem mesmo a família deles consegue dar? Jura? Você tá me cobrando isso? Não posso. Não tenho condições. Físicas, mentais. Muito menos com salário que eu ganho.

Mabel - Então não sei o que a gente está fazendo aqui... (BILAC, 2014, p. 47).

A peça aborda só um pouco das incontáveis questões de um professor e suas demandas no sistema de ensino. Cada leitor será tocado de uma forma, mas ressalta-se que um professor, alguém que já passou por momentos parecidos, certamente será atingido de um modo totalmente diferente de outras pessoas. Só um professor pode entender certas angústias e necessidades de outro professor. Dentro do universo do magistério temos as subjetividades dos profissionais, dificilmente outro profissional terá o entendimento do que é vivido. E o professor em uma equipe interdisciplinar é o profissional que tem o conhecimento desse universo e que pode trocar os saberes da sua experiência como os professores que estão em turmas regulares.

Dentro das equipes do PROINAPE, o cuidado com o professor acontece de diversas formas: planejamento, estudo, reflexão e a escuta. Muitas vezes o profissional que está diariamente na escola, está tão mergulhado nas suas vivências que não consegue visualizar algo que está, em muitos casos, perto e latente. Esse olhar de fora, auxilia nas possibilidades de ação e mudança. Em muitos casos, apenas uma conversa e escuta é suficiente para o próprio docente encontrar suas possíveis soluções.

Magistério é uma profissão que exige o desenvolvimento da sensibilidade em seu exercício diário. São muitas vidas, muitas vontades, olhares, corpos...O tempo destinado para o conteúdo e a forma tradicional de ensino impedem que o processo de construção de conhecimento seja aproximado do desenvolvimento natural e lúdico. Quando é possível que o conteúdo seja próximo da realidade dos alunos, eles encontram legitimidade no processo de aprendizagem com um interesse natural e absorvem o que lhe é ensinado com um pouco mais de facilidade.

Dependendo da demanda a equipe do PROINAPE pode entrar em contato com o universo que envolve a vida do aluno. De onde ele vem, com quem ele mora atualmente, quais as condições da moradia atual, que tipo de estímulo e relação ele tem em casa com seus responsáveis, como é a alimentação do educando que estamos acompanhando. É muito importante olhar o indivíduo em

todos os aspectos de sua vida e poder auxiliar o professor na tarefa de aproximar o que é ensinado do que é possível de ser aprendido.

São muitos indivíduos em de sala de aula, e os planejamentos são necessários para que esse olhar seja pontuado nas escolas em suas metodologias e atividades pensadas para o educando e sua realidade. Com essas articulações que as equipes do PROINAPE fazem com as famílias e com os setores que acompanham o aluno é possível auxiliar o profissional, que está em sala, no conhecimento do seu educando para pensar em estratégias de atuação de acordo com as possibilidades e necessidades do aluno.

1.3 - O espaço escolar visto como potência

Não estou me referindo à disciplina Arte como subserviente de outras disciplinas, mas sim de que a construção de conhecimentos em arte contribui significativamente para que os alunos aprendam de uma forma diferente das usadas convencionalmente, com participação corporal intensa. Considerando-se o que é aprendizagem é, em primeiro lugar, como fenômeno humano, que envolve o interesse do sujeito em querer aprender, mas estratégias de ensino são de crucial importância para provocar esse interesse. (ALEXANDRINO, 2009, p. 11).

Alunos que são considerados bagunceiros, irresponsáveis, criadores de problemas, todos aqueles adjetivos que já conhecemos nas escolas, muitas vezes destacam-se nas aulas de teatro, como pude aferir em inúmeros Conselhos de Classe. “O *ser reconhecido* na arte pode ser uma ponte, um incentivo para se estudar as demais disciplinas escolares” (ALEXANDRINO, 2009, p.17). Entendemos a importância do encontro dos professores, nos Conselhos de Classe e Centro de Estudos, para a troca de experiências em relação a cada aluno, pois dessa forma fica mais fácil entender quais são suas habilidades e como o professor das matérias em que o aluno encontra dificuldade pode replanejar atividades alternativas.

Nem todas as escolas possuem profissionais de Artes Cênicas, por isso as ações do PROINAPE, pelo dispositivo do teatro, abrem a possibilidade de entendimento e conhecimento do aluno pela Coordenação, que pode passar para os professores características do educando que possam auxiliar na comunicação com os professores em sala de aula. Em muitos casos, esses alunos podem ser representantes de turma, monitores, auxiliando o funcionamento da escola e encontrando possibilidades de usar sua energia de forma produtiva.

(...) O processo de criar e fazer arte ajudará ao dar ao estudante oportunidades para se conectar consigo mesmo e com seus colegas de classe. E mais: quando o estudante desenvolve uma atividade de arte, por que está inteiramente envolvido - corpo, mente e espírito -, ele vai mais além do que aprender qual é a resposta correta para uma determinada

matéria estudada. Tal Estudante experimenta, vive a matéria e conseqüentemente têm condições de responder também quem, o quê, por quê, onde, quando e como (ALEXANDRINO, 2009, p. 17).

Quando o estudante se percebe pertencente do local em que estuda, é mais fácil despertar o interesse e cuidado em suas ações. Algo que transmita entusiasmo à sua presença no local de ensino, como atividades em que sua idade seja respeitada e nas quais se confortável, descobrindo novas possibilidades de expressão.

Os corpos em sala de aula são orientados a ficar quietos, enfileirados, para que o professor consiga falar com todos os alunos. Embora estudos provem que “levantar ou ficar de pé por algum tempo estimula o pensamento” (ALEXANDRINO, 2009, p. 19), a realidade da maioria das escolas (observadas por experiência em campo) é de, em média, 35 alunos por sala. Assim, manter a ordem entre os estudantes também é uma questão de segurança, pois, levando-se em conta que os corpos querem movimento, mas ainda estão sendo descobertos, em todas as suas fases de desenvolvimento, o risco de algum aluno se machucar é real.

Como os professores podem usar de outras metodologias de ensino nessa estrutura dos espaços escolares? Cada escola é uma escola, cada turma é uma turma e a realidade é subjetiva. Vamos apontar a importância em buscarmos alternativas e não desistirmos das tentativas, pois de alguma forma, sempre haverá um dia em que é possível ao docente se arriscar, e assim os alunos podem se interessar por novas propostas e auxiliá-lo a trabalhar de um modo inovador. É importante estarmos atentos às propostas dos próprios alunos para que os trabalhos estejam próximos das características e necessidades do grupo. Iniciar os trabalhos com atividades formatadas e sem possibilidade de modificação não vai colaborar para o sucesso das ações.

Considerando o processo de educação do adolescente, a motivação é responsável não apenas pela disposição para aprender, mas também pelo esforço e alternativas pessoais que o estudante cria no processo. Adolescentes são motivados pelo que eles percebem ser pessoalmente relevante. Além disso, a motivação é maior quando eles têm conhecimento de suas habilidades, opções de escolha e responsabilidades (ALEXANDRINO, 2009, p. 20).

A construção das aulas e a escolha das atividades pode ser pensada e construída com os alunos, que, inseridos em suas realidades, ao dialogar com o professor podem agregar os saberes de suas idades à experiência do docente, contribuindo para aulas que possam ser próximas das necessidades e linguagem do jovem. “(...) principalmente nos primeiros anos da adolescência, um estudante parece ter necessidade de discutir sobre todas as áreas e aspectos. Indo mais além, para muitos, a escola é o melhor ou o único lugar onde isto é possível” (ALEXANDRINO, 2009, p.22).

Debater, conversar, repensar, refazer, observar, são essenciais para que o adolescente se desenvolva e se sinta amparado para expressar-se, passando então a refletir sobre suas angústias com o grupo em que está inserido. As atividades do PROINAPE podem proporcionar momentos em que os estudantes possam se expressar; em especial no projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* isto acontece pelo teatro com seus jogos e elaboração de cenas.

Acredita-se, tomando por base teóricos como Ryngaert (1981) e Koudela (1984), que a vivência, a reprodução e a imitação, através da dramatização de situações-problema que cercam a vida do aluno na escola, na família e nos pequenos grupos, podem contribuir para que o educando experimente uma variedade de caminhos individuais e coletivos mobilizadores de um conjunto de experiências sensíveis (THOMAZ, 2009, p.16).

A experimentação pela dramatização de situações as mais variadas possíveis e que sejam a necessidade de expressão do grupo (ou indivíduo que será trabalhado) é um dispositivo muito potente para que o sujeito tenha outras possibilidades de comunicação. A descoberta dessa forma de trabalho é recebida com surpresa e alívio nos grupos em que são dinamizadas. Tanto os que assistem e os que estão vivenciando efetivamente podem se perceber de novas maneiras e, a partir dessa experiência, encontrar novas possibilidades de fala dentro das relações e entendimento de questões que eram difíceis de serem abordadas somente pela linguagem puramente verbal.

A expressão artística é democrática, pois todos podem se expressar do jeito que são e como conseguirem. Para isso é muito importante o manejo e cuidado nos primeiros encontros, pois muitos participantes chegam com traumas de experiências anteriores, tendo sido travados ou bloqueados em sua livre expressão pela condução equivocada, com técnicas limitantes, de algum profissional ou professor. Ao oferecer um espaço de trabalho com teatro, a introdução e o cuidado inicial são muito importantes para despertar nos participantes confiança e prazer na realização das atividades. Certos jogos fazem com que aos poucos a confiança se estabeleça e que o grupo possa chegar até a dramatização sem perceber que já está “fazendo teatro” ou qualquer outra atividade em que seu corpo tenha a possibilidade de se expressar livremente. “(...)a diferença entre a dança e as atitudes físicas de cada momento de todos nós é apenas isto: a linguagem é a mesma; só que uma se expressa em prosa corrente. A outra poesia” (WEIL e TOMPAKOW, 2019, p.268).

Existem várias possibilidades para trabalhar o corpo e alcançar um resultado libertador, em um processo no qual o sujeito passa a enfrentar seus desafios com mais segurança e prontidão. Quando percebemos a importância de um corpo ativo para uma mente saudável, vamos nos aproximando cada vez mais de formas que possibilitem esse caminho de trabalho pelo corpo. No livro *O corpo fala* algumas possibilidades são apresentadas, como a ioga (e os autores nos deixam

claro que “as diferentes espécies de ioga visam todas elas a fazer evoluir a nossa personalidade por inteiro”), e a dança “que permite um desenvolvimento da harmonia do nosso Ser através da harmonização dos movimentos”(WEIL e TOMPAKOW, 2019, p.266 e 267).

O corpo fala sem palavras
Pela linguagem do corpo, você
diz muitas coisas aos outros.
E eles têm muitas coisas a
dizer para você.
Também nosso corpo é antes de tudo
um centro de informações para nós mesmos.

É uma linguagem que não mente,
(...) (WEIL e TOMPAKOW, 2019, p.7).

Muitas vezes o trabalho do PROINAPE acontece nas escolas em poucos encontros; desse modo, aliar a expressão corporal à fala nos ajuda a interpretar, pelo corpo, algumas informações que possam nos auxiliar no encaminhamento do trabalho. Em muitos casos a expressão dos sujeitos pela fala demora, pois demanda confiança; observando a expressão dos corpos, podemos perceber o que os mesmos comunicam, compreendendo o que é preciso para dar continuidade e repensar nossas ações. “Boal costumava dizer que o corpo não mente, por isso, a eficácia do Teatro-Imagem” (SANTOS, 2016, p.80).

Em uma capacitação da Prefeitura, com a professora e atriz Suzana Saldanha¹⁵, aprendi um exercício que achei muito potente e passei a usar nas minhas aulas em turmas regulares desde então. Costumo dizer que essa é uma forma de conquistar o interesse dos alunos para o teatro e deixá-los com vontade de participar novamente das aulas. Desde que passamos a realizar esse exercício no PROINAPE, ele é sempre muito bem aceito pelos participantes; desse modo, costumamos atingir o nosso objetivo, mesmo com pouco tempo que costumamos ter para as ações.

¹⁵ Atriz e professora de teatro porto-alegrense.

TELEFONE SEM FIO DE IMAGENS:

Objetivo: Estimular a observação dos corpos e reprodução do que é percebido.

Os participantes estarão de costas para a plateia e um voluntário fará uma imagem corporal aleatória e de preferência bem elaborada, que não pode ser vista pelos outros jogadores. Um de cada vez vai observar a imagem feita pelo jogador e tentará substituí-lo, reproduzindo a imagem com o que ele conseguiu perceber. Quando o último jogador for reproduzir, ele fará ao lado do primeiro jogador (que ficará virado para a parede o tempo todo do jogo para não se influenciar pelas novas imagens feitas a partir da que ele fez), e assim verificaremos as mudanças que foram feitas durante as possíveis mudanças de participantes.

TEATRO-IMAGEM:

Objetivo: Fazer uma improvisação a partir das imagens construídas, estimulando o processo de criação a partir das possibilidades da expressão corporal.

Primeira etapa: Improvisação com imagens em grupo. Um de cada vez se colocará no espaço cênico com uma imagem corporal que indicará uma ação estática e os outros jogadores, a partir das imagens que já foram feitas, vão se encaixar nas imagens com uma ação que faça sentido com o que já está sendo realizado pelo grupo, sendo que o primeiro participante terá a liberdade de realizar a primeira imagem a que o seu corpo o conduzir. Quando todos tiverem no espaço cênico com suas imagens, teremos uma cena estática.

Segunda etapa: O jogo será conduzido da mesma forma que na primeira etapa, mas nesse momento, após realizarem as imagens, vão - na ordem que entraram em cena - falar uma frase, som ou palavra que o personagem estaria falando com aquela ação estática. É importante que o jogador não entre no jogo com algo já elaborado mentalmente e se deixe conduzir pelo que o grupo estiver construindo e improvisar no seu momento de criação.

Terceira etapa: Todas as etapas serão refeitas e após o final da última etapa os jogadores vão começar uma improvisação quando o facilitador der o sinal para começar.

É muito gratificante realizar esse exercício, que considero como um “coelho na cartola”, aquela atividade que terá um resultado positivo. Foram muitos anos em sala de aula na Rede Municipal, e mesmo nas turmas regulares, em salas de aulas superlotadas, era possível afastar um pouco as cadeiras e realizar a atividade perto de onde costuma ficar o quadro de aula, sempre

conseguindo um retorno interessante dos alunos. Em depoimento para essa pesquisa, Débora Almeida nos fala da utilização das técnicas do Teatro do Oprimido em suas ações:

O aluno atua, reflete, ele vê na ação dele a possibilidade de uma modificação de uma situação. E porque o Boal traz técnicas muito simples, você pode utilizar em qualquer lugar como ele mesmo fala, pode fazer teatro dentro de um elevador, né? Ou até mesmo dentro de um teatro. Então, a gente, com poucos elementos, com poucos recursos, e às vezes sem nenhum recurso, só com a proposta, a gente pode estar criando situações dentro de sala de aula e a partir daí construir muito conteúdo.

O projeto *Corpo Expressivo* trabalha muito com os educadores e temos um resultado de muito entusiasmo na realização dessas atividades. O “adulto” costuma deixar de lado as possibilidades de expressão lúdicas e artísticas, e no momento em que podem relembra-la seus corpos e semblantes mudam. É gratificante. Fizemos esse trabalho em um Centro de Estudos de uma escola na 5ª CRE e ao chegarmos uma professora estava com uma postura nada receptiva, fazendo pensar que seria um desafio o trabalho com a mesma, apesar de sempre ficar muito confiante com essa atividade, pois sempre temos bom retorno de quem participa. E o resultado foi surpreendente, a professora no final fez questão de falar e disse que depois de muito tempo aquele havia sido um encontro pedagógico que tinha feito sentido para ela e que levaria o aprendizado para a sala de aula. Seu depoimento nos provocou alívio e alegria, pois é gratificante saber que, além de gostarem da atividade, aqueles participantes vão levá-la para outras pessoas, multiplicando assim o prazer em conhecer novas possibilidades de trabalho no espaço escolar.

CAPÍTULO II – METODOLOGIAS

Para a arte, a palavra “estética” possui um significado muito amplo. Costuma-se dizer que a arte provoca uma experiência estética em quem entra em contato com ela. Essa palavra vem do grego *aisthesis* e se refere à percepção sensorial, àquilo que nos chega pelos sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato). A percepção pelos sentidos pode gerar reações adversas, o que faz com que a experiência estética envolva emoções, as memórias, a imaginação e as associações com a história de cada pessoa. Desse modo, uma mesma obra de arte pode provocar experiências estéticas muito diferentes nas pessoas. (BOZZANO, FREINDA, GUSMÃO, 2016, p. 14).

Na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro há um pouco mais de 1000 unidades escolares, havendo no PROINAPE em torno de 180 profissionais para o trabalho com a Rede. Fica claro então que existe um déficit de profissionais no projeto, e com isso precisamos pensar em estratégias para atender o que é possível dentro desse quadro.

O programa já tem 10 anos de atuação, com sua estrutura composta por Assistentes Sociais, Psicólogos e Professores. A partir dessa formação, muito já foi pensado e construído, para que o atendimento às unidades escolares atenda o maior número possível destas, com qualidade. “Pretende-se, por meio de estratégia coletiva, o fortalecimento do espaço escolar a fim de contribuir na superação das dificuldades que emergem nesse contexto” (COSTA, SANTO, ROCHA, 2019, p. 19).

Nossa atuação nas escolas pode acontecer a partir de uma solicitação dos setores e segmentos que envolvem o sistema educacional. Podemos também oferecer projetos para reflexão/atuação nos impactos do cotidiano escolar.

O primeiro contato em qualquer relação é permeado de cuidados, em que os envolvidos costumam analisar como podem se colocar disponíveis para o outro, sendo essa primeira etapa o momento de revelar ou não revelar como cada um é e como quer ser visto. O tempo é fundamental para que as relações se estabeleçam e se desenvolvam. Uma vez que não estamos diariamente nas escolas (em algumas escolas com mais frequência e em outras realizamos apenas um encontro), nós do PROINAPE precisamos encontrar e acionar metodologias que alcancem os objetivos do trabalho em poucas ações.

Percebemos que muitos profissionais optaram pelas múltiplas linguagens por perceberem a potência da expressão pelas artes nas atividades que foram realizadas com essa metodologia. Temos muitas experiências bem sucedidas e que serão relatadas nesse trabalho, de modo a que não apenas aqueles que trabalham no setor, mas também os profissionais das escolas poderão, ao ler a seu

respeito, delas se apropriar e até reinventar novas propostas, adequando-as à estrutura disponível nas escolas em que estiverem desenvolvendo sua atividade profissional.

Em 2018, o PROINAPE esteve à frente de um trabalho com os grêmios estudantis das escolas, nos quais fomentamos a elaboração de chapas, eleição e entendimento das funções de um grêmio no ambiente escolar. O contato com os educandos nos fez ouvir muito sobre os seus interesses e vontades e uma das reivindicações foi a necessidade de “aulas diferentes”, sendo citados exemplos como: pinturas, jogos, teatro, dança...Queriam atividades que pudessem trabalhar suas emoções e seus corpos favorecendo, a comunicação no espaço escolar. “(...) não há como estar no mundo sem ser tão múltipla, não há como conceber espaços de aprendizagem em formação se não acolho essas expressões tão diversas e amplas, como é o próprio ser humano” (Valéria Neves em depoimento para esse trabalho no dia 17 de outubro de 2019).

Diante de tantas dúvidas de como acessar esse aluno do século XXI, o PROINAPE pesquisa formas de expressão como alternativa de comunicação. Em tempos em que os jovens não querem se desconectar das mídias sociais, trabalhar com as múltiplas linguagens nas escolas é estabelecer um diálogo a partir da experiência que eles desejam. Desse modo, são oferecidas também aos profissionais das escolas vivências próximas às que os alunos solicitam, levando para os seus corpos novas experiências, que não apenas podem romper alguns bloqueios como principalmente estimulam novas possibilidades de trabalho em suas aulas.

Nosso objetivo nas escolas é o aluno, mas para que este consiga se desenvolver, os funcionários precisam ser valorizados e acolhidos em seus impasses diários. As ações com os adultos também precisam ser pensadas com muito cuidado e atenção, pois já existe uma resistência aos trabalhos que chegam formatados e que desvalorizam os saberes e ações já existentes e desenvolvidos por toda comunidade escolar.

Quando uma equipe do PROINAPE trabalha com uma turma, pode pensar em estratégias para atingir o objetivo da demanda que está trabalhando. Muitas vezes realizamos a divisão das turmas em dois grupos para possamos oferecer uma atenção maior aos casos individuais, conhecendo assim melhor o grupo que vamos trabalhar. Nossas equipes costumam ser formadas por dois ou três profissionais, o que colabora para que a atividade seja realizada, já que o número de estudantes é menor, e quando é necessário ter alguma intervenção específica com um ou mais alunos, um profissional pode dar atenção enquanto o outro continua realizando com o grupo a atividade.

Que fique claro que não é tão simples e fácil para o professor dinamizar atividades que quebram com a rotina e com a estrutura convencional da sala de aula, principalmente com o Primeiro

Segmento da Educação Infantil. Os alunos menores gostam de brincar livremente e por mais que tentem manter algum controle, o entusiasmo é tanto, quando participam de atividades corporais, que podem sair um pouco do limite seguro para uma turma. Apesar de todas as dificuldades, precisamos investir e tentar novas formas de trabalho com os alunos. Oferecer possibilidades e perceber se é possível ou não continuar as atividades que costumam sair da estrutura tradicional.

Ao terem acesso a diferentes atividades, com as equipes do PROINAPE, os alunos passam a conhecer os benefícios de participar de aulas com propostas alternativas de trabalhos em grupo. Ao perceberem que podem ter a mesma atividade com seus professores, eles passam a buscar uma organização entre seus colegas de turma para auxiliar seus professores na realização das atividades. Não é sempre que esse despertar ocorre, mas de alguma forma, a maioria interessada acaba chamando a atenção dos colegas que não conseguem ter controle.

Alguns trabalhos se destacam no programa, como *História, memória e cultura na escola, Poesia Falada e o Teatro*. São desses dispositivos que vamos focar neste capítulo, deixando claro que esses são apenas alguns dos usados no nosso trabalho, mas como o objeto dessa pesquisa será o teatro, o caminho escolhido foi pelas linguagens proximais e que de alguma forma a equipe inicial de *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* vivenciou durante a elaboração e execução do projeto.

(...) fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir, com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens e identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade. (ARANTES, 1982, p.78).

Participar nas escolas de trabalhos em que os sujeitos possam expressar suas angústias e até mesmo suas conquistas é oferecer uma forma deles se sentirem pertencentes àquele espaço e aos poucos encontrarem os sentidos necessários para a construção do conhecimento. Quando o corpo vive, sente e realiza, ele concretiza e ganha dispositivos para sua continuidade no meio escolar e na sociedade. “Quanto mais perversa é a sociedade com a infância com a velhice com maior ênfase as artes e as letras terão de proclamar com indignação em múltiplas linguagens a urgência de cuidá-las” (ARROYO, 2012, p. 296). Diante de tudo que estamos vivendo em nosso país, precisamos mais do que nunca, oferecer aos educandos novas formas de expressão no espaço escolar. O convívio com outros educandos em atividades que possam aproximá-los, que reforcem a importância do respeito e o prazer em aprender, podem potencializar os alunos em suas relações na escola.

O levantamento dos processos artísticos no PROINAPE é importante para destacar os caminhos que já foram trilhados e que continuam a ser construídos no setor. Ao registrá-los, nos

propomos a aguçar os sentidos e as lembranças dos profissionais que muitas vezes acabam deixando de lado a potência de seus trabalhos com as linguagens artísticas. Segundo Janaína Isidro, psicóloga do PROINAPE e integrante do *Corpo Expressivo* “as múltiplas linguagens como dispositivo tem pra mim um sentido de amplitude, de alargamento do olhar, de criação de possibilidades de escuta, de provocação e de composição e expressão” (em entrevista para essa pesquisa, 15 de outubro de 2019). Compartilhar ações bem sucedidas não é garantia de sucesso em outras escolas, mas sem dúvida pode auxiliar à construção de caminhos de outras equipes e dos profissionais de outras unidades escolares.

2.1- História, Memória e Cultura na Escola

É preciso explicar por que o mundo de hoje, que é horrível, é apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições. E eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro (Jean Paul Sartre, em prefácio para *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon (1963). Texto narrado no documentário *Encontro com Milton Santos*, de Silvio Tendler..

Uma das metodologias de trabalho do PROINAPE é o Projeto *História, Memória e Cultura na Escola*, que se propõe a acessar e resgatar um pouco da história de cada sujeito por diferentes ações no ambiente escolar, possibilitando que os sujeitos se percebam enquanto pertencentes ao espaço com sua bagagem cultural e com possibilidade de troca com outros sujeitos e suas histórias.

A partir do Projeto *Memória Local na Escola*, que foi apresentado para o NIAP em 2012, pelo Museu da Pessoa¹⁶ e o Instituto Avisa Lá¹⁷, as equipes do programa passam a conhecer a nova metodologia que, segundo o relato dos profissionais que participaram da capacitação “(...) aponta para o investimento numa proposta de valorização da memória de comunidades, envolvendo os alunos e familiares na captação, na escrita e em outros modos de registro e expressão das histórias dos moradores do município do Rio de Janeiro, por meio da metodologia de registro da história oral”.

No início de 2013, as miniequipes que haviam participado da formação no ano anterior e vivenciaram o projeto *Memória Local na Escola*, escreveram, com base no que aprenderam, o projeto *História, Memória e Cultura na Escola*, com objetivo de trabalhar com essa metodologia nas ações do PROINAPE dentro das escolas. “Isso porque se percebeu que as diversas expressões da

¹⁶ <https://www.museudapessoa.net/pt/home>

¹⁷ <https://avisala.org.br/>

memória e da história constituem poderosas ferramentas de transformação das relações entre a Escola e a Comunidade, porque faz circular os diferentes sentidos constituídos pelos participantes da atividade” (Projeto História, Memória e Cultura na Escola, s/p). Segundo Lourdes Gigante, em conversa comigo sobre o projeto:¹⁸

O trabalho continuou nos anos subsequentes, com um número variado de CRES, escolas, turmas e miniequipes envolvidas. É importante destacar que o trabalho proposto envolveu diferentes formas e modos de reflexão sobre vários aspectos do cotidiano social e individual dos alunos e outros responsáveis pelo processo de trabalho. Isto ampliou os espaços de reflexão sobre as práticas pedagógicas e contribuiu para os processos de formação continuada dos profissionais envolvidos.

Neste ano, 2019, estamos em uma ação com a professora Lourdes Gigante em uma equipe de trabalho com alunos de duas turmas do projeto Carioquinha¹⁹, um no horário da manhã e outro no horário da tarde. Fomos para essa ação com a equipe interdisciplinar completa, contando com a presença de uma assistente Social e uma psicóloga. Iniciamos com a proposta de intercalar o trabalho do *Corpo Expressivo* com o projeto *História, Memória e Cultura na Escola*, mas o segundo se mostrou mais adequado pela proximidade com a alfabetização e com a escrita, além de despertar essa aproximação dos alunos com a história de suas vidas, dos seus familiares e da comunidade em que vivem, fomentando assim a consciência de perceberem seus lugares de potência ao invés de lugares de carência, essencial para alunos com defasagem de idade e série.

Relato abaixo algumas das atividades realizadas com a turma do projeto Carioquinha, sugeridas por Lourdes Gigante:

- Os alunos criaram um personagem pelo desenho do número da turma, fazendo uma atividade de dobradura e em seguida pintando coletivamente o personagem formado. Logo após, escolheram do nome do personagem, onde puderam fazer sugestões e depois votar no nome com que mais se identificaram. A turma 7001 escolheu “Jumento” e a 7002 “Luauã”.

¹⁸ Professora do NIAP, com experiência em alfabetização, que supervisionou, em 2012, o Projeto *Memória Local na Escola* e coordenou, desde 2013, com outros profissionais, o Projeto *História, Memória e Cultura na Escola*.

¹⁹ Projeto da Rede Municipal para alunos do 3º ano com defasagem de idade e série e que ainda não se alfabetizaram.



Dobra-se o papel ao meio, escreve o nome em letra cursiva, recorta, abre -se a folha, e do outro lado o aluno cria uma caricatura.

Figura 1 – Mascotes da turma 7001 e 7002.

- A professora Lourdes Gigante escolheu o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, que trata sobre diferentes tipos de memória. Assim pudemos introduzir o tema com a turma, que logo após a leitura do livro realizou uma atividade para resgatar seus vários tipos de lembranças.

Este título é o nome do personagem, que era vizinho de um asilo de idosos, todos seus amigos. Mas era de Dona Antônia que ele mais gostava. Quando soube que ela perdera a memória, quis saber o que isso significava e foi perguntar aos outros moradores do asilo. Como resposta, ouve que memória é algo: bem antigo, que faz chorar, faz rir, vale ouro e é quente... Então, monta uma cesta e vai levá-la a Dona Antônia. Quando ela recebe os presentes 'maravilhosos', conchas, marionete, medalha, bola de futebol e um ovo ainda quente, cada um deles lhe devolve a lembrança de belas histórias. (Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/guilherme-augusto-araujo-fernandes-374012/p>> Acesso em: 05 de outubro de 2019)

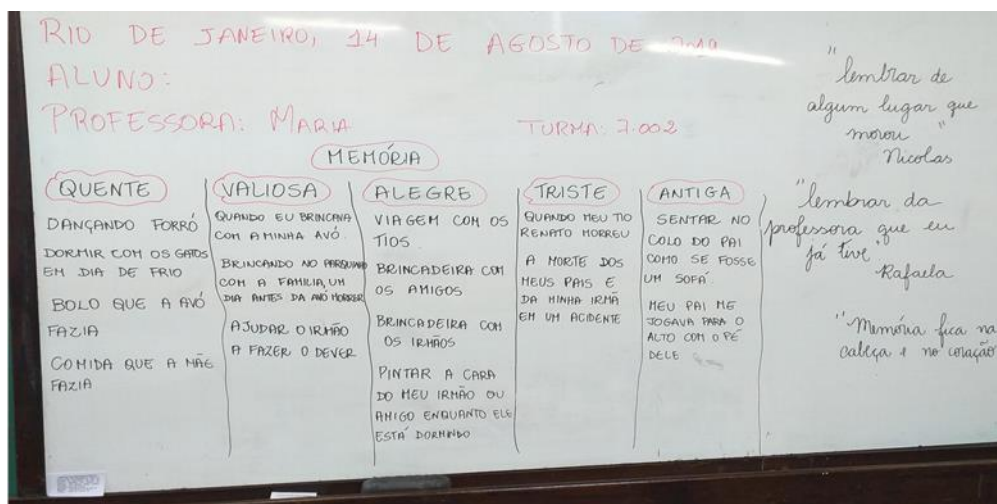


Figura 2 – Alguns tipos de memórias lembrados pelos alunos.

- A pedido da equipe, os alunos trouxeram objetos significativos, com os quais tivessem alguma ligação afetiva que pudesse ser relatada. Na turma da tarde, com a qual trabalhei, apenas um aluno trouxe o objeto solicitado: seu capelo, que deu margem a que ele

nos contasse sobre a sua formatura na Educação Infantil. Os outros alunos esqueceram de atender ao pedido, mas embarcaram no relato do colega e fizeram associações com as suas memórias. A atividade rendeu muitas conversas e muitas lembranças a partir do objeto de apenas um aluno. O amigo que estudou na mesma escola recordou também da formatura, outro conta que não houve essa cerimônia na sua escola, alguns mencionam fatos de suas escolas, recordam de suas professoras... E os olhares ganham força, os corpos se colocam disponíveis para escutar e trocar com aqueles colegas que encontram diariamente e que, em muitos casos, sobre cujas histórias sabem pouco.

- Os alunos escolheram um profissional da escola o qual eles tivessem interesse em entrevistar. Na turma da manhã optaram pelo diretor e na turma da tarde pela professora da turma. Elaboraram o roteiro da entrevista, fizeram as combinações de como seriam distribuídas as tarefas: alguns alunos fariam as perguntas e outros desenhariam o que o entrevistado contava. Foi muito interessante perceber a animação dos alunos durante a atividade. E os profissionais escolhidos para serem entrevistados também ficaram nervosos e felizes por poderem oferecer esse momento aos alunos.

- A partir das informações de cada entrevistado e dos desenhos realizados, a equipe vai elaborar²⁰ um livro e que terá um momento de culminância em que eles vão autografar os livros para os pais.

Ao iniciar seus estudos com o que têm de próximo, que é a sua história familiar e seus registros, o educando desperta seus sentidos na busca dos códigos necessários para sua caminhada no meio escolar. O entendimento de quem ele é e de onde ele vem, pelo reconhecimento e identificação com o que lhe é mostrado na escola, aproxima o aluno do conhecimento, que precisa estar entrelaçado com sua vida.

É fundamental entrar em contato com a história dos nossos familiares, do lugar onde nascemos, da escola onde estudamos, da cidade em que moramos e dos registros possíveis para acessar e resgatar nossa identidade e nossas origens. A partir desse contato, a percepção do “eu” fortalece o desenvolvimento do educando, que passa a se enxergar como ser histórico.

²⁰ Até o momento dessa escrita essa fase ainda não havia sido realizada.

Uma das únicas ações do Corpo Expressivo foi realizada entre a atividade de elaboração e realização da entrevista. Fizemos *Telefone sem fio de Imagens e Teatro-Imagem*²¹. Dividimos as turmas em dois grupos e depois que os jogos foram feitos em grupos separados, fomos para a sala de aula e reunimos a turma toda e mostramos para a professora o exercício trabalhado. Um dos alunos pediu que ela participasse do jogo, inicialmente ela negou, mas depois que resolveu participar pode perceber uma nova possibilidade de trabalho com os alunos, que gostaram muito de participar da atividade com a docente.



Figura 3 - Posição para iniciar os jogos com Patrícia Almeida dinamizando.

As atividades foram conduzidas, na maioria do tempo, pela assistente social Patrícia Almeida, que a cada dia está ganhando confiança para dinamizar os jogos. Costumo dizer que não são todos que me deixam tranquila quando estão conduzindo as atividades, nas quais algumas vezes interfiro. Patrícia tem me surpreendido: fico tranquila e encantada ao perceber como ela se apropriou do trabalho.

Após a atividade, vários alunos perguntaram: “Quando vocês voltam?”. Sempre digo para que peçam à professora para fazer essas atividades com eles, mas que precisam passar confiança para que ela se sinta segura em conduzi-las. Esses jogos despertam novas possibilidades nas relações e eles ficam muito animados em participar. Uma aluna me

²¹ A descrição do exercício está na página 39.

contou que fez um jogo em casa para mostrar para a mãe. Em outra escola, percebi, quando estávamos indo embora, que os estudantes estavam jogando no pátio.

Utilizamos pela primeira vez a metodologia do *Corpo Expressivo e do História, Memória e Cultura na Escola*, mas as duas não se misturaram nas ações. Não tivemos muito tempo para planejar as atividades, o que dificultou essa possibilidade, mas acho que a prática nos ajudou a entender melhor como as duas metodologias poderão ficar mais interligadas nos planejamentos futuros.

2.1.1- Memórias da Adolescência

Fazer esse exercício de lembrar nossas próprias vivências dos tempos da vida pode ser um bom exercício para melhor entender sua centralidade em nossa formação e até melhor entender os educandos. Vários professores têm comentado que quando tem de tomar uma decisão sobre o que fazer na sala ou como tratar os alunos têm como hábito tentar situar-se no lugar deles, lembrando de quando eram crianças, adolescentes ou jovens. Lembrar que fomos alunos e alunas, adolescentes ou jovens pode ser uma maneira de redimensionar nossos comportamentos docentes. Vivemos essas experiências de maneira tão diferente? Lembrar de nossos tempos, um exercício formador. Por que não fazer esse exercício coletivamente? Talvez as lembranças dos tempos vividos adquiram novos significados quando lembrados coletivamente. (ARROYO, 2012, p. 308 e 309).

Um exercício que resgatamos e sempre utilizamos é com o despertar das memórias da adolescência dos participantes. Durante muito tempo o *Corpo expressivo* foi adaptando o exercício a partir das minhas lembranças de uma atividade que participei em 2016 e com sugestões que as outras integrantes do projeto acrescentaram.

Participei da atividade em 2016, quando ainda estava lotada em uma escola com turmas regulares como professora de Artes Cênicas. A assistente social, Ana Paula Reguete, pós graduada em Gênero e Saúde pela UFF, esteve no Centro de Estudos como integrante do PROINAPE para realizar uma atividade chamada *Adolescência e Escola*, buscando despertar a reflexão dos professores daquela Unidade Escolar acerca do modo como trabalham com o adolescente, a partir do resgate da memória de cada um acerca do modo como experimentou aquela fase da vida. Como Ana Paula foi com mais uma pessoa da equipe para realizar a atividade, no começo ambas foram vistas pelos professores com um certo incômodo, já que costuma existir uma resistência inicial com atividades propostas por profissionais que estão fora da escola.

Quando Ana Paula nos pediu para formar um círculo para realizar a atividade, o desconforto inicial com uma proposta de dinâmica de grupo surgiu. Como eu já sabia que provavelmente iria

para o PROINAPE, pois já estava praticamente tudo certo com a minha requisição²², coloquei-me à disposição da atividade dentro do possível e aproveitei para ficar de alguma forma distanciada para entender como eram as ações do programa. Particpei da atividade, mas pensava enquanto uma profissional que estaria naquele lugar no ano seguinte.

A experiência foi muito produtiva e todos os profissionais da escola saíram rindo; até uma das professoras que estava relutando para participar da atividade disse sorrindo: “Ah...até que foi bom, né?” Vi meus colegas satisfeitos e reflexivos a partir da atividade realizada pela Ana Paula. Saí entusiasmada pelo trabalho, pois pude relembrar de quem eu fui na adolescência e assim me aproximar dos meus alunos; dificilmente paramos para resgatar nossas memórias boas ou ruins, mas que fazem parte da nossa história e que podem nos auxiliar de diversas formas.

Ao entrar para o PROINAPE, sempre que estava com a Ana Paula, falava da atividade, pois achava importante relembrá-la para utilizá-la nas minhas ações com o *Corpo Expressivo*, mas demoramos muito para conseguir esse momento. Enquanto aguardávamos o encontro com a assistente social, a fazíamos com nossas adaptações, que funcionaram também:

MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA ADAPTADAS PELO CORPO EXPRESSIVO:

Convidar o grupo a um retorno às lembranças deste período da vida, sugerindo que fechassem os olhos. Algumas das perguntas que podem ser feitas: “Que espaços você frequentava? O que te deixava alegre e o que te incomodava? Como era a relação com seu corpo? Como era sua escola?” Deixar os participantes entrarem em contato com suas lembranças durante um tempo e pedir que escolham uma experiência ou situação de qualquer tipo que foi marcante para eles. Em seguida, realizar algumas perguntas: “Como era viver essa experiência? Como você se sentia naquele momento? Quais sentimentos, sensações e pensamentos te habitavam? Como seu corpo estava naquele momento? Relaxado, tenso, parado, em movimento, limitado, livre? Que lugar você ocupava nesta situação? Se pudesse mudar esta situação, o que faria?” Reservar alguns minutos para este processo.

Depois de algum tempo pedir que os participantes abram os olhos. Dividir o grupo. Orientar que cada grupo um no grupo apresente para os seus parceiros algumas de suas memórias que se sinta à vontade a dividir. Após todos contarem um pouco de suas recordações, no próprio grupo, eles devem escolher como podem apresentar as memórias do grupo: escolhendo uma, juntando várias ou

²² A chefia do PROINAPE fez a minha requisição à diretora da escola em que eu lecionava, que preparou a documentação, o nada opor, para que eu levasse à coordenadora da 1º CRE, que aceitou o pedido de requisição, cedendo o meu cargo para o PROINAPE no final de 2016 para já iniciar 2017 no Programa.

criando uma nova, a partir daquelas que foram compartilhadas entre eles. Os integrantes poderão utilizar diversos recursos expressivos nesta apresentação: um poema, uma história, um movimento, uma cena, uma dança, uma música, um desenho etc.

Em 2019, finalmente pude recordar a atividade com Ana Paula, que foi convidada para dinamizar a atividade com os profissionais do PROINAPE, que estão responsáveis pelas ações *Interfaces entre transferência e permanência os usos do Regimento Escolar*²³. Cada coordenadoria possui uma equipe do PROINAPE que promove os encontros e todas as equipes se reúnem para elaborar as ações. Uma das minhas sugestões para o primeiro encontro, já que estávamos falando de adolescência, foi a realização dessa atividade para abrir os trabalhos.

Os profissionais das equipes curtiram muito serem conduzidos pela Ana Reguete e Shirley Cavalcante de Lima, psicóloga do PROINAPE da 1ª CRE e já iniciaram a aproximação com o universo da adolescência, lembrando seus momentos e suas emoções nesse período. Foi um momento marcante, divertido e nostálgico para as nossas equipes. Como não conseguimos reunir todos os profissionais nesse dia, repetimos a atividade antes do primeiro encontro, mas desta vez sendo dinamizado por profissionais que a haviam aprendido com a Ana Paula.

Uma das ideias que surgiu também foi que enquanto os participantes fossem chegando, um vídeo com imagens dos anos 70, 80, 90 e início de 2000, pudesse ser projetado com músicas também dessa época, para que, ao chegar no local, onde os encontros seriam realizados, os participantes já fossem entrando em contato com suas memórias. A equipe enviou para Andreia Moraes algumas imagens e sugestões de música para que ela pudesse criar o vídeo, que ficou muito interessante. Temos um grupo no *whatsapp* e a cada foto enviada surgiam os comentários nostálgicos. Segue abaixo a descrição da atividade:

²³ Encontros com profissionais das escolas para refletir sobre o Regimento Escolar. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/3487204/DLFE-264117.pdf/1.0>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020.

ADOLESCÊNCIA E ESCOLA:

Os dinamizadores entregam três papéis coloridos para cada participante (Folhas de três cores diferentes divididas em tarjetas) e entregam canetinhas para os participantes que serão organizados em círculo para a atividade.

Recomendações iniciais:

- Desligar ou afastar os celulares.
- Evitar parar para banheiro ou café.
- Tirar pertences do colo.

- Responder as solicitações por método associações livres, não pensar muito e deixar que a primeira palavra seja colocada nos papéis.

O dinamizador escolhe uma das cores para que o grupo separe para que seja a primeira a cor a ser usada pelo grupo e faz a primeira orientação:

Qual a primeira palavra que vem a sua cabeça quando falamos NA SUA ADOLESCÊNCIA?

Os participantes vão escrever e deixar separado aguardando que todos escrevam. Importante deixar claro que não é para falar durante esse início do exercício.

O dinamizador escolhe uma outra cor para que todos escrevam a primeira palavra que pensam quando lembram da SUA ADOLESCÊNCIA NA SUA ESCOLA.

E com o terceiro e último pedaço de folha que escrevam o que pensam sobre A ADOLESCÊNCIA NESTA ESCOLA (pontuando o local que gostaríamos de fazer o paralelo.

Quando todos acabarem de escrever o dinamizador pede que falem, de forma voluntária, para iniciar sobre a palavra da primeira orientação e ao falar que elabore fale um pouco sobre a sua palavra. Os outros também podem fazer comentários a partir das palavras dos outros participantes e até emendar com a sua da primeira etapa. A cada palavra dita, será entregue ao dinamizador que colocará com fita adesiva todas as palavras em um espaço do local em que estão realizando a atividade. Após todos falarem as palavras da primeira etapa, o dinamizador passa para a segunda etapa e que ao acabar será conduzida para a terceira etapa.

Marcadores: História dos professores que se conectam, experiências das múltiplas adolescências, relação da escola que perpassa a experiência dos inúmeros encontros de afeto, escola uma conquista da LDB, Constituição de 1988 e ECA. A escola trazida pelos professores passa pelo desejo para manterem suas vagas nas escolas. Hoje educação é garantida por lei. Direito da Criança e Adolescente (Pontuações feitas por Ana Paula Reguete ao revisar minhas anotações sobre o exercício. Feitas em 11 de outubro de 2019 para esse relato).

Fiz parte da equipe da 9ª CRE²⁴, para essa ação, com a nossa gerente Kátia Rios e com a psicóloga Janaína Isidro que também faz parte da equipe do *Corpo Expressivo*. Foi interessante poder aplicar a atividade com os professores, coordenadores, diretores e funcionários e perceber que ficaram tão tocados quanto fiquei quando fiz em 2016, no encontro que Ana Paula realizou na minha escola. Lembrar de quem fomos e como pensávamos nos aproxima das crianças e dos jovens das escolas, a quem precisamos proporcionar uma vivência de reconhecimento das próprias memórias.

2.1.2 - Fortalecendo a identidade dos jovens pela história da sua comunidade

Marginal quer dizer

Que recusamos o lugar de espectadores da nossa própria vida;
Que não fazemos acordo com o senso comum do bom e do bonito;
Que não seguimos os modos de existir que planejaram para nós;
Que nos perguntamos qual é a função desse teatro;
Que ainda acreditamos na função reflexiva;
Que queremos uma arte viva e direta, capaz de ser mais potente que uma arma de fogo;
Que essa arte não cultiva rótulos, não delimita áreas, não guarda respostas;
Que queremos estar disponíveis e sensíveis para seguir em fluxo;
Que não somos reprodutores de estéticas, de produtos, de discursos;
Que se resistimos é pelo movimento pela reinvenção;
Que não somos carentes;
Que somos os atores principais de nossa arte/vida;
Que não respeitamos os muros;
Que tomamos o poder de nossos corpos.

(PENONI, TROTTA, 2015, p. 101 e 102)

²⁴ 9ª CRE – Campo Grande, Cosmos, Inhoaíba, Santíssimo e Senador Augusto Vasconcelos. Sua sede está localizada à Rua Amaral Costa, 140, no centro de Campo Grande.

Quando oferecemos ao educando a oportunidade de trazer suas vivências para o espaço escolar, estabelecemos um ponto de encontro para iniciar o processo de ensino-aprendizagem. Precisamos encontrar novas formas de potencializar o que o aluno já leva para a escola e trabalhar com o que ele domina. Contextualizar o que é dito e aproximar de suas realidades. “(...) o desejo de tornar histórias inéditas e rostos invisíveis reconhecidos e respeitados. E isso só se pode fazer através de uma arte poderosa, sem a qual, acreditam eles convictamente, as suas sociedades seriam mais pobres” (CRUZ, 2015, p. 82).

Na construção do conhecimento, dar a chance aos alunos de trazerem a história das suas comunidades, que é o local onde nasceram e onde podem apresentar seus saberes, faz com que se reconheçam enquanto cidadãos, levando suas vozes para onde quiserem. Nada mais fluido que um trabalho em que acreditamos e sabemos do que estamos falando. Os educandos precisam ser chamados a se conhecerem e quanto mais se problematizam, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados (FREIRE, 2005).

Temos alguns exemplos de grupos teatrais que despertaram a potência da sua comunidade encenando suas próprias histórias e fortalecendo a identidade dos jovens daquele local. Gosto muito de citar uma frase que Wallace Lino, da Cia Marginal²⁵ falou em um encontro na aula da Marina Henriques²⁶ “O teatro era um espaço onde o jovem falava melhor”. A identificação com a própria história aproxima os sujeitos do que lhes é palpável, que é a sua realidade, a sua construção; assim eles ganham voz, propriedade e lugar de fala, empoderando-se diante do sistema que insiste em calá-los.

²⁵ A Cia Marginal nasce em 2005, na favela da Maré (Situada entre a avenida Brasil e a Linha Vermelha, a Maré é hoje o maior bairro popular do Rio de Janeiro), de um encontro entre artistas de diferentes origens, formações e experiências, de dentro e de fora da comunidade, acionados a partir de cursos e oficinas promovidos pela Rede de Desenvolvimento da Maré (Uma instituição da sociedade civil que tem por objetivo o desenvolvimento integrado das comunidades da Maré, por meio da atuação em diferentes campos das políticas sociais).

²⁶ Marina Henriques Coutinho é Professora do Departamento de Ensino do Teatro, do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É Doutora em Artes Cênicas (UNIRIO), Mestre em Teatro (UNIRIO), atriz e Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

E, se entendemos a dramaturgia não apenas como trama, narrativa, e diálogo, mas principalmente como visão de mundo, linguagem, ação diante da vida, podemos dizer que é nesse imenso caldeirão de referências que se forma dramaturgia cênica da Cia Marginal.

O espetáculo *Qual é a nossa cara?* foi criado a partir de entrevistas com os moradores mais antigos da Nova Holanda, que é uma das dezesseis comunidades que compõem a Maré, área onde a companhia se encontra sediada. Eles trazem à luz a figura de Jorge Negão, o chefe do tráfico nos anos 80 e cuja trajetória se torna o fio condutor (embora diluído) de uma narrativa construída em fragmentos que se referenciam na história do bairro. As cenas se deslocam do passado para o presente, estabelecendo paralelos que só podem ser plenamente lidos pelos moradores (PENONI, TROTTA, 2015, p. 83 e 84).

A construção da Cia Marginal é um exemplo de ação em que o teatro proporciona que o jovem possa se reconhecer no trabalho realizado. Na elaboração das peças são ressaltadas as memória e experiências de vida dos atores e de todos moradores da favela. “(...) Pode-se dizer que hoje a Cia Marginal é formada por militantes que procuram transformar a realidade que os cerca (...). Em grupo, eles fazem do teatro uma frente de ação coletiva e de libertação pessoal” (PENONI, TROTTA, 2015, p. 102).

Levar às escolas maneiras dos alunos descobrirem suas potencialidades pelas ações artísticas, onde o conteúdo é próximo da sua vida, da sua comunidade, da história da sua família, é proporcionar ao educando a possibilidade de compreensão de sentido e de entendimento dos objetivos da escola, despertando o desejo pelo conhecimento que pode ser apropriado ao seu dia a dia.

Ao resgatar nossas histórias de vida, sonhos, prazeres, saberes, tomamos consciência do quanto é importante conhecer quem somos e o quanto nossas histórias são permeadas pelas histórias de vários grupos familiares e sociais. Descobrir e identificar nossos pares nos fortalece, fazendo-nos perceber que somos muitos, que temos muito para agregar e que ainda temos muito que lutar por estruturas sociais mais democráticas.

A escola é um dos primeiros espaços em que o sujeito entra em contato com diferentes grupos, percebendo a diversidade dos indivíduos e dos diferentes conjuntos humanos naquele espaço. Ao entender e respeitar o lugar de cada um no sistema escolar, o educando pode começar a perceber o seu papel enquanto ser social. O exercício do respeito nos espaços sociais é um desafio que a escola enfrenta diariamente e a valorização das histórias individuais e locais colaboram para a construção de uma identidade do grupo, que assim tem a possibilidade de conhecer a potência nas interseções e nas diferenças.

2.2 - Poesia falada – Conversos

Poesia para mim

Poesia para outros
Pode ser apenas palavras bonitas ou rimas reunidas
Pra mim poesia pode ser muito mais.
Ela pode ser sua amiga,
Ou até mesmo sua inimiga,
Você pode desabafar com palavras boas ou ruins,
Que assim mesmo ela fica ali: linda!
E também guarda seu segredo de forma artística
E ninguém desconfia.

(Vitória Basílio)²⁷

O trabalho de Poesia falada é sem dúvida um forte dispositivo de trabalho no programa PROINAPE: os jovens se identificam e vão ganhando um novo canal de expressão, podendo assim dividir e diluir um pouco suas necessidades psíquicas e emocionais, como fica claro no texto de Vitória Basílio, aluna participante da oficina de *Poesia Falada*, oferecida pelos profissionais da 6ª CRE, que descreve a importância da poesia em sua vida.

Professores, alunos, funcionários, ao entrar em contato com essa nova possibilidade de expressão, passam a dialogar com suas indagações no momento que sentirem necessidade, encontrando uma forma de “esvaziar” seus pensamentos ou pensar de forma que possibilite a expressão intensa do que se sente.

Conheci o trabalho de *Poesia Falada* por Andreia Morais, ao ir até a CRE que ela trabalhava, para tentar entender um pouco como um professor de Artes Cênicas poderia exercer sua função em uma equipe do PROINAPE. No mesmo dia conheci o psicólogo Jair Junior que fazia parte da equipe com Andreia, e ambos trabalhavam a *Poesia Falada* com adolescentes, tendo ambos feito um curso com Elisa Lucinda, oferecido pela Casa Poema:

Em meados de 2013, foi feita uma parceria entre as Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e a Casa-Poema, instituição criada pela escritora e atriz Elisa Lucinda, que

²⁷ Vitória Basílio é aluna da Rede Municipal e participou do livro “Poesias ao Vento”, que foi organizado pelos profissionais do PROINAPE, produto das oficinas de Poesia Falada (MORAIS, OLIVEIRA, JUNIOR, Org. 2017, p. 104).

se dedica ao ensino da Poesia - Falada próxima do cotidiano, dita como uma conversa e com o entendimento do texto.

A partir dessa parceria, foi oferecida aos profissionais do PROINAPE a composição de uma turma, através de um projeto chamado “Versos de Liberdade” financiado pela fundação Ford²⁸ cuja proposta foi a de trabalhar os temas do preconceito e da discriminação racial através da poesia falada (OLIVEIRA, 2017, p. 29).

Esse curso é sempre citado pelos profissionais que trabalham com *Poesia Falada*, pois muitos se apropriaram desta e levaram a metodologia para as escolas. Verificamos o quanto a formação dos profissionais é importante e ajuda a pensarmos uma nova possibilidade de trabalho nas escolas. Digo sempre que aprendi a lecionar com as capacitações que fiz oferecidas pela SME através da Coordenação de Artes Cênicas. A Universidade nos fornece muito conhecimento, do qual vamos nos apropriar e entender com a prática, mas a formação continuada é essencial para revigorar os profissionais que terão novos desafios ao longo de sua caminhada nas escolas.

A troca de experiências entre os profissionais é muito potente para a construção de novas metodologias de trabalho. Conhecer Andreia Morais foi uma das melhores experiências de troca que tive na Rede Municipal. Atriz, poetiza, professora... deixo as reticências para as novas habilidades que ela nos apresenta a todo momento. Sua criatividade é fluída, potente e nos desperta saberes adormecidos.

Quero sangrar somente o que a natureza me exigir

Meu corpo

Meu território!

(...) Ouço a música que eu quero

Visto a roupa que eu quero

Trepe com quem eu quero

Com quem EU quero

Entende? (...)

²⁸ A Fundação Ford é uma entidade sediada na cidade de Nova York. Segundo seus os seus instituidores, foi criada para financiar programas de promoção da democracia e redução da pobreza. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Ford >. Acesso em: 12/10/19.

(Trecho da Poesia “Meu território”²⁹ de Andreia Morais, inserido por Camilla Oliveira em sua dissertação).

Andreia também está cursando o Mestrado Profissional na UNIRIO e defenderá sua dissertação sobre o trabalho da *Poesia Falada*, sendo sua pesquisa desenvolvida a partir da experimentação prática que está sendo feita com quatro adolescentes, sob orientação de Mônica Magalhães³⁰.

Conheci Camilla Oliveira em uma capacitação que fizemos no PROINAPE sobre Relações Étnico Raciais, e achava curioso perceber que de alguma forma com o olhar nos identificávamos. Pouco depois Andreia nos apresentou e entendi o que nos aproximava: Camilla é apaixonada pelas linguagens artísticas e provavelmente percebeu que “falávamos a mesma língua”. Alguns meses depois desse primeiro contato já estávamos juntas no projeto *Corpo Expressivo*, do qual ela passou a fazer parte no final de 2017.

Psicóloga potente e pronta para novas possibilidades de trabalho, somando sempre na construção das ações, Camilla é muito afetiva e está sempre tratando a todos com muito carinho e abraços constantes. Sua dissertação de mestrado, intitulada *Poesia Falada: A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar*, no programa de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, defendida em 2017, sob orientação da professora doutora Katia Aguiar, um presente para nós do PROINAPE e para todos que queiram conhecer a metodologia a partir de uma escrita também poética.

Espairecer. Soltar. Adaptar. Encaixar. Experimento esses movimentos na escrita da dissertação. Ora fluindo. Ora paralisando. Ora esperando. Tenho buscado exercitar a escrita não como algo que aprisiona, mas como algo que liberta, que cria asas. Uma escrita que afirme a vida, que dê passagem aos afetos, que favoreça a expressão de intensidades. Está sendo um desafio colocar em palavras fluxos - coisas que vazam, se espalham, desmancham e se movimentam. Talvez uma dança ou uma música expressassem com mais nitidez esses processos, pois nelas há movimento. As palavras podem se mover? (OLIVEIRA, 2017, p. 4)

²⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rSAyBDIIWns&t=27s>>. Acesso em: 12/10/19.

³⁰ Professora da graduação na Escola de Teatro da UNIRIO e do Mestrado Profissional em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC), Mona Magalhães é doutora em Estudos da Linguagem (UFF), Mestre em Ciência das Artes (UFF), Especialista em maquiagem - Makeup Designory (MUD / USA). Participou de dezenas de obras teatrais, tendo sido indicada ao Prêmio Shell 2018, e recebido os prêmios Avon Color (1995 e 2004), Coca-Cola (2000), CBTIJ (2016 e 2017) e Prêmio de Excelência ISTAN – China (2018).

Nada mais pertinente a essa pesquisa que ter essa pergunta ecoando no leitor. “As palavras podem se mover?” Cada um terá a sua percepção, a sua resposta, mas podemos perceber que esse projeto de poesia causa um movimento na vida das pessoas que acessam. A potência desse trabalho é instigante e a cada prática com os sujeitos do cotidiano escolar percebemos que devemos continuar com a metodologia.

Janaína Isidro também teve acesso à “metodologia da poesia” e sempre conta que, nunca tendo imaginado que conseguiria falar poesia em público, não só passou a se aproximar dessa metodologia, como o teatro também passou a fazer parte das suas ações nas escolas. Acredito que o contato com a poesia foi o despertar das novas possibilidades de trabalho.

Me aproximar da linguagem do teatro e da *Poesia falada* foi algo paulatino. Foi se dando, e eu fui me abrindo. Era um campo desconhecido que, de tão potente em meu corpo a cada vez que me sentia arrebatada por essas linguagens, me fez buscar conhecer, por reconhecer a potência de intervenção aí colocada. Foi dessa forma esse processo, primeiro em mim, no meu corpo, na minha subjetividade, e depois buscando me apropriar e me conectar aos novos parceiros de trabalho, aos novos olhares e sentidos que as artes do teatro, da poesia, do audiovisual nos conferem (Janaína Isidro em entrevista para essa pesquisa em 15 de outubro de 2019).

Patrícia Almeida, assistente social da nossa equipe, nos surpreendeu no início de 2019 quando contou para a equipe que havia escrito uma poesia no metrô enquanto estava indo para um encontro com diretores da 2ª CRE, no qual o projeto o *Corpo Expressivo* estava participando com a Gerência de Desenvolvimento das Coordenadorias - GED da 2ª CRE, sob a organização de Andreia Aquino.

Seiva de mim

O que nutro em mim?

De que me nutro?

Alimentação saudável?

Emoções leves?

Pensamentos elevados?

Eu, mulher da Terra,

me nutro e sou nutrida

pela Mãe de todos e Pai de todos

Gero vidas dentro e fora de meu ventre
Com as mãos acarinho, com os braços envolvo,
Com os seios acalmo e viro o mais puro alimento
Do corpo e da alma dos que adormecem sobre meu corpo

Mel que adocica a boca
Fortalece as defesas dos que acabam de chegar
O Mana da Deusa é leve e fecundo
para corpo e para alma daqueles
que saciam seus lamentos e dores,
temores e amores

Deusas do Amor
Deusas da Fecundidade
Mostrem aos que aqui vos veem
vossas cores, multicores
Beleza inata de mães e mulheres de
meninos-homens
que ainda vagueiam sedentos
de vossas seivas: Má-ternas.

(Patrícia Almeida, 28/03/19, manhã)

Durante a leitura do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (2005), tive vontade de escrever algo sobre o que a leitura estava me despertando e o fiz em forma de poesia, que segue abaixo. Parei de ter medo se minha rima era pobre e simples e aprendi que até poderia não ter rima na minha escrita. Passei a perceber que havia liberdade na minha escrita. Acabei com a necessidade de aceitação do que seria certo e errado, me expressei e desenvolvi o que preciso naquele momento. Na minha adolescência gostava muito de escrever e parei por medo de errar e hoje retomo sempre que sinto necessidade, sem me cobrar tanto.

Opressão

É cada chão que passo,

É cada laço que desfaço...

Aqui, ali e acolá.

Estamos juntos ou não?

Quem somos? Uma nação?

Não sei não...

Meu peito aperta quando olho para o chão,

E lá, quem está? Um irmão...

Como você se sente?

Não sente nada não?

É ... aí está a questão!

Não sentir é onde está a sua opressão.

Você acha que é generoso,

Você se sente bondoso,

Só por doar um pouco

Do que você acha que é seu, por seu esforço.

De onde você vem? Que família você tem?

Aí está, meu caro,

Toda diferença de quem está ao seu lado.

Você se esforçou e seu irmão nem acordou.

Ele vive um pesadelo diário,

Onde sobreviver é o que ele consegue fazer.

Vem aqui, chegue mais, veja de perto,

Sinta o seu afeto, aí talvez, você vai começar

a compreender o que é não ter teto.

Pare de lenga e revele a verdade que te sustenta.

É fácil falar e só ficar de blá, blá,

Quando você tem com quem conversar.

Transforme essas palavras em algo que possa realmente mudar,

Chega de fingir que faz,

Meta a mão na massa e acredite que você é capaz!

Só com união se fará uma nação.

Só com humanidade vamos avançar de verdade.

(Alessandra Garcia)

Podemos pensar nossas ações como propostas de empoderamento, onde potencializamos o que fica adormecido e sufocado nos sujeitos pelas demandas do cotidiano. Abafar o que está pulsando e latente faz com que as pessoas adoçam, se tornem agressivas, impacientes e desperdicem possibilidades de trabalho e reflexão que em muitos casos só precisam de um clique, de um olhar, de uma fala, de um exercício. De algo que auxilie sua expressão quebrando com a estrutura rígida de muitos espaços de educação.

Não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças? A atividade que mais agrada e a mais intensa das crianças é o brincar. Talvez devêssemos dizer: toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada. (...).

O poeta faz algo semelhante à criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade (FREUD, 2018, p.53).

Crescemos e deixamos um pouco de lado a brincadeira e a fantasia que nos possibilita nos afastarmos um pouco da realidade, para entrarmos em um outro estado, que possibilita olhar nossas necessidades e sentimentos por um outro ângulo e refletir sobre o que criamos. A escrita poética, sobre a qual nos debruçamos, pode ser livre de amarras, livre das convenções que aprisionam, podendo ser fluida e assim favorecendo a expressão de quem tem acesso a essa metodologia. Muitos alunos, quando percebem que podem quebrar um pouco com a estrutura convencional da poesia, podendo arriscar novas possibilidades, descobrem brechas possíveis dentro do universo poético e libertam seus pensamentos pela escrita. Ao escrever podemos nos perceber de forma lúdica, de uma maneira que não havíamos ainda enxergado.

Vamos sendo criados para abafar nossos sentimentos, afogando-nos em palavras não ditas. Por isso ao escrevermos e falarmos a nossa poesia, ou de a outro artista que fale o que queremos dizer, estamos reativando nossa essência e com isso percebendo nossas necessidades. “Sou da

opinião de que todo o prazer estético, criado pelo artista para nós, contém um caráter deste prazer preliminar e que a verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões da nossa psique” (FREUD, 2018, p. 64). Quando apresentamos aos sujeitos do cotidiano escolar a possibilidade da expressão pela arte, oferecemos um dispositivo que ele poderá acessar para expressar seus conflitos e angústias, libertando de alguma forma sentimentos que quando abafados podem causar doenças psíquicas e físicas.

Em uma atividade do *Corpo Expressivo* com adolescentes do 9º ano, em outubro de 2019, Andreia Morais, Camilla Oliveira e Janaína Isidro iniciaram o trabalho com um grupo da 5ª CRE e tiveram o prazer de perceber olhares sedentos de novas possibilidades. Segundo elas, as falas dos alunos foram em tom de desabafo, pedidos de socorro, vontade de acertar a medida ao falar...Se agridem inicialmente, mas só querem falar e resolver tudo que limita o desenvolvimento de sua turma. Não sabem como fazer, pois em muitos casos suas relações foram construídas de um modo em que os risos diante das diferenças são naturalizados. Embora não em todas, vemos em muitas rodas de conversas o quanto são recorrentes entre os jovens os rótulos que acabam diminuindo a autoestima dos indivíduos e de um grupo, sendo preciso algum interlocutor que auxilie os encontros entre eles. É importante deixar claro que esse tipo de postura aparece com recorrência na nossa sociedade e não apenas no ambiente escolar, atravessando a todos. Conversar sobre essas agressões nas escolas é uma maneira de auxiliarmos o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes dos efeitos devastadores dessas atitudes na vida de um sujeito.

Ao sair da primeira atividade com esse grupo, a professora Andreia Morais escreveu uma poesia descrevendo este encontro:

Eles se negam,
De cara dizem não.
Eles desafiam
Te encaram e te mandam pegar a visão.

Se desistimos
Não sabemos o que eles têm a oferecer
E eles fazem questão de querer assustar
Vestem seus lençóis e se transformam em bicho papão

Mas, basta um bate papo
Para se desvelarem e removerem o véu
Que na verdade existe para autoproteção.

Eles têm muito a falar
Eles querem e precisam se expressar
E a gente quer escutar
E com eles criar, pontuar, recriar, elaborar, idealizar, trocar
GERMINAR!

(Andreia Morais)

Particpei do segundo encontro com Janaína e Camilla, e decidimos que a poesia da Andreia seria uma forma de apresentação do grupo, levando em consideração que eu não havia participado da primeira atividade. Os estudantes entraram em sala e logo que todos se acomodaram eu perguntei: “Meninas, é minha primeira vez aqui com esse grupo e queria entender um pouco como eles são, podem me contar?”; em seguida, as profissionais leram o texto. O olhar deles durante a leitura foi fantástico, pois ficaram surpresos e se reconheceram no que foi lido, ajudando na percepção dos alunos enquanto grupo. Infelizmente Andreia não viu as reações ao seu texto, mas de alguma forma ela esteve presente no encontro, sendo essa uma das forças da poesia.

2.2.1 - Poesia Falada – Teatro em versos

Em 2017 o Projeto *Corpo Expressivo* teve a oportunidade de aplicar o *Mimo Corporal*³¹ com o grupo de alunos da 8ª CRE que faziam parte do Projeto *Teatro em Versos*. Projeto idealizado por Margareth Franco³² que em entrevista para a MultiRio³³ conta um pouco sobre o projeto:

Esse projeto na verdade permite que a gente se aproxime do aluno e através do teatro e da poesia a gente possa falar de temas que perpassam o cotidiano escolar: violência, valores, enfim, respeito, né? A gente fala de coisas que acontecem dentro na casa do aluno, que

³¹ Atividade do Projeto Corpo Expressivo em apenas um encontro.

³² Professora do PROINAPE, fonoaudióloga, poeta e atriz. Idealizadora do Projeto Teatro em Versos.

³³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HE8KsetT9Ic&feature=youtu.be>>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

acontecem na rua, na escola, mas através da poesia, do teatro. A gente começou a desenvolvê-lo início de 2016(...)Eu queria muito fazer aqui nesse teatro, porque aqui é a área que eles moram, então acho que...e trabalhar autoestima desses alunos sabe, mostrar que não precisa de sair daqui pra ele ter acesso à cultura, pra ele ter acesso ao lazer, que aqui na área que eles moram há um teatro de excelência. (Professora Margareth Franco em entrevista para MultiRio).

Em entrevista para esta pesquisa, a professora relata que a transição do trabalho com turmas regulares para as atividades com o PROINAPE foi bem tranquila e interessante, pois ela se considera uma pessoa muito dinâmica e que acredita na educação para além dos muros da escola e da sala de aula. Ao participar de dinâmicas como as que o programa possibilita, ela se sente mais potente no seu papel como educadora, já que acredita na importância de se trabalhar a cidadania. Desde criança Margareth já se identificava com a linguagem artística e de alguma forma sempre esteve ligada aos estudos nesse campo, tendo feito diversos cursos nessa área³⁴.

Ela também participou do curso de poesia com Elisa Lucinda³⁵, ministrado para vários profissionais do PROINAPE. A articuladora da CRE da qual ela fazia parte percebeu que o curso estava em sintonia com o trabalho que Margareth já realizava e a orientou a participar do mesmo. Após o curso, a professora passou a trabalhar a *Poesia falada* com os alunos e percebeu que eles precisavam vivenciar essas poesias e adaptá-las para a realidade deles; dessa forma os estudantes passaram a entender melhor o processo, sendo o teatro em seguida somado à experiência da poesia. A professora relata que acredita na arte como transformadora, já que pela arte as pessoas podem ser quem eles são, com menos julgamentos.

Transcrevo um exemplo do trabalho de Margareth Franco³⁶, que escreveu a poesia abaixo durante a greve dos professores do Município do Rio de Janeiro, em 2013, na qual os mesmos foram covardemente agredidos:

Que educação é essa?
Que pra falar tem que gritar?
Que só assim é ouvida,
que necessita ser acolhida,

³⁴ No ano de 2019, a professora do PROINAPE também está em cartaz como atriz, no espetáculo Conflitos - texto e direção Ronald Rosman.

³⁵ Atriz e poetisa.

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/poesiaemversosumaaposta/>>. Acesso em 11/10/2019.

que encontra-se espremida,
oprimida, reprimida...
Que precisa acampar,
deixar suas famílias,
abdicar de suas vidas,
pra uma causa lutar!
Causa justa e verdadeira
pois de forma costumeira
não se consegue fazer este povo pensar!...
Acorda, Brasil!
Desarma opressores, governantes, meliantes...
que fazem a Educação estar do jeito que está!
Será que acampar dias não basta?
Será necessário fazer morada eterna
pra conseguir, o que de fato temos que garantir?
Que política é essa?
Inversão de valores?
Pois de professores, passamos a infratores!...
Tem que bater,
tem que xingar,
tem que até spray de pimenta usar!
É de causar!!

(Margareth Franco)

Que bom poder ter registrado de uma forma artística esse momento histórico da luta dos professores por um ensino público de qualidade. Participei do movimento e considero que naquele momento já podíamos perceber que algo muito destruidor estava surgindo. Percebemos que a poesia da professora nos faz relembrar um período histórico, sendo um pouco da voz de tantos professores que fizeram parte desse momento tão intenso.

Em relação ao trabalho de múltiplas linguagens como dispositivo no trabalho do PROINAPE, Margareth acredita que a colaboração destas é muito importante para o auxílio no entendimento que o ser humano é diverso nas suas potencialidades e que pode ir muito além do que ater-se apenas ao estudo de português, matemática, história, geografia... Para ela é importante que as múltiplas linguagens estejam cada vez mais inseridas nas escolas.

A professora relata que, nos trabalhos por ela realizados em que o teatro foi dispositivo, muitos alunos se transformaram e passaram a se expressar melhor, pois muitas vezes não tinham essa possibilidade em casa e nem na escola. Ela percebeu a importância de fazer um projeto de teatro e poesia, em que os alunos puderam se aproximar uns dos outros através da arte, e que a partir daí a relação entre eles foi de afeto, confiança e liberdade, e aos poucos foram trabalhando seus sentimentos e angústias. Margareth nos conta que uma menina, que mal conseguia falar quando começou a fazer a oficina (já que tinha uma dificuldade enorme em se expressar), hoje, após passar pelo projeto *Poesia em Versos*, está fazendo e gravando vídeos de rap. Foram muitas conquistas a partir da poesia e a menina, sempre que pode, fala para os outros jovens que nunca é tarde para começar e que realmente se libertou com o trabalho de poesia e teatro.

Margareth tem vários relatos de muitos alunos que estavam em sofrimento quando iniciaram o projeto e com o passar do tempo foram encontrando outros caminhos, se fortalecendo em cada cena, em cada gesto, em cada dinâmica e acredita que pode contribuir oferecendo esse trabalho para os alunos que ela acompanhou pelo PROINAPE.

Quando participei da Roda de Conversa com o grupo que fazia parte do Projeto, reconheço que os alunos estavam empoderados, não apenas querendo se expressar, mas também sabendo respeitar o espaço de fala do outro, e que quando falavam eram apoiados e fortalecidos pelo grupo em grande harmonia. Foi gratificante conhecer o trabalho e a potência dos alunos, reconhecendo em seus corpos e falas a contribuição que o teatro e a poesia, levados a estes alunos por profissionais do PROINAPE, trouxe ao desenvolvimento desses educandos.

2.3 - Teatro

2.3.1 - Apresentação – Meu lugar de fala pelo teatro

Ainda que possa ser considerado em grande parte utópico, diante da miséria em que se encontra a educação brasileira, o caminho afigura-se talvez como a última possibilidade de resgate do ser humano diante do processo social conturbado que se atravessa na contemporaneidade (Ingrid Koudela, 2005, p. 147).

Sou professora regente há 16 anos no Município do Rio e há 7 anos na rede particular de ensino. Na rede municipal, buscava compreender a realidade dos meus alunos e oferecer pelo teatro o que fosse possível para seu desenvolvimento cultural, social, familiar, afetivo e emocional. Queria fazer o meu melhor e queria que eles percebessem o quanto era importante que aproveitassem a escola e olhassem os conteúdos como dispositivo de força e mudança.

Sempre usei as minhas experiências como aluna para me aproximar das vivências dos educandos no espaço escolar. Fui uma aluna inquieta; dava conta do que precisava fazer, mas não tinha consciência da importância daquele conhecimento para a minha vida. Para atender à minha inquietude, fui representante de turma, presidente de Grêmio, organizava festas culturais e no 6º ano puxei greve de alunos contra o aumento das mensalidades. Em suma, criava estratégias para não ficar sentada o tempo todo: com tantas responsabilidades, sempre precisava sair para falar com as turmas, com a direção, ensaiar, resolvendo dessa forma minha necessidade de ficar em movimento.

Escolhi a matéria perfeita para lecionar, que me dá a liberdade de falar de diversos temas e de diversas formas. As aulas de teatro passam pela sensibilidade, pelo corpo, onde o indivíduo pode estar e participar do jeito e da forma que é possível para ele. Podemos improvisar, adaptar, criar! Somos livres para o real, para o aqui e agora. Hoje, gosto de estar no meu lugar de professora para de alguma forma poder dizer: “Aproveitem! Não se importem tanto para os apelidos. Não achem que precisam ser perfeitos”. Oferecendo essas e outras orientações que possam amenizar o sofrimento dos meus alunos, sofrimento este pelo qual eu já passei, sentindo naquele momento falta de uma conversa ou apoio de algum profissional da escola.

A realidade da cena é a matéria com a qual se trabalha; o ato de experimentar a arte do teatro nesses moldes é encarado como formador. Ao entrar em relação com o parceiro de jogo, propondo ações e respondendo simultaneamente às ações do outro, construindo assim fisicamente uma ficção partilhada com as pessoas na plateia, o participante cresce, amplia sua percepção do outro e do ambiente, aprende como se dá a significação no teatro. Desde que a relação lúdica oriente sua prática, o teatro é visto como uma arte preñe de possibilidades para o crescimento de quem a experimenta (PUPO, 2005, p. 219 e 220).

O teatro na escola proporciona o contato com o outro por formas não habituais, que fazem com o que o aluno passe a perceber suas potencialidades e as dos seus colegas da escola. Muitas vezes os alunos passam anos estudando com a mesma turma, mas os indivíduos não se conhecem e perdem a oportunidade de trocar experiências. O teatro oferece a possibilidade de acessar as emoções individuais a partir do que se vive em cena, possibilitando também a reflexão do que se vê no jogo quando se está no papel de espectador.

E aí podemos ressaltar um primeiro aspecto pedagógico presente na experiência com a arte: a atitude proposta ao contemplador. Ou seja, o fato artístico solicita que o indivíduo formule interpretações próprias acerca das provocações estéticas feitas pelo autor, elaborando um ato que é também autoral. Assim o contemplador, para desempenhar o papel que lhe cabe no evento, precisa colocar-se enquanto sujeito, que age, pois a contemplação é algo ativo, e que cria, pois a sua situação é necessariamente artística (DESGRANGES, 2010, p. 29).

Fui percebendo a potência do teatro na vida dos alunos, as mudanças construtivas, o prazer e o entendimento da importância do seu papel enquanto cidadãos. Sempre questionei o motivo pelo qual alguns professores não achavam possível desenvolver atividades com temas transversais.³⁷ Percebo que alguns docentes até gostariam, mas não sabem como realiza-las; já outros profissionais sabem o que fazer, mas acham que “não adianta”, que os alunos não vão prestar atenção, não vão entender a proposta ou, ainda, que “eles não querem nada”.

Um exemplo de que “adianta” foi a greve do Estado em 2016, em que os alunos ocuparam as escolas do Estado do Rio em protesto³⁸ por melhorias em infraestrutura dos colégios e em apoio à greve dos professores. Os grevistas estavam cursando o Ensino Médio e quando estavam no Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino do Rio, puderam acompanhar a greve dos professores em 2013, que foi histórica e muito significativa para a luta por um ensino público de qualidade.

Vamos nos converter na triste caricatura do Norte? Vamos ser como eles? Repetiremos os horrores da sociedade de consumo que está devorando o planeta? Vamos ser violentos? E crer que estamos condenados a guerra incessante? Ou vamos gerar outro mundo diferente? Vamos oferecer ao mundo um mundo diferente?

(Eduardo Galeano sobre o destino da América Latina, no documentário *Encontro com Milton Santos*, de Silvio Tendler).

Ensinar aos jovens a importância do diálogo, da escuta e do conhecimento é também uma das funções do magistério, mas que muitos professores não conseguem cumprir, diante de tantos impasses. Acreditava que era possível a mudança pela educação e lutava por ela com unhas e dentes; sofria, chorava, mas fui aprendendo como poderia lutar e que precisava estar forte. Fui percebendo que precisava conscientizar meus alunos e passei a utilizar como dispositivo para iniciar a abordagem

³⁷ Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), optou-se por um tratamento específico das áreas, em função da importância instrumental de cada uma, mas contemplou-se também a integração entre elas. Quanto às questões sociais relevantes, reafirma-se a necessidade de sua problematização e análise, incorporando-as como temas transversais. As questões sociais abordadas são: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural.

³⁸<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/secretaria-de-educacao-contabiliza-40-escolas-ocupadas-no-rj.html>

dos temas transversais. Os que eu mais utilizava eram: *Escritores da Liberdade*³⁹, *O que é isso companheiro?*⁴⁰, *Meninas*⁴¹, *Encontro com Milton Santos*⁴², que abordavam temas dificilmente debatidos com os alunos. Ao perceber essa lacuna, me senti obrigada a preenchê-la da forma que fosse possível, acreditando que atingiria o objetivo de despertar a reflexão e interesse dos estudantes pelos temas.

(...) uma pluralidade de pessoas das várias áreas de humanas encontrava nas rodas um espaço de “palavra verdadeira”, conceito do célebre pensador Paulo Freire, criador dos “círculos de cultura” nos anos de 1960. Embora o educador pernambucano tenha priorizado o processo de alfabetização, sua metodologia singular fala a todas as congruências relacionais que envolvem humano, pois está eivada da politicidade e dialogicidade, componentes fundantes para a tecer a “leitura de mundo”. Assim fui percebendo na fala espontânea que ocorria na roda um movimento inventado no coletivo para tecer o laço social rompido pela alienação própria da vida cotidiana (PEREIRA, SILVA, 2019, p. 13 e 14).

“Orientação sexual” era um dos temas que fazia questão de abordar com meus alunos nas rodas de conversa. Trabalhava com as turmas que já tinham idade para para debater o tema, que está no nosso PCN, como um tema transversal. Participei da Mostra de Teatro da Prefeitura com temas como: “Sexualidade na adolescência”⁴³, “Preconceito” e “Violência”⁴⁴. Os trabalhos eram realizados com as turmas regulares e todos os alunos faziam parte da construção e realização do trabalho.

Pesquisava e testava metodologias além do teatro, que me ajudassem a trabalhar com as minhas turmas, que tinham em torno de 35 alunos, em escolas que na maioria não tinham auditório. Fiz tudo o que pude, aprendi e criei muito, mas em 2016 estava no meu limite: trabalhando 17 tempos na escola particular (13 turmas) e 24 tempos no município (14 turmas). Estava a ponto de pedir exoneração em uma matrícula do Município, mas a minha situação financeira ficaria comprometida.

Nesse momento de tanta aflição, busquei apoio em rituais religiosos e espirituais; em um desses momentos de oração, lembrei que a minha amiga de faculdade, Débora Almeida⁴⁵, havia

³⁹ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cinema/escritores-liberdade/>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴⁰ Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/cinenacional/episodio/o-que-e-isso-companheiro>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴¹ Disponível em : <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/documentario-meninas-para-abordar-gravidez-na-adolescencia.htm>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴² Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=encontro_com_milton_santos_ou_o_mundo_global_visto_do_lado_de_ca>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴³ Disponível em: <<https://youtu.be/HAP8cJInF7I> Mostra de teatro>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/41EolcEcaQo> Mostra de teatro>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁴⁵ Débora Almeida, Professora de Teatro do PROINAPE. Mestre em Letras e Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre, orientada pelo Professor Gerson Rodrigues Albuquerque.

comentado comigo que estava muito satisfeita trabalhando no PROINAPE. Procurei-a novamente e, em conversa telefônica, ela confirmou seu contentamento, dando-me orientações acerca de quem procurar no setor. Ao vencer cada etapa necessária para estar lotada oficialmente no setor era como se eu estivesse recebendo um recado da espiritualidade que estava no caminho certo; uma pequena pedra no caminho apareceu, mas logo foi retirada e integrei-me ao PROINAPE.

Aos poucos fui percebendo que estava no lugar certo, podendo colocar em prática muito do que eu já fazia e havia criado durante minha regência com as turmas regulares, mas agora com outra estrutura, que me proporcionava atingir mais pessoas e trabalhar em equipe. A cada ação em que eu levava alguma metodologia - na maioria das vezes o teatro -, que antes costumava realizar sozinha em sala, percebia que a equipe potencializava as ações e os resultados. Sentia-me encantada e realizada, percebendo que aquele era o meu lugar.

Fui aprendendo com a prática, já que em alguns momentos me sentia perdida, até o dia em que Selma Martins⁴⁶ pediu-me um projeto de Teatro do Oprimido para ser desenvolvido com professores. Preparei um material, mas não entendi muito bem como ele poderia ser aplicado, pois ainda estava aprendendo acerca do funcionamento do setor. Tive muito apoio dos colegas da 1ª CRE, que me orientaram bastante no meu começo: cada conversa, cada reunião era uma aula.

Dessa forma, fui aprendendo mais sobre o NIAP, que percebo como um espaço de troca e de construção interdisciplinar. Fazemos conexões e interlocuções com os mais variados personagens e o estudo do personagem faz parte do nosso trabalho, assim poderemos entender suas funções na peça: “De onde ele vem? Quantos anos ele tem? Qual o seu núcleo familiar? Qual o seu objetivo?”. O foco é fundamental para o ato, já que precisamos estar atentos aos detalhes e todo contexto da demanda. Figurinos variados, cenários que ressaltam as desigualdades sociais, questões de saúde pública que nos deixam “sem chão”, obstáculos, crises, choros, licenças, notas, defasagem, sorrisos, abraços, famílias com estruturas variadas, escuta, diálogo... enredos conhecidos e enredos nunca imaginados. E o final? Muitas vezes será uma incógnita, não será alcançado e até interrompido com o fim do ano letivo. Buscamos encaminhar, auxiliar, apoiar e deixar que os atores possam usar os dispositivos para serem protagonistas. Mesmo em situações limites podemos encontrar possibilidades de auxílio e é nessa busca que me vejo em cada ação realizada.

⁴⁶ Selma Ribeiro Martins Peres, assistente social da SME. Especialista em Educação e Saúde pela ENSP/Fiocruz.

2.3.2 - A importância do Teatro no espaço escolar

Para Grotowski, o teatro não é um negócio de arte. Não é um negócio de peças, de criações ou de espetáculos. O teatro é alguma outra coisa. O teatro é um instrumento antigo e fundamental que nos ajuda a viver um único drama, o da nossa existência, o de encontrar o nosso caminho na direção da fonte daquilo que nós somos (BROOK, 2011, p.31).

O entendimento do lugar do teatro na escola é fundamental para que não se ache que as ações teatrais têm a função apenas da encenação e da exibição de um produto. Esses trabalhos aparecem como possibilidade no espaço escolar, mas é importante que fique claro que o foco está no processo. Ao participar de atividades com a metodologia do teatro, o sujeito passa a entrar em contato com quem ele é e passa a perceber quem são os outros que o cercam - inclusive aqueles que não estão presentes no ato do jogo, mas presentes em suas vidas e suas relações diárias.

Teatro, comunicação, terapia – o jogo, tal como o encaramos, mantém relações naturais com esses três campos de atividade. Concentrando nossas preocupação no jogo e na capacidade de jogo dos participantes, ele nos interessa ao mesmo tempo como experiência sensível, experiência artística e relação com o mundo (RYNGAERT, 2009, p. 34).

Os jogos teatrais na sala de aula contribuem para um maior desenvolvimento dos aspectos intelectual, social e afetivo dos alunos. Promove ações de integração, dinâmicas psicomotoras e abordagens históricas, que resgatam as identidades individuais e coletivas, através de brincadeiras, parlendas e outros jogos tradicionais de resgate cultural. De acordo com Koudela (2001), o jogo teatral é formado por regras (socialização) e propõe soluções de problemas pela atuação, transformando o jogo simbólico (subjetividade) em representação improvisada. O jogo teatral apresenta clareza de regras e não impõe modelos preestabelecidos e julgamentos durante o jogo, mas provoca a geração de autoconfiança no aluno ao jogar. E o jogo dramático

(...) permite às crianças o uso do corpo, das sensações e sentimentos, exercitando suas capacidades criativas, estruturando a sua personalidade numa emoção estética compartilhada. Nele, a cena é o próprio espaço escolar, organizando em função das necessidades do momento. É um jogo que não exige cenário, figurino outros meios para a sua realização; utiliza a ficção sem a preocupação de formar o artista, mas formar um ser em crescimento, capaz repensar a sua vida e a própria sociedade em que vive - ressignificando o social (THOMAZ, 2009, p. 21).

Precisamos acreditar nos estudantes e fornecer todos os dispositivos possíveis para o fortalecimento de sua construção social, política e afetiva. Um dos caminhos é pela arte, onde o aluno consegue ter seu espaço de expressão, fala e reflexão. “A experiência artística se coloca, desse modo, como reveladora, ou transformadora, possibilitando a revisão crítica do passado, a modificação do presente e a projeção de um novo futuro” (DESGRANGES, 2010, p. 26). O teatro é um dispositivo

que possibilita o diálogo, essencial no ambiente escolar e que precisa ser estimulado. Ao começar o ano letivo as relações precisam ser reestabelecidas e fortalecidas com a chegada de novos alunos e novos profissionais e a metodologia do teatro aproxima e é facilitadora desses encontros.

Ao trabalhar com o coletivo, o teatro possibilita desenvolver as relações e a percepção da importância de cada um jogo teatral, permitindo o reconhecimento do sujeito através do outro; assim, ele passa a compreender o mundo a partir de um olhar abrangente, construindo novos olhares sobre o outro e sobre si mesmo.

Quando o educando participa de dramatizações sobre situações do cotidiano, ele tem oportunidade de refletir sobre temas junto com os colegas, debatendo, trocando ideias e pensando sobre possibilidades de resolução das situações que se apresentam. “Fazemos teatro para entender a realidade que vivemos e, através dessa compreensão, construir uma estratégia de ação que impulse as mudanças concretas que necessitamos” (SANTOS, 2016, p. 91).

Com essas ações auxiliamos os sujeitos da escola a entender a importância do protagonismo infantil e juvenil e sua forma de atuação no processo de ensino-aprendizagem. O aluno percebe que ele também é responsável pela construção de uma escola como a que ele deseja e passa a atuar na resolução dos conflitos que impedem que essa escola seja possível.

Cansado, eu ia cair para sempre.

Para não cair, me encostei num muro.

Mas o muro desmoronou.

Então, para não cair, me agarrei a uma árvore.

Mas a árvore se quebrou.

Nesse mesmo instante, um homem muito forte

apareceu e me deu a mão.

Mas ele caiu também.

Quando achei que ia cair para sempre, para nunca

mais me levantar,

A esperança me deu a mão e me segurou.

Podemos perder tudo na vida, menos a esperança.

(História africana contada por Sotigui Kouyaté. BERNAT, 2013, p. 112)

O teatro na escola é uma das brechas a nos auxiliar na manutenção da esperança, por ser um encontro que desperta o olhar para novos sentidos do nosso modo de estar no mundo, possibilita os encontros entre os sujeitos que se potencializam pela troca que a metodologia proporciona. “Talvez seja por isso que na África, quando se vai a um espetáculo, não se diz: “Eu vou ao teatro”, mas sim “eu vou clarear o meu olhar” ” (BERNAT, 2013, p. 25 - 26). Enxergamos novas possibilidades e descobrimos que podemos refletir quando o nosso corpo expressa o que nem sabíamos que era possível, e pelo olhar do outro que está encenando.

CAPÍTULO III – O CORPO EXPRESSIVO NO ESPAÇO ESCOLAR

3.1- Abrindo os trabalhos

Numa certa noite eu tive um sonho:

Eu voava e era tomada por aquela sensação maravilhosa de brisa no rosto e um imenso sentimento de liberdade, de um prazer descomunal.

Sonhar que estou voando é um dos meus devaneios preferidos.

Como se já não fora suficiente a magnífica sensação de voar, avistei uma paisagem assombrosamente bonita!

Um mar de águas azuis reluzentes, que refletia um lindo dia de sol. A banhar-se nesse onírico oceano, avistei duas Iaras vestidas de branco, com suas saias rodadas e esvoaçantes a boiarem nesse mar que fim não há. Elas giravam, giravam, sorriam e giravam, embaladas por suas risadas. Tudo era silêncio! Não havia palavras! Os sons que preenchiam esse cenário eram suas risadas melódicas e o canto dos pássaros ajudavam na sinfonia para compor essa coreografia. Uma das Iaras, Iaraale entoou um canto suave e sedutor, e como se ainda houvesse espaço para mais magia nesse encontro, a outra Iara, Iaraan foi tomada de forma magnética nessa dualidade. Mas, Iaraan também tinha os seus mistérios e feitiços, e com o dom de transformar tudo ao seu redor em poesia faz com que Iaraale caia em seus encantos.

Reza a lenda que corpos tão expressivos e conectados, já se embalam desde vidas passadas, mas estavam a navegar em mares distantes, a se reencontrarem com uma importante missão.

O mar é cheio de mistérios, segredos, diversidades e lá no seu profundo há vidas, muitas ainda não descobertas. E lá nesse profundo, existe a escuridão, onde o sol não chega, onde o enigma faz moradia. Mas, como ousadia faz parte do movimento náutico dessas mulhereias, elas se fazem existir nos mergulhos intensos, elas querem imergir em sentimentos, submergir afetos, desvendar tesouros.

O elo que existe entre essas duas Iaras pode causar um maremoto, pois juntas elas são pulsão, explosão. Elas até podem não dominar o mundo, mas seus corpos expressivos provocarão ondas de sentimentos profundos!!! (Texto de Andreia Morais para essa investigação, enviado em 18 de outubro de 2019).

Decidi iniciar essa parte do meu trabalho com as palavras de Andreia Morais, enviadas a partir do meu pedido de que ela participasse nesse texto da forma que ela achasse melhor. Como grande parte desta pesquisa tem sua contribuição, julguei que apenas entrevistá-la não faria jus à sua importância em minha trajetória. Recebi esse texto com muita emoção, pois ele fala de forma poética sobre o nosso encontro e da potência do nosso trabalho, que acredito, não pode ser visto apenas do ponto de vista racional.

Conheci Andreia no NIAP e durante nosso primeiro encontro constatamos que nos formamos no curso de Artes Cênicas da UNIRIO na mesma época, embora em turmas diferentes. Nosso primeiro contato se deu devido à sua curiosidade, que, suspeitando que eu era irmã da também atriz

e professora, Patrícia Garcia, olhou meu ponto enquanto eu o assinava, de modo a confirmar ou não sua suposição. Iniciada uma conversa, fomos percebendo que tínhamos amigos e vivências em comum na Universidade.

Ao ser abordada pela Andreia, identifiquei que aquela era a profissional que já havia sido citada como referência para o meu entendimento do trabalho no setor, por Barbara Bittar⁴⁷, que havia sugerido que eu fosse até 6ª CRE para conhecer o trabalho de *Poesia Falada*⁴⁸ que Andreia realizava em parceria com o psicólogo Jair Júnior⁴⁹. Nesse primeiro encontro, trocamos nossos números de telefone e articulações minha ida ao seu local de trabalho, ao qual fui sem expectativas mas disposta a entender o que era a atividade com poesia da qual sempre ouvia falar no setor.

Logo que cheguei, Andreia pediu para uma aluna, que tinha aproximadamente 13 anos, falar a *Poesia Século XXI*, de WJ⁵⁰, que me emocionou profundamente. Chorei muito ao sentir a força com que aquela menina, olhando dentro dos meus olhos, declamava o texto. Nunca havia sentido nada parecido. No meio da poesia, ao ver a minha emoção, ela parou e disse: “Andreia... Vou parar, tá vendo? Ela tá chorando...” e Andreia pediu: “Continue, Vitória!”. Chorando, eu também pedi que ela continuasse. Ao final, falei para ela que eu era atriz e nunca havia falado um texto daquela forma. Agradei muito aos alunos, à Andreia e ao Jair, tendo entendido tudo o que me falavam sobre a importância do trabalho com a Poesia. A partir daquele dia o projeto ganhou uma fã, que falava a todos sobre a potência desse trabalho.

(...)

Pessoas sendo mortas, metrô e trem lotado

Busu quase sem porta, cadê o ar-condicionado?

Isso é século XXI rapa

E que a maldade evolua

⁴⁷ Naquele momento, Barbara fazia parte da gerência do NIAP.

⁴⁸ Vide segundo capítulo.

⁴⁹ Jair é psicólogo do PROINAPE. Com Mestrado em Psicanálise, é poeta e autor do livro de poesias intitulado “Amarr(a)ção”. O profissional estuda a poesia escrita e falada como forma de expressão artística e de ativismo político social.

⁵⁰ Wesley Jesus Costa Oliveira, porém conhecido mais pelo seu nome artístico WJ, é mc, rapper, compositor e ator carioca. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/mcwjota/about/?ref=page_internal>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Se não depois vão dizer nos jornais, pessoas negras são proibidas nas ruas
Cabelo duro é pecado, beijo de mula de é pecado
Branco é bonito ser gay, mas preto é feio ser viado
A escravidão acabou? Quem te enganou na resposta?
Se acabou por que eu sinto a dor do chicote nas costas?
Dói, o suor bate e arde.
(...)

Na mesma semana fiz um relato sobre o projeto de poesia para o grupo de adolescentes com o qual eu estava trabalhando na 1ª CRE, em parceria com uma psicóloga e uma assistente social. Nossos encontros eram na biblioteca e, por coincidência, estavam sobre a mesa os livros *Poesia na Escola*, que reúnem textos escritos por alunos da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Os alunos não titubearam: pegaram os livros e começaram a pedir para ler as poesias.

Uma das alunas, que sempre estava com uma postura defensiva, contou para a nossa equipe: “Escrevo poesia, quer ver? Meu caderno está aqui, mas só você pode ler...”, disse ela dirigindo-se a mim. Peguei-o e fiquei surpresa: quanta potência escondida naquela mochila! A partir desse dia aquela aluna passou a se abrir mais para as atividades e até perguntou se uma amiga podia participar daquele grupo. Entre as poesias que estavam em seu caderno, uma me chamou a atenção: havia citações e referências ao *Massacre de Columbine*⁵¹, e naquele momento percebi a responsabilidade do meu trabalho. Muito era dito naquela poesia, e então me perguntei: o que eu deveria fazer com o que eu havia lido?

Conversei muito com a minha equipe sobre o que poderíamos extrair da poesia daquela aluna. Se aquelas poesias eram dela, seriam uma forma de acesso ao que ela queria nos comunicar. Escutá-la pela poesia nos fez chegar bem perto das suas questões e passamos a auxiliá-la com mais proximidade, tendo conhecimento de suas angústias e questionamentos, a partir do aguçando de

⁵¹ O Massacre de Columbine foi um massacre escolar que ocorreu em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Columbine,[3][4] uma área não incorporada de Jefferson County, no Colorado, Estados Unidos. Além do tiroteio, o ataque complexo e altamente planejado envolveu o uso de bombas para afastar os bombeiros, tanques de propano convertidos em bombas colocados na lanchonete, 99 dispositivos explosivos, e carros-bomba. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine> - Acesso em 14 de outubro de 2019.

nossos sentidos, saberes, intuições e principalmente os conhecimentos de cada profissional da equipe.

Depois do encontro com a Andreia na 6ª CRE, começamos a estreitar nossos laços. Esta, que já estava no setor há algum tempo, me propôs uma conversa em que poderíamos pensar em projetos com a linguagem teatral para o núcleo. Achei a ideia excelente e aceitei o convite sem pensar muito.

Em seguida, em conversa com a professora Valéria Neves, que trabalha no NIAP em projetos específicos, Andreia relatou nossa intenção com o trabalho de teatro, conseguindo seu apoio para elaboração do projeto, bem como orientações para uma conversa com a gerente do setor Kátia Rios. Estruturamos a base para a conversa com a nossa gerente, que nos recebeu muito bem, gostou da proposta e nos orientou a escrever o projeto desse trabalho. A partir dessa escrita ela nos autoriza a prática nas CREs em que atuávamos e na 3ª CRE em que Valéria estava trabalhando com um grupo de adolescentes.

(...) a defesa que faço é nesta direção: Elas, as linguagens, as diferentes linguagens, potencializam a expressão do sujeito, a experiência do sujeito com ele mesmo, a experiência do sujeito com a cultura, a experiência do sujeito com as questões sociais. Eu acho que essas linguagens cumprem com mais leveza e com maior alcance do que aquela linguagem já definida como linguagem de prestígio, que é a leitura e escrita, embora elas sejam fundamentais e importantíssimas (Kátia Rios em depoimento no de 05 de Janeiro de 2020 para essa dissertação).

Com o apoio da nossa chefia, iniciamos a elaboração do projeto com as pesquisas teóricas e práticas necessárias para a construção de um trabalho que atingisse o resultado que pretendíamos, que era o de oferecer para os sujeitos do cotidiano escolar um novo espaço de diálogo em que seus corpos tivessem a liberdade necessária para expressão verbal e física.

3.2 - O Corpo Expressivo no Espaço Escolar - Apresentação

Idealizadoras: Alessandra Garcia e Andreia Morais

A nossa relação com o mundo se constitui de acordo com as nossas referências, do meio social em que vivemos e dos estímulos oferecidos ao longo de nosso desenvolvimento. A maneira como andamos, sentamo-nos e até mesmo falamos (gestualmente), diz muito da nossa personalidade. Muitas vezes temos nossos movimentos reprimidos, e a relação que temos com o nosso próprio corpo, comumente, é estabelecida por padrões ditados pela sociedade que nos cerca. Por tantas vezes, somos tolhidos a não expressar o que pensamos e o que sentimos, sendo vítimas de um adestramento de como devemos nos comportar, para não destoar dos modelos normativos e impositivos. Tolhem o corpo, tolhem a mente. Um corpo aprisionado e limitado, retém uma energia que grita por socorro e necessita ganhar vida e expressão para se comunicar. O corpo fala, o corpo quer falar. Estamos dispostos a escutar? Mais, estamos dispostos a provocar esse corpo a falar? No ambiente escolar, ouvimos constantemente as seguintes frases: "Senta!"; "Fica quieto!"; "Você não para!". O que se faz com o corpo na sala de aula? O dos alunos e o nosso? (GARCIA, MORAIS, 2017, s/p).

A estrutura do ambiente escolar e o modelo de ensino não favorecem a liberdade corporal. Assim, um corpo aprisionado, que não pode responder com naturalidade ao que deseja, muitas vezes acaba se expressando de forma agressiva ou até adoecendo. Professores e alunos não tem a oportunidade de conhecer e escutar seus próprios corpos e de saber do que são capazes. Os educadores, em muitos casos, acabam reproduzindo o modelo de ensino que aprenderam em suas escolas, durante seus estudos para que se tornassem professores.

É possível traçarmos uma trajetória diferente? Como propiciar um ambiente sadio onde esses corpos se expressem, se compreendam, dialoguem e se ouçam? Corpos diferentes, que circulam em ambientes diferentes, com referências diferentes. Com certeza é um grande desafio, mas que precisa ser visualizado, vivenciado e assumido (GARCIA, MORAIS, 2017, s/p).

Expressando-se por meio de seus corpos, os sujeitos do cotidiano escolar podem discutir, entender, sentir, descobrirem quem são. Partindo desse princípio, iniciamos nossa escrita do projeto, o intitulado *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. Percebemos a necessidade de pensar em alternativas de trabalho para possibilitar àqueles corpos, que na maioria dos casos ficam adormecidos e impedidos de expressar-se, que pudessem desenvolver novas possibilidades dentro do espaço escolar.

Mas como isso seria possível? As salas disponíveis são pequenas, há horários e metas a cumprir, faltam espaços para educação física, dança, teatro... E além das escolas serem na sua maioria pequenas, e as turmas lotadas, falta a alguns gestores o entendimento de que seria de grande importância que os estudantes pudessem assumir posturas corporais mais livres. São muitas as questões e barreiras, mas que estávamos dispostas a encontrar caminhos e pesquisar, junto com a equipe de cada escola, brechas dentro das suas estruturas. Nosso desejo era romper com as limitações de forma criativa, deixando que alternativas aparecessem através de um trabalho de escuta verbal e corporal.

Logo que começamos nosso estudo para a construção do projeto, utilizamos o Teatro do Oprimido⁵² como ponto de partida, mas, por mais abrangente que seja essa metodologia, não gostaríamos de utilizá-la exclusivamente no trabalho – sendo essa uma observação importante feita

⁵² Técnica teatral criada por Augusto Boal (1931-2009), um dos teatrólogos brasileiros mais conhecidos em países estrangeiros, que possibilita que o espectador possa fazer parte da ação teatral. Para isso ele criou um conjunto de técnicas e jogos voltados para a preparação do espectador “que tem por objetivo ampliar a consciência de seu corpo e desenvolver as suas capacidades criativas e expressivas (DESGRANGES, 2010)”.

por Valéria Neves nesse momento. A técnica criada por Augusto Boal sem dúvida nortearia nosso caminho, mas decidimos que essa seria uma entre várias metodologias utilizadas (as que já conhecíamos, as que aprenderíamos e até as que criaríamos). Desse modo, mergulhamos em estudos teóricos e práticos para estruturar uma proposta para as ações no PROINAPE.

3.2.1- Capacitação das facilitadoras Alessandra Garcia e Andreia Morais

No início do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, Andreia e eu percebemos a necessidade de revisitarmos alguns conceitos, conteúdos e procedimentos da área do Teatro-Educação. Para tal, verificamos com nossa chefia direta (Kátia Rios, gerente do NIAP) a possibilidade de realizarmos vivências com alguns professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro que desenvolviam em sala dinâmicas relevantes para o nosso trabalho – atraindo-nos, inclusive, por utilizarem a metodologia do *Teatro do Oprimido*. Assim, buscamos o apoio da professora de Língua Portuguesa, Claudete Felix (experiente curinga do Teatro do Oprimido pelo CTO – Centro de Teatro do Oprimido -, e Mestre pela UFRJ, tendo defendido dissertação sobre seu trabalho com o grupo Marias do Brasil) e do professor Lindomar Araujo, que nesse momento desenvolvia sua pesquisa de Mestrado no PPGEAC da UNIRIO, articulando a disciplina Projeto de Vida⁵³ às técnicas do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal.

Andreia sugeriu que participássemos de uma oficina com a professora Sylvia Heller, que havia sido nossa professora de Interpretação na graduação em Artes Cênicas na UNIRIO e que, em parceria com Alexandre de Assunção Hryhorczuk⁵⁴, ministrava naquele momento uma oficina voltada para profissionais da educação, cujos conteúdos pedagógicos eram de grande interesse para nosso o projeto.

Valéria Neves e Lourdes Gigante estavam trabalhando em uma escola com muitos casos de indisciplina por parte dos alunos e Valéria sugeriu que aplicássemos o que estávamos pesquisando na prática com os alunos. Foram 10 encontros muito marcantes e essenciais para o entendimento do que poderia ser realizado. Nesses dois anos de desenvolvimento do projeto, posso dizer que temos

⁵³ Projeto de Vida é uma disciplina eletiva em escolas de turno único da Rede Municipal do Rio de Janeiro e é descrita com mais detalhes no texto sobre meu encontro com o professor Lindomar, na página 28.

⁵⁴ Alexandre Hryhorczuk, um Senhor Palhaço. Ator, palhaço, professor de circo entre outras funções na área artística. Formado em Licenciatura - Artes Cênicas pela UNIRIO.

como característica aplicar o que já experimentamos, compartilhando com as outras pessoas o que vivenciamos.

Enquanto integrante da 1ª CRE, fui aplicando com as minhas equipes da área diferentes ações com o teatro, levando os resultados das diversas experiências para a equipe do *Corpo Expressivo*, para que pensássemos sobre eles e os avaliássemos juntas.

- Professora Claudete Felix

Claudete Felix de Souza, curinga do Centro de Teatro do Oprimido por 30 anos, teve a direção artística direta de Augusto Boal por 23 anos até a data de seu falecimento, em 2009. Durante essas três décadas montou e dirigiu mais de cem grupos populares de Teatro do Oprimido, sendo a grande maioria dos grupos formada por jovens e estudantes da rede, com apresentações e intervenções públicas. Ainda atuante na rede pública de ensino público no Rio de Janeiro (Por Claudete Felix no projeto elaborado por ela para nossa capacitação s/p).

Conheci a professora Claudete em uma das escolas em que lecionei com turmas regulares e me sentia honrada em ter a oportunidade de trabalhar com uma profissional com tamanha experiência. Quando entrei para o PROINAPE, percebi que a professora poderia colaborar muito nas ações do setor, tendo em vista sua grande prática com o Teatro do Oprimido e sua atuação como professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Imaginava como poderia potencializar nossos conhecimentos a favor dos educandos e ao ter a oportunidade de desenvolver uma pesquisa teórica dentro do PROINAPE, para a elaboração do Projeto *O corpo expressivo*, identifiquei esse momento como ideal nosso reencontro profissional. Ao apresentar a proposta para Kátia Rios (gerente do NIAP), Valéria Neves e Andreia Morais, estas perceberam o quanto seria enriquecedora a troca com a professora Claudete.

No primeiro encontro em que levamos uma proposta de troca de experiências, Andreia e eu fomos muito bem recebidas pela colega. Minha percepção foi que a nossa proposta estava em sintonia com o momento que a professora estava vivendo, que era o de renovar suas ações e trocar ideia com outros profissionais. Combinamos que assistiríamos e participaríamos de algumas aulas com a sua turma do Programa Acelera⁵⁵ e, após nossa conversa, ela estruturou um projeto para que ficassem claros - para todas nós e nossa chefia - a importância e os desdobramentos dessa troca nos nossos trabalhos.

⁵⁵ Programa de Aceleração dos alunos da Rede Municipal com defasagem de idade e série.

Cada vez que um grupo social teatraliza seu cotidiano, seus problemas e seus desejos, consegue entendê-los melhor, porque o teatro amplia e redimensiona a realidade. Transcrever um problema real em ação teatral cria a possibilidade de vê-lo de outro ângulo, vê-lo de fora, tendo o distanciamento necessário para compreender seus diferentes aspectos. Ver a situação e ver-se em situação (Trecho escrito por Claudete Félix para o projeto em 2017 s/p).

Nossos encontros seriam para que pudéssemos aprofundar o nosso conhecimento sobre o *Teatro do Oprimido*, com a professora e curadora do CTO e para que ela tivesse a nossa parceria para a construção de um trabalho com seus alunos do Programa Acelera. Precisávamos nos aprofundar na técnica para fortalecer o conhecimento que já tínhamos e oferecer aos sujeitos do cotidiano escolar esse dispositivo que colabora para que possam ver suas realidades por outros ângulos, percebendo possibilidades de mudança.

Tivemos a oportunidade de participar de algumas aulas de Artes, dentro da grade do Programa Acelera, em que a professora utilizou jogos da metodologia do Teatro do Oprimido. Aprendemos e relembramos alguns jogos que eram rapidamente aplicados em nossas ações do *Corpo Expressivo*. Foram encontros que nos mostraram diversas possibilidades de trabalho, mas infelizmente não foi possível a continuidade de nosso contato com a turma, por problemas administrativos cuja resolução não estava ao nosso alcance. Desse modo, o projeto iniciado para a turma do Acelera acabou sendo finalizado apenas pela professora Claudete, que deu continuidade a este durante um tempo com seus alunos, mas não pode finalizá-lo como todas nós gostaríamos e havíamos planejado.

Este foi um encontro muito potente, em que ficamos muito agradecidas em poder aprender com uma professora com a experiência de Claudete Felix. Nesse ano de 2020, a professora foi requisitada para fazer parte do quadro de profissionais do PROINAPE, passando a poder levar seu conhecimento e prática para mais sujeitos do cotidiano escolar – o que, sem dúvida, é uma conquista para a nossa rede de ensino municipal do Rio de Janeiro.

Seguem abaixo alguns dos exercícios que aprendemos durante os nossos encontros:

CABANA, PESSOA E TEMPESTADE:

A turma se organiza em trios de modo a sobrar alguém de fora. Duas pessoas do trio formam uma cabana, juntando suas mãos. No centro da cabana, a pessoa se protege. Do lado de fora de todas as cabanas, o participante que sobrou pode falar: cabana, e todas as cabanas se desfazem, tentando formar novas duplas. Também pode falar pessoa, e todos que estão abrigados dentro das cabanas têm que sair, buscando novos abrigos. Se disser tempestade, não sobrar ninguém em sua posição original, todos devem se mover tentando formar outros trios. Nos

momentos de troca, o participante que estava de fora tenta garantir seu espaço como cabana ou como pessoa abrigada.

CREQUELÊ E CREQUELÁ:

Dividir os jogadores em dois grupos, demarcar o espaço de jogo definindo o meio, um grupo ficará de frente para o outro e o facilitador vai definir o nome de cada grupo. O jogo começa e o facilitador fala alto o nome de um dos grupos e esses terão que correr para pegar um integrante do outro time. Uma linha será definida para limite até onde poderá alcançar os outros participantes. O facilitador deve fazer suspense antes de falar o nome de quem vai pegar e de quem vai correr, desta forma os jogadores vão ficar com o corpo em alerta para não se deixar ser pego ou para pegar e ganhar ponto para o grupo.

JOGO DO LENÇO:

Os mesmos grupos e na mesma posição com um lenço no chão e no meio dos dois grupos, a facilitadora vai definir a numeração de cada integrante em ordem de formação na fila e o outro grupo terá a definição em ordem contrária à ordem do primeiro grupo a ser escolhido. Desta forma, em um grupo de 20 pessoas, cada grupo terá 10 integrantes. Ao anunciar um número aleatório, dentre os números dos integrantes, cada participante de cada grupo correspondente aquele número, vai correndo buscar o lenço e quem pegar primeiro terá o ponto recebido para o grupo, porém se enquanto o integrante estiver pegando o lenço, o adversário tocar em seu braço, o ponto é do integrante do grupo que tocou no braço do colega que estava com o lenço na mão.

Trocar, avaliar, repensar, completar... Encontros como esses nos enriquecem, fazendo-nos relembrar os ideais de quando iniciamos no magistério. Relembramos dos motivos que nos fizeram estar naquele espaço de ensino e nos revigoram para dar continuidade a nossa caminhada. Trocar... algo tão simples, tão fácil e pouco aproveitado nas nossas instituições. Percebo que uma das nossas funções no PROINAPE pode ser essa também: a de proporcionar encontros entre nossos profissionais e potencializar seus trabalhos através da troca de conhecimentos e saberes.

- Professor Lindomar Araujo

No ano de 2017, o professor Lindomar Araujo lecionava numa escola da rede municipal do Rio de Janeiro em que eu também lecionara, da qual guardo forte lembrança dos momentos em que

ali vivi. Em 2020, Lindomar encontra-se na direção do Núcleo de Artes Avenida dos Desfiles, realizando uma ótima gestão do espaço, podendo colocar em prática todo o seu conhecimento relacionado às diversas Linguagens Artísticas.

Durante o meu período de investigação na pesquisa, o professor estava cursando o Mestrado Profissional em Artes Cênicas na UNIRIO, desenvolvendo pesquisa que buscava verificar o grau de emancipação dos sujeitos aprendizes pela prática do Teatro do Oprimido, promovendo uma interseção com os projetos de vida dos estudantes. Ao participar de sua aula, me abasteci de informações pedagógicas importantes, que pude levar para o projeto do *Corpo Expressivo*.

Cabe ressaltar, que nessa escola visitada, onde fui investigar a prática do professor Lindomar Araujo, muitas turmas apresentavam formações/composições peculiares. Devido à necessidade de reduzir o número de alunos por professor e utilizar salas específicas, as turmas desse docente tinham em média 20 (vinte) alunos e a sala utilizada era temática, denominada “Ateliê de Arte”. Nessa unidade escolar, o professor Lindomar trabalhava com 03 (três) disciplinas distintas, sendo elas: Arte (Mídias); Projeto de Vida (Teatro); e Eletiva (Mídia).

Data: 11/08/2017.

Oficina - Ateliê de Outras Mídias com turma de 8º ano.

Atividade - Criação de música para videoclipe.

Nessa aula, os alunos estavam em processo de criarem um videoclipe. Inicialmente, o professor organizou um mapa conceitual ou uma “planificação” de todos os passos a serem dados até chegarem ao lançamento do vídeo na plataforma digital.

Percebi que a tarefa naquele dia era cada aluno escrever uma parte da letra da música que haviam criado, lendo-a para o grupo e colocando-a no quadro da sala, onde todos pudessem visualizá-la, avaliando como havia ficado a junção de todos os versos. Depois desse trabalho inicial, todos fizeram uma pesquisa de base em estilo de hip hop para encaixar as letras criadas.

Em resposta a minha solicitação, o professor Lindomar realizou no final da aula dois exercícios teatrais da técnica de Augusto Boal (2000), denominados *Mosquito Africano e Pega e Passa*.

MOSQUITO AFRICANO:

No círculo, o Mosquito vai passar por cima da cabeça de todos os participantes, saltando de um para o outro. Quando o mosquito está na cabeça e alguém, essa pessoa abaixa-se e os parceiros dos dois lados batem palma simultaneamente, como se estivessem tentando matar o mosquito. Quando salta para a cabeça do próximo, este faz o mesmo: abaixa-se, enquanto seus vizinhos de roda tentam matar o mosquito com palmas. Até que o mosquito circule por toda a roda. Em seguida, o curinga pode acrescentar mais mosquitos ao jogo e alterar a forma de matar o mosquito, modificando o tipo de palma.

PEGA E PASSA:

No círculo, o curinga passa com as duas mãos espalmadas para um participante, da sua esquerda ou direita, e o participante recebe com as mãos espalmadas e passa para outro participante e todos vão recebendo e passando, aos poucos vão acelerando e em algum momento o curinga pode trocar a direção.

Os alunos saíram da atividade animados, elogiaram as aulas de teatro do professor e falaram o quanto gostam desse tipo de atividade.

Os alunos saíram animados da atividade; elogiaram as aulas de teatro do professor e falaram o quanto gostam desse tipo de atividade.

Após os estudantes saírem da sala de aula, conversei um pouco com o professor sobre o trabalho de poesia que o PROINAPE realiza, mostrando alguns vídeos, pois achei que o trabalho poderia ser um estímulo a mais para a continuidade do trabalho de construção da música para o videoclipe.

Tirei algumas dúvidas sobre o Teatro-Invisível e o professor Lindomar ressaltou que nessa técnica os atores vão atuar em locais onde precisam debater algum tema que estão trabalhando e pesquisando, sendo a ação é feita com pessoas que não conhecem o grupo. Assim, neste processo os atores geram uma discussão com a sociedade, mas não revelam que estão fazendo teatro; o resultado da ação oferece conteúdo para o debate do grupo que a realizou. De acordo com a curinga Bárbara Santos (2016, p.88 e 89), a técnica do Teatro-Invisível corresponde inclusive à

(...) uma encenação apresentada como fato concreto da vida real, que não pode ser revelada com o teatro. Apesar de a encenação ser produzida com o teatro, deve ser apresentada no local onde poderia acontecer com o fato verídico, não sendo identificada como evento

teatral. Dessa forma, os espectadores são reais participantes, reagem e opinam espontaneamente à discussão provocada pela encenação. O Teatro - Invisível objetiva dar visibilidade ao que está invisível na vida cotidiana. Revelá-lo como encenação teatral pode colocar o grupo em risco e criar uma sensação de traição entre os e as espectadores/as.

A possibilidade de troca e vivências com colegas da área, nos ajuda a refletir e nos auxilia a relembrar e entender algumas técnicas, que podem ser utilizadas da mesma forma em que foram elaboradas ou então serem adaptadas nas nossas ações. No livro *Jogos para atores e não atores*, de Augusto Boal, são descritas várias versões dos jogos utilizados no Teatro do Oprimido, a partir dos quais ainda é possível fazer adaptações e novas propostas, mas é importante que o conhecimento da teoria esteja claro para futuros questionamentos dos participantes das nossas vivências. O Teatro-Invisível é um recurso que precisa ser utilizado com conhecimento, pois apesar de muito potente, precisa respeitar o espectador que não está ciente que é espectador, evitando assim a banalização da técnica.

O encontro com o professor Lindomar ajudou na reflexão sobre o Teatro-Invisível e a perceber que a metodologia criada por Boal tem sua estrutura, regras e intenções claras, para que ao nomear as técnicas o grupo defina os objetivos e não confunda os participantes com informações equivocadas. Após o encontro, compartilhei minha experiência com a equipe, a partir da qual pudemos tecer e compartilhar reflexões acerca do Teatro do Oprimido.

- A sala como universo cênico

Logo no início do projeto, no segundo semestre de 2017, retornamos à Universidade (UNIRIO – Centro de Letras e Artes), com o intuito de trocarmos experiências com alguns professores e conhecer novas metodologias. Participamos do encontro *A sala como universo cênico*, projeto que tem Alexandre de Assunção Hryhorczuk como um dos idealizadores. Convidada para esse primeiro momento, a Professora Sylvia Heller conduziu o trabalho com jogos teatrais.

Ao longo de 2016 e 2017 uma equipe multidisciplinar da UNIRIO, composta por professores dos campos da Educação, Teatro e Ciências Sociais desenvolveram um projeto de extensão para a pesquisa de uma prática inovadora no plano do ensino: transmitir saberes e práticas do campo do teatro e da formação de atores para professores em diferentes âmbitos de ensino. A pesquisa é feita por especialistas que acreditam que além dos conteúdos pedagógicos e da didática existe uma dimensão corporal e espacial do ensino que deveria ser abordada a partir de perspectivas interdisciplinares. Nesse sentido é proposta uma aproximação entre a educação e o teatro, de forma a poder ressignificar a situação do professor na sala de aula e a própria relação e interação professor-aluno. O projeto consiste na realização de oficinas, coordenadas por uma equipe multidisciplinar. As oficinas foram pensadas para que os professores possam se “apropriar” de técnicas e práticas do âmbito da formação de atores para serem aplicadas às condições em que se desenvolve a atividade do professor: a consciência de seu corpo “em sala”, a organização do espaço, sua

movimentação, o uso da voz e suas modulações, a dinâmica que estabelece com seus alunos, as mudanças no ritmo da aula, a perda da atenção, são alguns dos temas abordados (Por Alexandre de Assunção Hryhorczuk).

Como a professora Sylvia Heller é ex-professora das facilitadoras do projeto, muitos exercícios foram lembrados para serem aplicados nas ações do *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. O projeto apenas havia começado e a partir daquela outras oficinas seriam oferecidas aos professores da rede, nas quais pretendíamos participar para dar continuidade ao acompanhamento da pesquisa que tem muitos pontos de encontros com nossas práticas e intenções para o projeto, mas infelizmente não acompanhamos a continuidade do projeto. Não sei se houve outros encontros, pois não recebemos mais e-mails da equipe de organização. Apesar disso, valeu muito a vivência que nos despertou lembranças dos conhecimentos já adquiridos.

3.2.2 - Encontro de fazeres e saberes dos profissionais de Artes Cênicas

O professor de Artes Cênicas Veríssimo Júnior, que em 2017 atuava como assessor do Secretário de Educação do Município do Rio de Janeiro, César Benjamim, para assuntos relacionados à construção de um espaço inovador do teatro na rede municipal, organizou um encontro voltado para os professores de Artes Cênicas chamado *Encontro de fazeres e saberes*. Essa experiência foi muito produtiva, pois foi possível entender o que os outros profissionais de Artes Cênicas estavam realizando em suas aulas e contar um pouco para os outros profissionais sobre o trabalho do NIAP na SME e como o teatro era um dispositivo potente para as ações do setor na rede municipal.

Naquela ocasião Veríssimo passou a conhecer nosso trabalho e a dialogar com nossas ações, que, apesar de distintas de sua proposta para a rede, poderiam estar sempre em diálogo, trocando experiências e repensando as ações tanto dos professores regentes que estavam em sala de aula, quanto de nós, que somos professoras regentes em uma outra estrutura de trabalho.

Para esse encontro convidamos a psicóloga Camilla Oliveira e a assistente social Érika Philippini para compor a nossa equipe e apresentar o trabalho interdisciplinar do NIAP. Fizemos uma vivência com os alunos da 3º CRE, com os quais estávamos trabalhando, para que elas entendessem o que era o projeto do *Corpo Expressivo* e assim pudessem fazer suas colocações no Encontro dos profissionais de Artes Cênicas, representando suas formações dentro do projeto. Desta forma elas puderam entender como era a prática e com isso foi possível trocar e preparar a inserção dos outros profissionais para compor uma equipe interdisciplinar no projeto.

A partir desse movimento, Camilla Oliveira já demonstrou interesse em fazer parte do projeto e tivemos a entrada da nossa primeira psicóloga no projeto. Convidamos também a assistente social Érika, mas suas muitas demandas na 1º CRE não permitiam que assumisse mais uma atividade naquele momento. No entanto, como ela já havia trabalhado comigo, sabia como se dava o trabalho com o teatro e pode fazer uma fala no encontro a partir do seu campo profissional.

Temos um trabalho interdisciplinar (...) e a minha experiência com a questão teatro é junto a Alessandra que faz parte da minha equipe na Escola Municipal XXX⁵⁶ e nós temos, nessa escola, um grupo de roda de conversa com os alunos. Entramos com uma demanda inicial pela questão do sofrimento psíquico e a questão da automutilação, resolvemos criar um grupo para poder conversar a respeito, extravasando isso e dar outro foco para esses alunos, depois claro que esse grupo se ampliou e abrimos para outros alunos e achamos interessante fazer uso do teatro. Esse espaço é muito importante porque facilita a comunicação e a comunicação é horizontal, os alunos podem se expressar, podem falar das suas angústias e podem colocar os seus potenciais durante as oficinas. Enquanto assistente social eu percebo que a arte, o teatro é algo prazeroso pra eles e é muito bem-vindo e assim conseguimos construir outro vínculo e que é importantíssimo pra minha atuação, por exemplo, quando eu preciso fazer essa interface com outros setores, eu preciso fazer essa articulação com outras políticas, então quando preciso encaminhar um caso é muito mais tranquilo esse encaminhamento de um aluno que eu tenho um vínculo maior por participar de um espaço como esse do que em outra situação, pela proximidade que facilita esse processo e ele nos tem como uma referência na escola de outro lugar e nos procuram quando precisam de uma de orientação ou quando querem simplesmente ser ouvidos. Acho que o teatro facilita a nossa ação e eu entendo que o teatro também é afeto (Fala da assistente social, Érika Philippini durante o encontro).

O trabalho citado por Érika, que será descrito na dissertação, foi um trabalho com a estrutura do *Corpo em cena*, culminando em um vídeo com o roteiro criado pelos alunos da oficina.

3.2.3 - Centro de Estudos e inspiração a partir de alguns textos do Teatro do Absurdo⁵⁷.

Em um Centro de Estudos dos profissionais do PROINAPE, para o qual fomos convidadas a participar em 2018, criamos um texto inspirado no Teatro do Absurdo, fazendo uma cena que provocou dúvidas em algumas pessoas: embora estivesse claro que a conversa apresentada era uma cena teatral, ela não foi precedida por qualquer anúncio e, além disso, depois de sua realização voltamos para o encontro como se nada tivesse acontecido, já que nossa intenção era quebrar a

⁵⁶ Érika diz o nome da escola em seu discurso, mas na dissertação não serão citadas escolas ou nomes dos participantes das ações do NIAP.

⁵⁷ A forma preferida da dramaturgia absurda é a de uma peça sem intriga nem personagens claramente definidas: o acaso e a invenção reinam nela como senhores absolutos. A cena renuncia a todo o mimetismo psicológico ou gestual, a todo efeito de ilusão, de modo que o espectador é obrigado a aceitar as convenções físicas de um novo universo ficcional (PAVIS, 2003, p.2).

atividade que estava sendo realizada, ativando a criatividade dos participantes e mexendo com a rotina do encontro. Segue o texto criado pela equipe *do Corpo expressivo*:

A1: Com licença, desculpa interromper a reunião, mas só queria deixar um recado, eu vim pra dizer que não venho.

A2: Ai que bom, que você veio, isso demonstra uma responsabilidade da sua parte, aproveito pra dizer que não vou.

A1: Claro, Alessandra! Você tem toda autonomia pra escolher os seus caminhos. Que estranho, pois você já havia dito que não vinha. E você veio!?

A2: Que curioso! Você falando agora. Eu vinha pra dizer que não vinha e acabei ficando.

A1: Hum! Que curioso! Porque ontem, quem viria era eu, acabou que vim pra dizer que não venho.

A2: Hum! Hum! Senta!

A1: Desculpe-me, mas não posso ficar por muito tempo, vim por outro motivo. Estou em uma missão oficial.

A2: Hum! Missão! Por isso ficarei.

A1: Admiro sua capacidade de governar-se pelos seus próprios meios.

A2: Já você! Não dá o braço a torcer. Crítica! Percebo um jogo de força nas suas decisões.

A1: Ontem comi peixe ao molho de maracujá. Que sutileza! Que liberdade!

J: Interior burguês inglês, com poltronas inglesas. Reunião inglesa. Usam pantufas inglesas, um fuma cachimbo inglês, outro lê um jornal inglês, junto a uma lareira inglesa. Um usa óculos inglês, com bigodinho grisalho, inglês. Outro remenda suas meias inglesas. Um longo momento de silêncio inglês. O relógio toca britanicamente dezessete vezes.

A1: Segunda-feira.

A2: Ovo ou peixe? (Pausa)

A2: E Ionesco, vem ou não vem?

A1: Não! Ele e Beckett estão esperando Godot.

A2: E a cantora careca?

A1: Está a caminho. Disse que passará no salão antes para fazer escova.

J: O relógio toca britanicamente dezessete vezes.

A2: Já percebeu que vai começar?

A1: Hum! O que?

A2: A missão!

A1 e A2: Hum!

Alguns profissionais sentiram incômodo por não falarmos depois nada depois sobre o que havia acontecido e sobre aquela quebra nas atividades habituais do Centro de Estudos, mas na elaboração da proposta a equipe do *Corpo expressivo* optou que a mesma acontecesse dessa forma, deixando que cada um pudesse ficar com o que havia sentido ou pensado naquele momento. Após a intervenção voltamos para o nosso lugar e participamos do CE como se nada tivesse acontecido, e foi muito engraçado perceber que, a qualquer movimento que fazíamos, as pessoas olhavam achando que algo aconteceria.

Falar ou não falar? Essa foi uma questão para a equipe do *Corpo Expressivo*. Defendi a ideia que não deveríamos falar sobre ela, já que a intenção era possibilitar uma quebra no cotidiano dos envolvidos de modo a desestruturá-lo de alguma forma, e para que o que era falado fosse repensado de novas maneiras. Não me lembro exatamente quando fizemos essa intervenção; desse modo, posso dizer que essa discussão ficou em aberto pela equipe, e será retomada em outras ações⁵⁸.

3.3 - Laboratórios pulsantes... Formatos de trabalho

- Mimo⁵⁹ Corporal

Encontro para possibilitar vivências corporais, no qual será feito aos participantes um convite a despertar seus corpos, convocando-os a sair do lugar comum e a experimentar novos acessos de conhecimento e criação. Pode ser realizado na abertura de um evento, disparador de uma roda de conversa, palestra ou outra demanda que necessite de tal ação.

- Oficina do Corpo em Movimento

Realização de uma vivência corporal em três ou quatro encontros, para um grupo que esteja formado anteriormente e que necessite de um novo olhar sobre suas ações e demandas, despertando

⁵⁸ Tenho sugerido à equipe estudos sobre o Performance, Teatro contemporâneo, Artaud, Esquisoanálise, Teatro do Absurdo... Conhecimentos que possam acionar outros sentidos e novas possibilidades de expressão. Não tenho propriedade para falar sobre esses assuntos, mas acredito que sejam caminhos frutíferos a serem estudados.

⁵⁹ Esse termo não se refere ao teatro físico de Étienne Decroux. Utilizamos esse termo para que seja recebido como uma ação, que apesar de curta, tem a intenção de levar nosso trabalho como uma pausa possível, um afago, para reflexão de novas possibilidades de ação.

o processo criativo e colaborando para o encontro de novas possibilidades para as necessidades do grupo. Conceder uma experiência corporal mais regular que o Mimo Corporal.

- Oficina do Corpo em cena

Trabalho mais sistemático, com objetivos que podem ser adaptados, à necessidade, realidade e resposta de cada grupo. Planejado para ser desenvolvido em uma média de 10 encontros, parte de um trabalho consolidado e desenvolvido junto à comunidade escolar. Com esse projeto base, temos o propósito de entender mais profundamente as limitações e dificuldades do corpo e sua expressão dentro e fora do ambiente escolar, criando um espaço experimental e prático.

3.3.1 - Experiências de Mimo Corporal

- Equipe 1ª CRE – Ensino Fundamental I

Profissionais: Alessandra Garcia (professora), Lílian da Costa (assistente social), Renata Geoffroy (psicóloga).

Em uma das escolas que acompanhamos em 2017, na qual estávamos realizando um trabalho com as turmas do 4º ano, nos foi solicitado pela diretora que atendêssemos também as turmas do 3º ano, a partir de pedido do Secretário de Educação de que houvesse uma atenção maior para essas turmas. Como não era possível parar as atividades que já estavam em andamento, decidimos que faríamos um *Mimo Corporal* com apenas uma das turmas desse segmento, optando pela turma de uma professora que sempre solicitava a nossa parceria (e era atendida sempre que possível). Por já conhecer a turma, esse formato de trabalho era o possível naquele momento.

O *Mimo Corporal* foi pensado com uma atividade que pudesse colaborar com a diminuição da violência em sala de aula. Fizemos jogos iniciais para estabelecer a concentração dos alunos e dividimos a turma em três grupos, pedindo auxílio da professora para que cada grupo fosse composto por estudantes com diferentes personalidades; tímidos, agitados, incluídos e outras características que equilibrassem cada grupo.

As orientações para a improvisação era que cada grupo era uma família; eles deveriam dividir os papéis e pensar em uma situação conflito típica desse tipo de agrupamento. Nesse dia eu estava representando a equipe na realização da atividade e contava com o apoio da professora da turma e da estagiária, que acompanhava um aluno especial. Aconselhei que cada uma de nós ficasse responsável por auxiliar cada conjunto de alunos, mas intervindo apenas quando necessário, estimulando as crianças com perguntas que colaborassem para a criação de suas cenas. Logo após a

definição dos papéis e dos conflitos, os alunos fizeram uma improvisação para que toda a turma assistisse.

Os alunos aproveitaram a atividade e realizaram com afinco, podendo trocar experiências com os colegas da turma, gerando um ambiente de respeito e cooperação. A professora da turma nos relatou que todos realizaram a atividade de um modo inédito, e que assim puderam ver a importância e o valor do trabalho em grupo. A docente nos contou também que, embora única, aquela atividade havia repercutido positivamente nas aulas seguintes.

Considero esse formato de trabalho muito importante para auxiliar os professores, em uma dinâmica que faz com que eles passem a se conhecerem melhor e a perceber como é divertido e potente trabalhar em grupo. Ao escrever e relembrar essa ação, que aconteceu em 2017, sinto vontade de aplicar mais ações como essa, que, embora pontual, ajuda a construir laços de amizade e respeito nas turmas.

- Terceiro Encontro de Formação do NIAP

Os profissionais do PROINAPE foram convidados a iniciar sua formação visitando a exposição “Delírios”⁶⁰, no Museu de Arte do Rio (MAR), com o intuito de despertar os sentidos e dialogar posteriormente com as atividades sugeridas, com destaque para a cartografia.

Ao retornar, foi-nos sugerido ao grupo a criação de um mapa referente a uma situação vivenciada no universo escolar, sugestão essa retomada no final do encontro. Essa atividade foi conduzida por outra equipe do PROINAPE que trabalha com um projeto de Cartografia⁶¹.

⁶⁰ <http://museudeartedorio.org.br/programacao/lugares-do-delirio/> Acesso em 19 de janeiro de 2020.

⁶¹ <https://smeniap.wixsite.com/smeniap/single-post/2019/08/20/Cartografia-Afetiva-no-Espa%C3%A7o-Escolar> Acesso em 19 de janeiro de 2020.

Após o intervalo, o conjunto dos envolvidos na atividade foi chegando gradativamente e encontrando, já em curso, uma cena realizada por Andreia e eu que retratava a relação direta entre aluna, representada por mim e professora, representada por Andreia Morais, mostrando como o saber estar associado a um corpo imóvel. A frase *senta* – (Professora) e *posso?* (Aluna), eram as únicas



Figura 4 -
Alessandra
Garcia e
Andreia Morais.

palavras pronunciadas com intenções diversas, instaurando ambientes e situações distintas, trazendo a vivência da sala de aula, com suas angústias, medos, prazeres, alegrias e dificuldades. A cena buscava elucidar a falta de escuta, a mecanização das relações e o aprisionamento ao qual somos colocados no processo de aprendizagem, limitando a criatividade e a liberdade de expressão, situações que o corpo muitas vezes anseia, mas que é impedido de alcançar.

Em seguida, o grupo passou por uma experiência corporal em que tínhamos a intenção de conduzir os profissionais numa movimentação corporal, de maneira consciente e expressiva.

Seguem abaixo alguns dos jogos realizados no encontro:

HIPNOSE:

Um participante põe a mão a poucos centímetros do rosto do outro e este fica como que hipnotizado. Este inicia uma série de movimentos com a mão, para cima, para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis, a fim de manter a distância. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador.

ESPELHO:

Em dupla, frente a frente, um comanda moderadamente movimentos em espaços (livres), que perpassam os três níveis: alto, médio e baixo, enquanto o outro participante que recebe o comando, reflete em movimentos (imita seus gestos). No decorrer da ação, muda-se de comando.

Sugere-se movimentos do cotidiano, que deve ser feito com calma, para que possam ser acompanhados. Em um momento, faz-se uma roda e uma dupla fica no meio e estabelece, sem os demais participantes saberem, a pessoa que vai comandar o jogo, devendo os observadores descobrir quem é essa pessoa.

SOM E MOVIMENTO:

Todos andam pelo espaço até que, a um comando, todos congelam e fecham os olhos. Uma das pessoas é tocada e convidada a emitir um som, com volume, direção, timbre e emoção. De olhos fechados, todos reagem ao som com movimentos. A pessoa repete o som e os outros repetem os seus movimentos, até que o emissor, elege uma pessoa cuja movimentação considera mais próxima do seu som. Todos abrem os olhos para observar som e movimento sendo realizado por pessoas diferentes. Em seguida o emissor faz ao mesmo tempo som e movimento e por último, todos repetem.

Até realizar esse trabalho com a Andreia, não conhecia muitos profissionais do NIAP; nesse dia, conheci vários em um só encontro. Percebi que os novos colegas de trabalho gostaram muito do que vivenciaram e, a partir desse dia, quando encontrava com algum colega que havia participado desse encontro, recebia um olhar vibrante que parecia me dizer: “Que trabalho interessante que vocês fazem, quero mais!”. Algumas pessoas chegaram a verbalizar esse entusiasmo, de outras apenas recebia a confirmação pelo olhar. Tive a certeza do resultado na ação em outros encontros que realizamos nos quais essas pessoas estavam participando.

Os profissionais das escolas e os profissionais do NIAP querem mudanças. E quando temos a possibilidade de trabalhar com metodologias que possibilitam a integração, despertem o riso e acesse nossos desejos escondidos, enfrentamos nossos desafios com mais prazer. Sentimos nos livres! Receber olhares de gratidão e de empoderamento é o que me move. Sempre digo que vou

medindo meu trabalho pelos olhares que recebo e que bom que na maioria dos casos os olhos estão brilhando.

3.3.2 - Experiência Oficina do Corpo em Movimento

EQUIPE 1ª CRE – ENSINO FUNDAMENTAL 1

Profissionais: Alessandra Garcia (professora), LÍlian da Costa (assistente social), Renata Geoffroy (psicóloga).

Em uma das escolas em que trabalhei na 1ª CRE, no segundo semestre de 2017, planejamos ações do *Corpo Expressivo*. Julgamos que, como havíamos realizado um trabalho com as turmas do 4º ano, poderíamos no segundo semestre planejar ações voltadas para os professores dessas turmas. Percebemos que o formato da *Oficina do Corpo em Movimento*, que oferece ações específicas em três ou quatro encontros, poderia atender às demandas da proposta pensada para o segundo semestre.

A ideia inicial era oferecer as ações no Centro de Estudos dos professores, o que foi praticamente impossível de realizar, tendo em vista que a escola tinha um déficit de professores. Os regentes do 4º ano, com os quais trabalharíamos, eram sempre remanejados para suprir as carências da escola. Mesmo diante desse quadro, conseguimos dois encontros específicos para os professores e duas ações com as turmas em que estes lecionavam, com o foco nos professores, para que pudéssemos auxiliar de alguma forma seus trabalhos com a turma. A escola tinha em sua formação quatro turmas de 4º ano e, dessas turmas, apenas um dos professores não pode ser atendido pela oficina.

Em uma das ações, apenas duas professoras estavam presentes, pois os outros precisavam estar com as turmas, e fizemos o jogo das quatro cadeiras⁶². A psicóloga e a assistente social observaram a atividade, da qual fizemos uma avaliação no final. Elas relataram percepções muito importantes que tiveram das ideias de uma das professoras durante a improvisação, o que nos ajudou a compreender um pouco das atitudes da professora, que demonstrava pelo seu corpo cansaço com a rotina da escola, bem como algum problema que ela vivenciava em sua família, o que ficou claro em suas ações.

⁶² Jogo descrito na página 109.

Durante a dinamização das atividades, o professor de teatro consegue perceber muito da postura de quem realiza as oficinas, mas ter alguém de fora, com um olhar com conhecimentos específicos é enriquecedor. Enquanto ouvia as observações delas, sentia-me muito feliz e agradecida por aquela oportunidade: era como se a minha percepção da potência das ações em equipe tivessem aumentado naquele momento, fazendo com que me encantasse cada vez mais pelo trabalho, decidindo então refletir e escrever sobre ele.

3.3.3 - Experiências com a Oficina do Corpo em Cena

O trabalho foi realizado no segundo semestre de 2017 como a primeira ação da *Oficina do corpo em cena*, com os alunos do segundo segmento⁶³ de uma escola municipal da 3º CRE nos turnos da manhã e da tarde. Pela manhã, trabalhamos por adesão e à tarde com o 9º ano, em parceria com a professora de História, com o objetivo de atingir toda a turma.

Os relatos a seguir fazem parte dos relatórios que fizemos a cada trabalho (sendo esta uma prática habitual). O relativo ao grupo da manhã foi elaborado na maior parte com considerações da Andreia, que esteve mais presente nestas ações, participando da culminância do processo; o relatório relativo ao grupo da tarde conta com as minhas considerações, que estive presente na culminância do mesmo.

- Grupo da Manhã

A oficina da manhã, composta por alunos de turmas diversas (atendendo à demanda da escola de trabalhar com alunos direcionados pela própria U.E.) aconteceu com horários alternados, de modo a não prejudicar a continuidade nas disciplinas daquele dia.

Iniciamos as atividades com jogos de integração e memorização. Realizamos uma roda de conversa para apresentação do projeto e conhecimento do grupo. Conduzimos uma improvisação, que aprendemos com a professora Claudete Felix, em que fica claro o Oprimido e Opressor.

Como disparadores para as atividades do dia, utilizamos os vídeos dos poetas WJ⁶⁴ e Mariana Félix⁶⁵, propondo a seguir uma feitura de cenas de Teatro-Imagem a partir das obras exibidas, que,

⁶³ Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

⁶⁴ Poesia nos anexos

⁶⁵ Idem

tratavam de assuntos como desigualdade, racismo, machismo, dentre outros, estimularam os estudantes na escolha dos seguintes temas para suas criações: bullying; realidade; política; conflitos; violência; racismo; homofobia; intolerância religiosa; avanço da tecnologia/essência do ser.

Trabalhamos com alguns jogos teatrais que tinham o objetivo propiciar integração, consciência espacial, observação, memorização, expressão corporal e verbal e estado emocional. Fizemos atividades de relaxamento, alongamento, ocupação de espaço, aquecimento e jogos teatrais. Das atividades realizadas, destaco o exercício *Zip, Zap, Toim*, que é um dos favoritos dos alunos, que ficam motivados, aquecidos e concentrados. Seguem algumas das atividades realizadas nos encontros:

CÍRCULO DE NÓS:

Mão direita em cima da esquerda, esquerda recebe a direita e segura. Todos de mãos dadas, olhar que está na sua esquerda e na sua direita também. Soltar as mãos e andar pelo espaço, para dar a mão para as pessoas que estavam na roda, mão com mão e desenhar o nó.

ZIP, ZAP, BOP, TOIM:

No círculo, a facilitadora passa um ZIP, som acompanhado de movimento da mão direita – para a pessoa ao seu lado direito. Esse ZIP será passado de pessoa a pessoa. Até que alguém faça um BOP, quando a pessoa vira de frente para quem está passando o som e mostra suas duas mãos espalmadas – o BOP obriga o movimento a retornar para outra direção. O BOP é o movimento de recusa. Há também a possibilidade de mandar um ZAP para as pessoas que estão imediatamente ao lado. Se alguém erra, todos emitem o som TOIM para registrar que houve um engano. Então, o jogo recomeça. O objetivo é que o grupo consiga jogar o máximo de tempo possível sem levar nenhum TOIM.

MÁQUINA DE RITMOS:

Um participante vai ao centro da sala e faz um ritmo e um som, como uma peça de uma máquina. Os outros vão compondo a máquina com um novo movimento e um novo ritmo que dialogue com o primeiro proposto, e assim sucessivamente, até formarmos uma grande máquina de ritmos.

JOGO DA BOLA IMAGINÁRIA:

Primeira etapa - Em roda com o grupo o facilitador inicia o jogo, “tirando” uma bola imaginária do bolso (o tamanho ideal a expressar é de uma bola de tênis), e estabelece um contato visual com um participante e simula que está lançando para o mesmo e diz o seu próprio nome ao lançar. O participante que vai receber, deve “pegar” a bola como ela foi enviada e pode transformar (peso ou tamanho) e lançá-la para um outro participante também dizendo o seu próprio nome. Todos vão lançar até que todos possam receber.

Segunda etapa - Praticamente o mesmo procedimento da primeira, o que muda é que ao “lançar” a bola, o participante vai falar o nome do participante ao qual ela se dirige.

Terceira etapa - O jogo continua com os participantes não mais em roda, mas andando e ocupando o espaço. Cada pessoa deve chamar pelo nome o participante para o qual pretende lançar a bola no momento em que o fizer.

Nos últimos encontros, trabalhamos com o Teatro-Imagem, jogos de improvisação e diálogos prontos. Consideramos tais exercícios fundamentais para um processo de criação, nos quais os alunos puderam vivenciar atos de autonomia, experimentaram situações cotidianas e puderam pôr em prática suas ideias.

Em geral o encerramento de um projeto de Artes Cênicas se dá com a construção de uma cena. Devido à dedicação, o envolvimento e a maturidade do grupo ao longo das atividades sugeridas e, tendo em vista que outros alunos da escola tinham desejado participar das oficinas, mas isto não tinha sido possível devido ao número de vagas, idealizamos uma conclusão que pudesse atingir outros alunos da escola.

No dia 10 de novembro de 2017, aconteceu uma Feira Cultural na escola, e nesse dia oferecemos a estudantes interessados algumas das atividades experimentadas ao longo do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. O grupo ficou empolgado com a proposta, e em nossa última aula fizemos uma divisão em dupla, devendo cada uma escolher o exercício que gostaria de aplicar. Fizemos um primeiro experimento com o próprio grupo e foi surpreendente a riqueza de detalhes sugerida por eles. Durante essa experimentação, os alunos sugeriram algumas adaptações de exercícios, construindo uma nova proposta na qual suas ideias somavam-se às originais.

Esta foi uma experiência muito potente. Eles se colocaram no lugar de transmitir o que aprenderam e de “brincar” de ensinar. O fato de ministrarem as propostas em dupla fortaleceu a explicação e o jogo entre eles, pois quando um tinha dificuldade de prosseguir o outro que compunha

a dupla dava continuidade. Saltava aos olhos a disponibilidade corporal dos estudantes ao proporem as atividades, e a maneira como eles se apropriaram das técnicas ficou clara quando propunham os exercícios para os colegas.

Com essa proposta, além dos objetivos traçados no projeto, os alunos puderam desenvolver expressivamente o protagonismo, experimentando o lugar de quem aprende e divide o seu saber. Os corpos assumiram uma postura de quem adquire um conhecimento de forma fluida, a ponto de serem capazes de reproduzirem e, mais importante, recriarem aquilo que aprenderam.

Para obtermos uma resposta mais concreta de como o projeto poderia estar modificando a postura desse aluno nos espaços escolares, a professora Valéria Neves (NIAP) criou um questionário para avaliação, a partir do qual os alunos refletiram sobre suas ações e no qual ela sugere a experimentação em sala de aula de algum dos exercícios propostos nos encontros.

É importante observar que a proposta dos “Alunos monitores” não foi bem compreendida pelos profissionais da escola, que tinham a expectativa, muito comum, de que a conclusão do trabalho com a linguagem artística estivesse vinculada a uma apresentação pública. Fizemos um convite para que os professores e direção pudessem acompanhar a realização do projeto, de modo a melhor compreenderem a proposta, porém não fomos visitados por eles. Como resposta à escola, reunimos textos, fotos e vídeos, materializando a dimensão do trabalho desenvolvido.

Apesar de alguns contratemplos, que ameaçaram comprometer os dias destinados para compor o que chamamos de *Oficina do Corpo em Cena*, obtivemos êxito e concluímos nos 10 dias propostos.

Finalizamos os nossos encontros levando os alunos para assistir uma apresentação teatral do Projeto da Professora Margareth, *Teatro em Versos*, já comentado nessa investigação, no Teatro Bangu. Foi uma experiência muito importante para todos nós, que aprendemos muito com esses jovens. Ficamos encantadas com sua disponibilidade, entendimento do trabalho e criatividade.

Muitos relataram que melhoraram seus comportamentos em sala de aula, ao perceberem que, assim como no jogo teatral, eles deveriam estar “Prontos para o Jogo⁶⁶”, ou seja, no mesmo estado que antecede o jogo teatral. Valéria Neves teve uma conversa de avaliação com os estudantes em que perguntava como seria o dia a dia em sala de aula se eles aplicassem os acordos que são

⁶⁶ Termo que aprendemos com a nossa professora da UNIRIO, Sylvia Heller, para que os alunos entendam que precisam de atenção e concentração antes de começar o jogo.

necessários ao jogo teatral; desse modo, uma das alunas nos disse: “Quando fico agitada nas aulas, respiro e me concentro para ficar pronta para o jogo”. Essa ligação das técnicas do teatro para a sala de aula precisa ser destacada como uma experiência que deve ser mantida.

- Grupo da Tarde – 9º ano

Realizamos alguns encontros com a turma, com o objetivo de aplicar o Projeto em uma turma regular. Essa tinha três tempos de aulas com a professora de História; assim, no primeiro tempo ela ficava com a turma toda, no segundo ficávamos com um grupo e ela com o outro e no terceiro invertíamos. Assim a docente também teve um tempo com um grupo reduzido, podendo dar mais atenção aos estudantes durante as atividades propostas.

A primeira divisão teve o objetivo de separar os alunos que estavam apresentando resistência em algumas atividades propostas pela professora. No primeiro encontro essa separação surgiu efeito positivo; no segundo encontro um dos alunos se recusou a participar das atividades, atitude que se manteve até o último dia. Dois outros alunos eram faltosos, mas, como participavam de algumas atividades, estiveram presentes no último encontro, com uma presença muito positiva, pois interagiram com o grupo e não apresentaram nenhuma dificuldade de integração.

Um dos alunos demonstrava timidez e muitas vezes recusando-se a participar das cenas, mas, quando conseguia, envolvia-se com afinco no que realizava. No último encontro do projeto, ele elaborou a atividade com o grupo, mas não quis participar da apresentação final no próprio grupo, sendo-lhe sugerido então que cuidasse da filmagem das atividades, o que ele aceitou na mesma hora, realizando a tarefa com muita dedicação.

A turma dividia-se em muitos subgrupos, que tinham uma certa rivalidade entre si. Em um dos grupos, havia uma constante criação de rótulos e apelidos, proferidos como “brincadeira”, mas eram claramente agressivos e causavam constrangimento. Durante as oficinas, afirmávamos para esse grupo que tais atitudes não os levariam a um crescimento - ao contrário -; ao longo das atividades, houve uma diminuição dessas atitudes, que costumavam ser constantes. No entanto, na penúltima oficina, um dos alunos desse grupo, que estava sempre usando adjetivos negativos com os colegas, fez questão de mostrar, durante sua improvisação, que apoiava um então deputado, hoje presidente da República, afirmando que “bandido bom era bandido morto”, nitidamente emprestando ao personagem suas convicções pessoais, reveladas por comentários anteriores durante as rodas de conversa.

Em uma oficina resolvemos separar grupos que estavam sempre juntos, o que causou um descontentamento inicial, mas foi seguido pela compreensão de que era necessário investigar novas formas de criação. Apenas uma das alunas, namorada de um rapaz da turma, realizou as atividades claramente aborrecida, fazendo questão de demonstrar que não estava satisfeita com a separação; já seu namorado exibiu leveza durante as atividades. No último encontro, onde trabalhamos com a turma toda, o rapaz demonstrava que não queria realizar as atividades, mas no final entrou no jogo e se divertiu.

Fizemos muitos jogos teatrais com o grupo, improvisações, Teatro-Jornal (baseado na técnica do Teatro do Oprimido) e concluímos o trabalho em conjunto com a professora de História, no qual os estudantes escolhiam um conteúdo trabalhado com ela durante o ano de 2017 e preparavam uma cena, primeiro com a equipe do *Corpo expressivo* e depois com uma maior colaboração da docente na parte teórica. Foi uma culminância cheia e surpresas positivas, na qual percebemos que todos, inclusive a professora, estavam satisfeitos com o que foi realizado durante as Oficinas do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*.

Percebemos pelos corpos e pelos olhares as mudanças de postura entre eles e o prazer em participar daqueles encontros, que utilizavam o teatro como dispositivo de trabalho. A diferença entre o olhar da professora para os alunos no primeiro dia em que a conhecemos e no último dia do encontro nos revelou o quanto ela mudou na forma de enxergar seus alunos, que puderam vivenciando o conteúdo de sua matéria em seus corpos. Os alunos ficaram felizes em poder mostrar de outra forma os conhecimentos adquiridos pela docente e perceber que ela os reconhecia e valorizava o que eles realizaram.

- Equipe Primeira CRE – Ensino Fundamental II

Profissionais: Érika Philippini (assistente social), Gisela S. R. de Moura (psicóloga) e Alessandra Garcia (professora).

Esta unidade escolar começou a ser atendida pela equipe da 1ªCRE como demanda extra, a partir de uma necessidade de orientação relacionada a um aluno que manifestou o desejo de matar-se no ambiente escolar, bem como alguns casos de automutilação. A equipe ingressou na unidade escolar no mês de abril de 2017 e apontou a necessidade de continuidade das ações quando avaliou o trabalho no mês de julho.

Esta demanda individualizada foi transformada em um trabalho coletivo, através de uma roda de conversa como estes alunos sinalizados pela gestão. Semanalmente havia um espaço com estes, voltado para a possibilidade de fala e escuta. O trabalho não buscava ter como foco a questão da automutilação e sim trazer outros debates que atravessam o período da adolescência. Desse modo, muitas reflexões interessantes foram trazidas como relacionamento, sexualidade, relações familiares, relações no espaço escolar, violência, entre outros.

Neste processo os alunos envolvidos mostraram interesse na expressão artística. Em um primeiro momento eles produziram poesias que expressavam suas questões subjetivas e coletivas. Em um segundo momento o interesse se voltou para uma produção teatral e sendo assim, o grupo foi ampliado para outros alunos interessados. Durante esta produção os alunos criaram cenas a partir de suas experiências pessoais, o que resultou em um vídeo.

Como eu já estava no projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, as ações do projeto somaram-se ao que já era realizado anteriormente junto com os jovens atendidos e o formato trabalhado foi a *Oficina do Corpo em cena*, já que os encontros com a equipe eram realizados semanalmente.

Realizamos um último encontro de encerramento, e solicitamos que os alunos pudessem avaliar estes encontros de forma escrita e verbal. Alguns sinalizaram que gostariam de ter mais espaços de conversa, pois com a entrada do teatro e a urgência da apresentação de um possível produto do trabalho, o momento ficou um pouco prejudicado. Relataram que participar dos encontros foi importante, pois podiam se expressar, eram ouvidos e estimulados a criar artisticamente.

A partir dessa colocação percebi o quanto a roda de conversa é um dispositivo potente e necessário nos trabalhos. Sempre enalteci e valorizei as ações do teatro na escola, mas com o retorno dos alunos pude ficar mais atenta na elaboração das atividades. Fui percebendo que, nos outros grupos de que eu participava, essa também era uma vontade de todos: embora o teatro seja potente e desejado, a necessidade de verbalizar, para alguns, é premente.

Nas avaliações escritas, muitos alunos elogiaram as atividades, pelos mais diversos motivos: por terem tido um momento para desabafar (o que não conseguiam com outras pessoas), por terem sido divertidas, pela ajuda no desenvolvimento da expressividade e pela possibilidade de conhecer outros colegas da escola, uma vez que os grupos misturavam alunos de várias turmas. Houve relatos que mencionaram a importância da atividade no enfrentamento de problemas pessoais; alguns reclamaram da imaturidade dos colegas, que atrapalhou um pouco o desenvolvimento das atividades

na roda e no teatro. Muitos, ainda, pediram para o trabalho continuar no ano seguinte, o que infelizmente não foi possível.

Houve várias sugestões, como atividades de dança, capoeira, visita ao *Aquário*⁶⁷, que mais temas relacionados ao universo dos adolescentes fossem discutidos, que as cenas que eles criaram fossem apresentadas em outros locais e que mais filmes fossem exibidos. Uma das alunas sugeriu ainda um trabalho com teatro em que os pais representassem os filhos e os filhos representassem os pais, para que cada um pudesse se colocar no lugar do outro, refletindo assim sobre as relações parentais. Uma ótima sugestão para futuras ações do Projeto.

- Equipe 1ª CRE – Ensino Fundamental I

Profissionais: Alessandra Garcia (professora), Lílian da Costa (assistente social), Renata Geoffroy (psicóloga).

Um das minhas equipes de trabalho na 1º CRE trabalhava em 2017 com uma escola de primeiro segmento em que a grande preocupação da equipe gestora eram as turmas de 4ºano, que durante a mudança gradativa para turno único eram as únicas que permaneciam na instituição até 14h e 30 min já que (todas as outras turmas eram divididas em turnos da manhã e da tarde). Essa diferença não era bem aceita pelos alunos: muitos queriam ir embora mais cedo como os colegas do turno da manhã o que gerava muitos conflitos, brigas e desinteresse pelas atividades, dificultando o trabalho dos professores.

As turmas do 4º ano foram atendidas no primeiro semestre de 2017 pela nossa equipe, que percebeu a necessidade de trabalhar a autoestima individual e da turma. Para isso elaboramos um *Power Point* com fotos dos alunos e suas respostas à entrevista que realizamos. Escaneamos os trabalhos de autorretrato que elaboraram em atividade com a nossa equipe e os inserimos em alguns slides, sem identificar quem havia feito cada trabalho. Também foram anexadas fotos dos professores e da turma, para que os estudantes pudessem perceber que eles estavam inseridos naquele grupo, dando importância ao coletivo.

Durante a projeção, muitos alunos reagiram com vergonha, mas também demonstraram prazer em serem vistos e reconhecidos. Antes do início da exibição, todos foram lembrados de que

⁶⁷ Aquário localizado na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Espaço de visitação.

era importante o acolhimento da imagem de seus colegas e suas respostas na entrevista. A orientação foi entendida de forma rápida e surgiram palmas a cada slide projetado.

Após a realização do trabalho em cada uma das quatro turmas do 4º ano, selecionamos dois discentes de cada turma para uma oficina teatral. Solicitamos aos professores que escolhessem um aluno muito agitado e outro muito tímido, pois era importante equilibrar o grupo e que de alguma forma eles pudessem multiplicar em suas turmas o que desenvolvessem nas oficinas.

Realizamos jogos teatrais, roda de conversa e criamos alguns curtas a partir de propostas dos participantes. Para a criação do curta sugerimos que o tema fosse relacionado com ações e atitudes presentes nas relações e no dia a dia das turmas; a partir deste proposta, os alunos sugeriram um tema e criaram o roteiro com o auxílio da equipe do PROINAPE. A culminância deste trabalho foi a apresentação do curta para cada turma do 4º ano, com uma roda de conversa após a exibição. A felicidade estava estampada no rosto de cada aluno ao assistir seus colegas, podendo compartilhar em seguida suas reflexões sobre o que havia sido apresentado.

Um dos curtas se chamava: *Por que brigar se você pode dançar?* A equipe percebeu que dois alunos que acompanhávamos e eram casos individuais⁶⁸ da equipe, gostavam da dança do passinho⁶⁹; desse modo, conduzimos a criação do roteiro para que eles dançassem em algum momento: construiu-se uma história sobre uma briga entre dançarinos que queriam o mesmo espaço para ensaiar, com um final em que todos dançavam juntos.

No dia da gravação, precisamos da ajuda de um funcionário da escola para colocar a música durante as tomadas, que nos informou que também dançava o passinho. Percebemos que ele queria participar do curta e o incluímos na cena: o rapaz entrava como se estivesse reclamando da bagunça e acabava dançando com os estudantes. Os alunos amaram esse momento da gravação! No dia da apresentação para as turmas foi o ponto auge da exibição.

Em outra ação que fizemos na mesma escola, o planejamento surgiu da vontade de uma das professoras de trabalhar com o Teatro-Jornal. Conseguimos integrar essa proposta com o que era realizado por ela em sala de aula e as atividades do projeto, em um trabalho bem aceito tanto pelos professores quanto pelos alunos. Uma das professoras deu continuidade ao trabalho com a turma e

⁶⁸ Casos que precisamos fazer articulações com a Saúde, Assistência e Família.

⁶⁹ Dança que era uma febre entre os jovens de comunidade em 2017 e cujos dançarinos participavam de concursos.

ficou tão satisfeita que levou a proposta como um projeto possível para a pós-graduação que cursava naquele momento.

Em uma das turmas, a facilitadora Andreia Morais, pode realizar uma ação e conhecer o trabalho realizado pela equipe da 1º CRE.

Relato dos Professores do 4º ano

Facilitadora-Vocês perceberam alguma mudança nos alunos depois que realizaram a oficina de teatro?

Professor 1 - Com o projeto os alunos passaram a se concentrar mais, além de servir como um canal livre de comunicação.

Facilitadora - Vocês absorveram algo para a prática pedagógica em sala depois do contato com o teatro?

Professor 1 - Saber lidar com a singularidade do outro. Ajudou na resolução dos conflitos e principalmente estreitar as relações.

Facilitadora – Poderia fazer um pequeno relato da sua experiência com o PROINAPE e o trabalho de teatro na escola?

Professora 2 - Para começar, quero agradecer a escolha do PROINAPE pelo 4º ano. Tínhamos um desafio em 2017 que era o turno único e somente o 4º ano pertencia a ele, as outras turmas continuaram em horário regular. Então tivemos muita dificuldade no início para que os alunos conseguissem compreender que o turno único não era uma punição, e sim um benefício. Quando a Alessandra chegou sugerindo atividades ligadas ao teatro, vimos aí uma possibilidade de parceria que deu muito certo. Escolhemos a princípio somente os alunos que tinham interesse em participar das atividades. Com isso, aos poucos, toda a turma se animou querendo participar. Foi um sucesso. Os alunos se sentiram valorizados. Ao concluir a atividade a Alessandra agendava um dia para mostrar a turma as fotos e os vídeos do dia que a atividade foi desenvolvida, e esse momento também foi muito importante porque eles se enxergavam produzindo algo muito bacana e que em seguida era aplaudido pela turma toda. Enfim, valeu muito a pena cada encontro que participamos juntos desse trabalho, me acrescentou outras possibilidades de pensar à docência a partir dessas atividades. Conte comigo para o que precisarem.

Diante do agradecimento da minha parceira de profissão, preciso ressaltar o quanto foi importante poder apoiar de alguma forma esses professores. Foi a primeira vez que estive nesse lugar, sempre pedi por esse apoio enquanto estava em sala de aula, e hoje posso pensar em alternativas para que o apoio seja o mais próximo possível do que eu esperava, quando estava com turmas regulares. Para isso, não me afasto das minhas recordações e angústias, para sempre poder me colocar no lugar do professor quando planejo as ações nas escolas.

Fiz a opção de não citar nomes de pessoas e escolas, mas preciso enaltecer meus colegas e o quanto eles faziam por suas turmas. Muitos alunos, falta de estrutura, professores adoecendo, alunos com necessidades especiais: todos esses fatores constroem uma realidade pesada, cuja lembrança

neste momento de escrita da dissertação me provoca um mal estar-físico - talvez por me fazer recordar um pouco do que já vivenciei e por que, apesar de tudo que passamos, muitas vezes ainda temos que escutar que “a culpa é do professor”. Optei também por evitar entrar em lamentações na minha escrita, mas é inevitável pontuar todas as dificuldades que encontramos nas escolas e que são sempre contornadas por nossos profissionais, do jeito que é possível. Até quando?

O trabalho do *Corpo Expressivo* é uma das formas que encontrei de colaborar com os professores, oferecendo e despertando novas possibilidades de trabalho com os alunos. Sempre lembro das minhas experiências em sala de aula, quando tentei realizar o que hoje sugiro para os profissionais. Passei por diversas turmas, nas quais vivi momentos de sucesso, mas também de muita tristeza por não conseguir realizar o que desejava. Dessa forma, levo sugestões nos planejamentos do projeto pautadas na minha experiência e na escuta às necessidades do professor, da escola e do aluno.

Antes de qualquer planejamento, temos o momento da escuta dos sujeitos do cotidiano escolar. Só depois e a partir do que foi ouvido podemos elaborar as ações, levando em consideração os vários pontos das questões apresentadas nas escolas e que precisam do nosso apoio.

3.4 - Caminhos de Expressão

Hamlet: Ser ou não ser - eis a questão.

Será mais nobre sofrer na alma

Pedradas e flechadas do destino feroz

ou pegar em armas contra o mar de angústias –

E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;

Só isso. E com sono - dizem - extinguir

Dores do coração e as mil mazelas naturais

A que a carne é sujeita; eis uma consumação

Ardentemente desejável. Morrer - dormir –

Dormir! Talvez sonhar. Aí está obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa

(SHAKESPEARE, 1988, p. 67).

Hamlet estava em sofrimento ao perceber que seu tio e possivelmente sua mãe estariam envolvidos na morte de seu pai. Como lidar com essa suspeita? Como continuar sua caminhada diante de algo tão destruidor? Muitos de nós, adultos, passamos por situações angustiantes e que precisamos encontrar algum tipo de apoio para superá-la. As crianças e adolescentes também têm angústias que administram de diversas formas, sendo uma delas o questionamento sobre a vida e a morte. Sentem-se perdidos e buscam o sentido de estar ou não no mundo, algo característico desse momento de tantas mudanças, na transição da infância para a adolescência, vivendo um momento em que algumas ações não podem ser realizadas por serem “crianças”, mas em que outras são exigidas, pois já estão “virando adultos”.

Com o crescimento ao acesso às redes sociais, os adolescentes conversam com outros adolescentes que também vivem seus conflitos. Eles se apoiam, se identificam e trocam ideias sobre como lidar com suas angústias. A troca pode ser positiva em alguns casos, pois podem sentir que não estão sozinhos e que o que estão vivendo não acontece apenas com eles. Mas também pode ser um ponto de atenção para os responsáveis, quando os jovens divulgam formas pelas quais encontraram alívio que podem colocar o sujeito em risco, como é o caso da automutilação.

A prática da automutilação está aumentando entre os jovens e causando um sentimento de impotência nos responsáveis e profissionais da educação, que não sabem como lidar com essa expressão, da qual muitos sequer tinham ouvido falar, e que não sabem como administrar.

Se considerarmos a automutilação como uma prática destinada à redução de angústia, ou seja, um caminho, pela via corporal, usado pelo sujeito frente a um conflito ou sofrimento psíquico, por não conseguir outro modo de solução, não nos parece cabível seguir a estratégia da interdição, do tipo “não faça isso”, ou ainda “isso não pode”, ainda que venha imbuída de toda a vontade de ajuda. Mas talvez apostarmos no convite à experimentação de outros modos de expressão e ancoragem que possa servir como recursos de linguagem e expressão, inclusive pela via corporal (Projeto Caminhos de Expressão elaborado em 2018, s/p).

Em 2018, diante dessa demanda latente nas escolas, a gerência do NIAP constata a necessidade de um trabalho mais específico no setor e solicitou a psicóloga Janaína Isidro que ficasse à frente de um projeto sobre a prática da automutilação pelos alunos da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Ao perceber a importância de diferentes formas de expressão para os alunos em sofrimento, ela propôs uma parceria aos profissionais do Projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* para elaborar esse novo projeto do NIAP. Assim surgiu o projeto *Caminhos de Expressão*, que teve ações

em várias CREs. A partir desse momento, Janaína Isidro passou a fazer parte também do *Corpo Expressivo*⁷⁰. Definimos que separaríamos os projetos e que o *Caminhos de Expressão* seria uma ação/projeto dentro do trabalho do *Corpo Expressivo*.

Com a entrada de Janaína, percebemos a necessidade de completar a equipe interdisciplinar com um assistente social. Nesse momento, convidamos Patrícia Almeida, que já participava comigo na área da 2º CRE, já que minhas atividades estão divididas entre esta e o projeto *Corpo Expressivo*.

Uma das primeiras ações do *Caminhos de Expressão* foi com profissionais facilitadores da 7º CRE, que são profissionais selecionados nas escolas para trabalhar em ações voltadas para o protagonismo dos adolescentes. Definimos que trabalharíamos com o formato do *Corpo em Movimento*, com total de 5 encontros: 17 de maio, 07 de junho, 05 de julho, 09 de agosto e 04 de outubro de 2018. Foram encontros muito potentes e com muito aprendizado, tanto para os facilitadores quanto para nós, integrantes do projeto (Andreia Morais, Camilla Oliveira, Janaína Isidro e eu).

Iniciamos os trabalhos com uma apresentação em forma de improvisação com o *Jogo das quatro cadeiras*, deixando uma delas vazia para representar a ausência da Janaína, em férias naquele momento. Durante a improvisação uma das participantes chegou atrasada e ao entrar sentou na cadeira que estava vazia no jogo, a mesma que estava à Janaína, sem perceber que estávamos no meio de uma improvisação. Continuamos a cena incorporando a professora que havia chegado e esta, mesmo sem entender por completo o que estava acontecendo, começou a desabafar sobre a angústia que estava sentindo com a automutilação de vários alunos. Ao perceber que havia algo diferente acontecendo, ela pergunta: “O que vocês estão fazendo?” e, sem parar a improvisação, encontramos uma forma de responder. Dessa forma iniciamos nossos encontros de forma descontraída, e com isso criamos um ambiente leve para iniciar os trabalhos com uma temática que não tinha a mesma característica.

Abaixo, transcrevo o jogo com quatro cadeiras, que conheci em uma capacitação com Suzana Saldanha.

⁷⁰ Utilizamos *Corpo Expressivo* para abreviar o nome do Projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*.

JOGO COM QUATRO CADEIRAS:

Quatro cadeiras no espaço de trabalho. Um aluno de cada vez vai entrando em cena e a cada entrada o participante improvisa. O primeiro a entrar vai dar o rumo inicial da cena, estipulando algumas circunstâncias que devem ser a base da improvisação do segundo a entrar em cena. O terceiro aguarda um pouco o que os dois primeiros vão estabelecer na improvisação e o quarto a mesma coisa. Os jogadores vão improvisar sentados na cadeira. Nada deve ser combinado, tudo será construído durante o jogo.

Quando realizamos os jogos nos encontros para professores, diretores ou coordenadores, costumamos explicar como estes podem ser aplicados com os alunos e como eles costumam reagir, passamos sugestões e orientações. Como preparamos uma apostila com alguns materiais que usamos durante os encontros, aos poucos fomos percebendo a importância de uma explicação prática, o que nos levou a criar um canal no *Youtube* denominado *Corpo Expressivo*⁷¹, com jogos e dicas de trabalho no espaço escolar. Sendo assim, os educadores vivenciam os jogos, podendo relembra-los pelas apostilas e pelos vídeos do canal.

Os profissionais fizeram sua apresentação em roda, promovendo uma dinâmica na qual, após cada um falar seu nome, o participante seguinte o repete, sendo que cada um passa a repetir todos os nomes já pronunciados, levando o último participante a falar os nomes de todos os participantes. Esta é uma atividade corriqueira nas apresentações de grupos, mas que sempre funciona muito bem, principalmente por tirar as pessoas da posição sentada, levando-as a utilizar o corpo de modo expressivo.

Em seguida, aplicamos uma dinâmica que denominamos de *Memória da Adolescência*, adaptação criada por nós a partir das lembranças que eu tinha do jogo⁷² que Ana Reguete realizou na escola em que eu trabalhava como regente em turmas regulares. A aplicação da atividade com os facilitadores da 7ª CRE foi muito bem-sucedida, despertando a aproximação com o universo dos jovens, como pretendíamos. Lembrar do adolescente que fomos e de como pensávamos naquele momento nos auxilia no entendimento das angústias dos jovens com que trabalhamos nas escolas.

Finalizávamos cada encontro com uma roda de conversa, sendo este um dispositivo fundamental no trabalho do PROINAPE. A necessidade de falar e de ser ouvido é muito grande nos

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCIOD79_LvTqEHsBUd7zV22g/featured> Acesso em 19 Out. 2019.

⁷² Página 52.

espaços escolares, nos quais, entre tantos problemas, os profissionais nas escolas se veem obrigados a solucioná-los, sem, no entanto, contarem com recursos para tal e acabam administrando como podem e como conseguem. A conversa faz com que eles possam dividir as angústias, pedir auxílio e pensar em soluções que muitas vezes surgem só pela verbalização com a equipe. Em um dos encontros “finalizamos pedindo uma palavra [para avaliá-lo]. Surgiram as seguintes: esclarecedor, necessário, encontro, compromisso, autoconhecimento, corporeidade, intimidade, amor ao próximo, oceano e sensibilidade” (Relatório efetuado por Camilla Oliveira).

Dia 05 de julho:

Conforme combinado, iniciamos o encontro propondo o Teatro-Imagem para o grupo que não tinha participado ainda. Sugerimos que eles trouxessem situações relacionadas ao cotidiano escolar. A cena que se desenhou envolvia uma aluna em sofrimento, que se cortava, e um professor que não a escutava, apesar dos insistentes pedidos dessa aluna em conversar com o mesmo e compartilhar com ele o que estava acontecendo. No momento de maior conflito, congelamos a cena e perguntamos para aqueles que estavam assistindo: Como vocês resolveriam essa situação? Indicando que para isso eles poderiam substituir um dos personagens, inserir um novo elemento ou dirigir os personagens que já estavam na cena, sugerindo outros caminhos.

Carla entrou na cena como uma diretora e foi falar com o professor sobre a importância de ele ouvir essa aluna. Ele se manteve resistente a essa abordagem, dizendo que seu trabalho não era conversar com alunos, que ele não era psicólogo e sim professor e que sua obrigação era ensinar o conteúdo. Logo em seguida, entrei na cena como uma professora que se disponibilizou a estar junto com o professor nesta conversa com a aluna, no sentido de ajudá-lo. A diretora achou a ideia maravilhosa e o professor, que a princípio manteve sua posição, acabou cedendo aos meus argumentos e topou conversar com a aluna. Essa conversa acontece e cena é finalizada.

Em seguida, abrimos para discussão. A cena mobilizou muito o grupo, provocando um intenso debate. Alguns compartilharam experiências com adolescentes em sofrimento na escola, mencionando tanto a potência dessas ações quanto a impotência vivenciada por eles diante de situações tão graves e complexas. Foi pontuado que os educadores precisam estar abertos para ouvir seus alunos e que isso faz toda a diferença na vida deles (Parte do relato do trabalho pelo olhar de Camilla Oliveira s/p).

As crianças e adolescentes estão vivendo angústias e sofrimentos que são um pouco do reflexo da vida contemporânea e atribulada de seus responsáveis. De um modo geral, as relações ganharam mais espaço virtual, afastando-se dos olhares, dos contatos, da escuta presencial. Por mais que a tecnologia seja uma realidade dessa geração, que usa a internet e os celulares para praticamente tudo, eles precisam de mais contato com seus responsáveis para que se sintam fortalecidos emocionalmente.

Esse projeto, nomeado como *Caminhos de Expressão*, durou aproximadamente 1 ano. Fomos percebendo que poderíamos, enquanto *Corpo Expressivo*, trabalhar com as questões dos

adolescentes de uma forma geral e que era importante pensarmos em ações que despertassem as diversas possibilidades de manifestação desses jovens.

É importante fortalecer os profissionais das escolas, pois na maioria dos casos os alunos procuram os educadores para contar algo ou o próprio profissional percebe algo diferente acontecendo com as crianças e jovens, disponibilizando-se a ajudar, o que pode se dar de diferentes maneiras: informando à direção, conversando com os responsáveis, pedindo auxílio ao PROINAPE, conversando com o aluno, entre outras possibilidades. A conversa, o estudo, as várias formas de expressão, podem aliviar tanto a angústia daqueles que convivem com os estudantes, quanto para os próprios sujeitos que vivem algum tipo de sofrimento.

3.5 - Apresentando *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* para os profissionais do NIAP

No segundo semestre de 2019, fizemos a primeira apresentação oficial do projeto para os profissionais do NIAP, que foi elaborada para ser realizada em 30 minutos. Nosso objetivo era apresentar o nosso projeto de uma forma não convencional, que se afastasse dos famosos “Power Points” e pudesse oferecer uma experiência que despertasse nos profissionais a vontade em se aproximar das linguagens artísticas como metodologia em suas ações do PROINAPE.

Preparamos um texto teatral com todo o percurso do projeto e foi elaborado como base para nossa ação, mas improvisamos bastante também. O texto foi criado no final de semana, quando Andreia escreveu uma parte e a enviou para que eu escrevesse o que eu achava que faltava. Fizemos as considerações finais entre nós, antes de enviá-lo para o grupo do *Corpo Expressivo* pelo “Whatsapp”, para que todas as participantes do *Corpo Expressivo*, dessem o parecer final.

No mesmo dia do Centro de Estudos⁷³, na hora do almoço e em aproximadamente 20 minutos, conversamos sobre o texto teatral e sobre a sugestão para a ordem da apresentação que Andreia havia nos enviado. Janaína Isidro nos colocou que estava muito nervosa e que não gostava de se apresentar sem planejar e ensaiar com calma. O grupo tentava acalmá-la e eu dizia que sabia que ela conseguiria e que seria maravilhoso, sem cuidar como deveria do que ela nos trazia naquele momento.

⁷³ O Centro de Estudo é um encontro mensal dos integrantes do PROINAPE voltado para construção de ações e conhecimento para o aprimoramento da equipe nas áreas.

O meu comportamento motivou uma conversa mais séria entre nós duas, na qual se reiterou como se sentia, já que embora após apresenter-se ela ficasse muito bem, sua sensação antes deste tipo de evento era sempre muito ruim. Quando olho para ela vejo alguém com domínio e segurança para as apresentações, com um nervosismo aparentemente natural, mas a forma que eu a enxergava não era como ela realmente sentia - principalmente quando as ações não eram ensaiadas, pois Janaína sempre realiza suas atividades com muita dedicação. O que posso concluir após a nossa conversa é que, assim como com as atividades que envolvem poesia, ela descobre aos poucos o seu modo de estar nas ações com a linguagem teatral, podendo perceber que essas linguagens já estão entrelaçadas com seus conhecimentos e saberes.

A linguagem teatral subverte a realidade, amplifica sutilezas, faz sentir, traz vida, que provoca encontros, cria ecos, colore espaços, dá contornos inimagináveis, que promovem outros sentidos. É coletiva, pode ser sutil e arrematadora. Mas é singular! Cada um sente de uma maneira! É democrática sobretudo! É surpreendente porque mostra o quanto somos muitos, o quanto podemos fazer diferente e fazer diferença! Tudo isso é muito potente, ainda mais em tempos tão sombrios e de tanto achatamento do sentir e do viver. Por isso a arte é tão política! E é tão viva porque nos faz sentir vivos e seguir vivos (Janaína Isidro em resposta a entrevista para essa escrita em 15 de outubro de 2019).

Essa conversa me fez analisar minha própria postura, pois, de um modo geral, costumo ser muito cuidadosa, no incentivo aos participantes a jogar. Costumo ser mais enfática e brincalhona com algumas pessoas que acho que vão conseguir e vão vencer seus medos ao realizar as atividades. Percebi que preciso estar mais atenta ao meu jeito de falar, pois como Janaína falou: “Cada um sente de uma maneira!” Essa é minha grande preocupação como professora de teatro: deixar o participante à vontade para que se sinta livre para dar a posição final, se vai participar ou não, e como deseja participar. Achava que sabia o que estava fazendo, mas o desconforto que ela sentiu com a minha atitude, me fez perceber que ainda é preciso refletir melhor sobre muitos caminhos.

Poucos dias depois da minha conversa com Janaína, resolvi conversar com Valéria Neves, refletindo com ela sobre o lugar do sujeito nas atividades artísticas. Durante nosso encontro Valéria reiterou algumas opiniões relatadas na entrevista para essa pesquisa, relacionadas não apenas a seu próprio processo artístico como à ideia corrente de que todos precisam estar no palco para exercitar a arte.

Uma marca nessa linha de tempo é a lembrança de quando fui estudar piano. Um desejo que me moveu por longos anos; mas não consegui caminhar, eu achava que a dificuldade era a de não ter o piano em casa. Até nisso eu lembro, de um piano que o meu pai fez de papel, ele fez o teclado todo desenhado no papel para eu estudar as músicas, eu tinha que decorar as peças, para a prova final. E para decorar e o movimento das mãos, e o TCA certinho, eu estudava no piano de papel que meu pai desenhou para mim. Só que a prova era uma audição

para toda a escola, auditório cheio, você tocava de cor, não podia ter uma partitura de apoio, os pais, e os convidados...e a escola inteira ali assistindo..., essa era a prova final; e eu sempre travava, não tinha jeito, ficava nervosa, depois que você erra a primeira vez, você esqueceu o resto, dá branco. Eu sempre me dei muito mal. E arrastei essa frustração assim ao longo da vida, sempre localizando que era porque eu não tinha o piano. Hoje identifico com clareza que não era a falta do instrumento só... Quando me casei, meu marido logo me deu o piano tão desejado, e por outras razões, não consegui avançar muito também..., isso vai ficando para depois, mas na verdade não era isso... Hoje, consigo identificar que a vontade de tocar um instrumento entra em confronto com o desconforto da exposição, dessa forma de colocar a questão da linguagem de que arte, para se apresentar, para estar nesse lugar de visibilidade, que não era e nunca foi o meu desejo, nem o lugar que gosto de estar, da ideia da arte para produto, para o outro, para o palco, para a aprovação. Essa é a minha questão. Outra lembrança que traz essa mesma marca é o momento de academia de dança. Nossa época de jovem, a grande sensação da minha galera era o jazz. Muito marcado pelo cinema, os musicais, “os embalos de sábado à noite”. De novo a questão da apresentação era o complicador, porque eu queria fazer a aula, mas não queria me apresentar, e me tornava um grande problema, porque a coreografia era montada nas aulas, e eu não podia estar ocupando um espaço na dinâmica que se estabelecia por esse momento final (Valéria Neves em entrevista para esse estudo em 16 de outubro de 2019).

As conversas que tive com Janaína e com Valéria me fizeram perceber que por mais que eu achasse que tinha sido extremamente cuidadosa, muito ainda teria que aprender. O trabalho artístico é um exercício de sensibilidade, responsabilidade e cuidado com o outro. Nas pesquisas e estudos que envolvem o trabalho teatral, pouco é falado sobre esse desconforto que muitos participantes sentem e como ele pode ser abordado. As linguagens artísticas são muito bem recebidas pelos educandos, mas quando não são bem conduzidas causam grandes traumas e resistência.

Quando trabalhamos com um grupo que se mantém ao longo do tempo o participante vai ganhando confiança para se apresentar em seu próprio grupo. Os alunos até ficam nervosos quando é um trabalho mais elaborado, mas se for apenas para o seu grupo, para pessoas que ele foi construindo uma relação de confiança e respeito, naturalmente estes se sentirão motivados a participar. Quando o trabalho é para ser apresentado para muitas pessoas que não fazem parte da construção gradativa, o sentimento é outro, e para muitas pessoas este vira um momento de quase pânico.

Minhas conclusões são da minha prática em sala de aula no município em turmas regulares, na escola particular e agora com nas atividades do *Corpo Expressivo* no PROINAPE. Quando estabelecemos a importância do respeito para que todos possam participar livremente, o participante vai se libertando aos poucos do seu medo da exposição e percebe o quanto pode ser agradável a experiência teatral. Em um grupo no qual essa relação se estabeleça a cada encontro, vai ficando cada vez mais fácil participar das atividades teatrais. Mas uma apresentação maior para outros grupos não é tão simples para todos e a vontade do participante deve ser respeitada.

Tivemos uma resposta muito vívida da plateia, composta por profissionais do NIAP, que elogiou a apresentação, considerando-a muito dinâmica e interessante. Ficamos motivadas a continuar nesse caminho: preparar as oficinas, apresentações e formações utilizando dispositivos que nos permitam romper com estruturas expositivas tradicionais.

Não conseguimos realizar a parte prática, pois já estava no final do tempo destinado para o Centro de Estudos e o tempo destinado para a nossa apresentação acabou ficando reduzido, já que estávamos fechando o encontro.

Roteiro de apresentação da equipe e das ações do *Corpo Expressivo* para o Centro de Estudos dos profissionais do NIAP (sugestão feita por Andreia Morais e aceita por todas):

Abrir com o vídeo que é resumo do Corpo Expressivo - 6 minutos

Frases que mostrem a importância da arte e do teatro e frases de alunos da rede municipal, ditas pelas integrantes do Projeto e por algumas pessoas da plateia que receberam as frases no começo do Centro de Estudos. - 5 minutos

Cena elaborada por Andreia e Alessandra - Breve percurso do projeto: início, novas entradas e fortalecimento - 5 minutos

Experiência com Caminhos de Expressão - Janaina - 5 minutos

Experiência nas ações de 2019 sobre Regimento Escolar - Janaina - 2 minutos

Vídeo 2018 - 6 minutos

Trabalho na Escola Municipal Pará - Camilla

Prática - Jogo das cadeiras - Alessandra e Andreia - 10 minutos

Frases enviadas por mim:

“Quando vejo vocês me dá até uma emoção” Maria - Aluna de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro.

“Especialistas de várias áreas em vários níveis de ensino da Educação Infantil ao ensino superior buscam a contribuição única que a área do teatro pode trazer para educação”. Ingrid Koudela

“A Educação é um processo de cuidar de si, cuidar do seu corpo e da sua mente para uma prática da liberdade.” Foucault

"A gente compõe na diferença, no igual a gente sufoca" Camilla Oliveira

“O teatro era um espaço onde o jovem falava melhor” Wallace da Cia Marginal

“É preciso explicar por que o mundo de hoje, que é horrível, é apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições. E eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro” Jean Paul Sartre.

“O corpo não mente por isso a eficácia do Teatro-Imagem”. Augusto Boal

Propostas de frases de Camilla:

"Considero a poesia como um componentes mais importantes da existência humana, não tanto como valor, mas como elemento funcional. Deveríamos receitar poesias como se receitam vitaminas". Félix Guattari

"O poema na página não está terminado. A leitura lhe dá vida. O poema na página é um mapa, mas não é o destino. Ele precisa de você para seguir sua jornada e transformar-se num poema". Kate Tempest

"Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser árvore". Manoel de Barros

Frases sugeridas por Andreia:

"Todos sabem que o objetivo da educação é executar a terrível transformação: fazer com que as crianças se esqueçam do desejo de prazer que mora nos seus corpos selvagens, para transformá-las em patos domesticados, que bamboeiam ao ritmo da utilidade social". Rubem Alves

"O jogo teatral como instrumento fundamental para estabelecer o relacionamento, a percepção de si mesmo e do outro, do espaço que ocupamos e da sociedade que estamos inseridos. O teatro metaforiza a própria vida" Maria Moreira

"O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso" Rudolf Laban

"Eu gosto da aula de teatro porque você sente uma coisa... como se fosse... uma paz. Como se fosse a sua mãe". Júlia, 6 anos. Aluna de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro.

As frases foram selecionadas e distribuídas para alguns profissionais, antes de começar o Centro de Estudos. Avisamos para os participantes a ordem que cada um falaria sua frase e foi um sucesso! As frases foram bem recebidas e atingiram o objetivo de reflexão sobre o que era lido, dando movimento à apresentação. Os profissionais que fizeram a leitura estavam comprometidos e se apropriaram do que estavam dizendo, causando impacto positivo nos que estavam recebendo a informação.

Dias depois, em um encontro que participei como facilitadora, sugeri a mesma atividade, com uma adaptação: todos os participantes do encontro teriam uma frase, que entregamos aleatoriamente, e eles poderiam interromper o encontro na hora em que achassem que suas frases fariam sentido com o que estava sendo dito ou quando considerassem que seria necessária uma ruptura, para que todos seguissem em outra direção. Atingimos o resultado e mais uma vez os participantes estavam em posição ativa durante o encontro.

As reuniões de planejamento da equipe são sempre compostas por muitas ideias e possibilidades, decisões, planejamentos, risos, atropelamento de ideias, cuidado/escuta com o que o outro nos coloca e construção do trabalho dentro do nosso jeito de estar no mundo e no projeto. Estamos aprendendo a cada dia e cuidamos do nosso crescimento pessoal e profissional para que

possamos estar inteiras nas nossas ações. Em entrevista para esse trabalho, Barbara Bittar⁷⁴ fala um pouco sobre nossas dinâmicas:

Acredito que foi um feliz encontro dessas duas professoras de teatro, que a meu ver são diferentes, mas que se complementam de uma forma muito primorosa. Posso apontar também que vocês conseguiram realizar algo tão caro para nós, o verdadeiro sentido da interdisciplinaridade, que é mais o pensar juntos do que o fazer colados. Vocês trabalhando em equipes diferentes conseguiram, pensar e atuar (no duplo sentido que essa palavra tem para vocês atrizes, mas também o significativo que fala da atuação de uma equipe interdisciplinar) ora juntas e ora separadas, mas norteadas pelo mesmo princípio do trabalho do teatro que vem agregar técnicas e conhecimentos imprescindíveis ao trabalho do NIAP.

Tenho grande admiração pelo trabalho interdisciplinar, pois vejo o excelente resultado em nossas construções e ações, e uma opinião como a de Bárbara é propulsora. Estamos entrando em 2020 e muitas ideias e propostas estão surgindo no setor a partir das múltiplas linguagens; acredito que estamos cada vez mais em sintonia e conectadas com os profissionais do setor. De alguma forma estamos auxiliando o despertar dos sujeitos - tanto do NIAP quanto da escola - para novas formas de expressão e ação.

3.6 - O teatro como dispositivo potencializador das ações do PROINAPE

Provocando a conversação, a troca, o encontro de corpos perceptivos que vivifiquem os órgãos dos sentidos, para que haja uma relação cada vez mais aguda com o mundo. Corpos vibráteis, nos quais as experiências acontecem intensamente no nível dos afetos, do imaginário, degrau para nossas elaborações e, por consequência, mutações subjetivas. Corpos lúdicos, corpos brincalhões, corpos- pesquisadores, corpos-conhecedores, corpos-expressivos instaurando uma potência maior de vida nos processos educacionais (MARTINS, PICOSQUE 2008, p.41).

O processo de trabalho do projeto *Corpo Expressivo* pode ser pontual ou contínuo, mas em qualquer uma dessas possibilidades ele precisa provocar e despertar os corpos dos personagens que fazem parte do espaço escolar. Dessa forma, os indivíduos estarão mais disponíveis para estabelecer as relações necessárias com o elenco, utilizando-se de novas possibilidades de expressão, que vão favorecer a comunicação, fundamental não apenas para que o conhecimento seja adquirido pelos educandos como preparar o cidadão para seus outros espaços sociais.

Os códigos da linguagem teatral colaboram para o desenvolvimento da comunicação e da expressão humanas, contribuindo para o entendimento que a equipe interdisciplinar precisa ter para

⁷⁴ Psicóloga e apoio à gerência do NIAP.

utilizando a linguagem teatral como dispositivo de integração, sociabilidade reconhecimento de si e construção da alteridade. Temos a intenção de proporcionar ao sujeito o contato com seu próprio modo de estar no mundo, despertando um processo de olhar para si e para o outro. Com isso, reforçamos a importância da construção e da aprendizagem em equipe.

O jogo dramático permite às crianças o uso do corpo, das sensações e sentimentos, exercitando suas capacidades criativas, estruturando a sua personalidade numa emoção estética compartilhada. Nele, a cena é o próprio espaço escolar, organizando em função das necessidades do momento. É um jogo que não exige cenário, figurino outros meios para a sua realização; utiliza a ficção sem a preocupação de formar o artista, mas formar um ser em crescimento, capaz repensar a sua vida e a própria sociedade em que vive - ressignificando o social (THOMAZ, 2009, p. 21).

A metodologia do *Corpo Expressivo* aproxima os educandos de seus universos, de seus desejos e da descoberta de quem ele é dentro do sistema social, familiar e escolar. O corpo revela, grita, expressa! Um olhar pode nos dizer muito do que precisamos para o nosso trabalho. É como se colocássemos uma lupa no que precisamos entender para nosso apoio, que passa a ser percebido de forma mais rápida e com mais clareza.

Interdisciplinar, o teatro é a própria vida sendo vista, pensada, questionada, podendo ser reinventada por aqueles que participam do ato cênico. Podemos falar do tema que for necessário, podemos usar as mais variadas técnicas e acionar todas as linguagens artísticas. Participar de ações com todas as possibilidades de caminho é libertador! Todos vão ter seu lugar de fala garantido e poderão usar diversas formas de expressão no nosso trabalho. Direcionamos o olhar dos participantes para seus potenciais, que em muitos casos estava apenas aguardando um incentivo para ser despertado.

Nossas ações não estão prontas e fechadas, sendo planejadas de acordo com as necessidades e características do grupo a ser trabalhado. Podemos usar todas as técnicas já citadas nessa pesquisa, ou ainda criar novas com os próprios sujeitos envolvidos nas dinâmicas. São ações abertas e sensíveis às sinalizações que possam surgir durante o nosso processo de atuação.

Nossas perguntas eram: como um aluno que consideramos malsucedido como estudante na escola formal pode realizar, na vida cotidiana, tarefas mais complexas das que exigimos em sala de aula? Como consegue, mesmo sem aprender a nossa matemática, trabalhar como vendedor e efetuar as quatro operações com agilidade? (SANTOS, 2016, p. 31).

Trabalhar a expressão dos corpos é favorecer a possibilidade do debate, da resposta ou de novos questionamentos. Precisamos falar, pensar, expressar! Entender que cada sujeito tem o seu funcionamento próprio, suas vontades e desejos, que precisam ser respeitados. Precisamos

potencializar as habilidades dos sujeitos e seus saberes, que muitas vezes não são reconhecidos pelos educadores, fazendo com que os educandos não se reconheçam, se afastem ou sofram no ambiente escolar.

O sistema educacional precisa ser reinventado diariamente e nada como a Pedagogia do Teatro para auxiliar essa criação diária, despertando o corpo, acolhendo as manifestações com sensibilidade e escuta. Esse caminho de trabalho, inserido em um sistema educacional público, é democrático. E tem a possibilidade de ganhar cada vez mais espaço, por sua potência e resultados. Desejo que esse trabalho possa despertar muitos corpos expressivos em todas as esferas educacionais. Prontos para o jogo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mergulho nas ações do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* para a percepção do teatro como dispositivo facilitador das ações do PROINAPE mostrou-me que a metodologia do teatro permite agregar múltiplas linguagens nas ações e que a partir dela podemos acionar outras metodologias, de acordo com as necessidades do pedido feito à equipe. Esse tipo de trabalho colabora na construção dos vínculos e na proximidade com os sujeitos do espaço escolar.

O projeto *Corpo Expressivo* tem como premissa o despertar do sujeito enquanto protagonista da sua história, oferecendo um espaço de vivência corporal, despertando habilidades e permitindo uma experiência de contato com a linguagem das artes cênicas. Torna ainda o sujeito consciente das suas potencialidades, num processo de autoconhecimento (do corpo, de seus limites e de suas possibilidades) que propicia o crescimento individual, político, psíquico e social.

O Programa Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares possibilita que o sujeito seja visto de forma múltipla, por saberes e conhecimentos múltiplos que vão dialogar na busca do auxílio necessário para cada caso. Psicólogos, Assistentes Sociais e Professores podem potencializar suas funções trocando saberes com outros profissionais, reiterando a cada trabalho o quanto é necessário esse tipo de dinâmica nas escolas.

O trabalho interdisciplinar somado à potência das diversas metodologias já praticadas no setor, como Teatro, Poesia Falada e *História, Memória e Cultura na escola*, nos dá a dimensão do quanto é importante a valorização dessas metodologias no espaço escolar. São dispositivos que são próximos ao desejo dos alunos, despertam o interesse e possibilitam o contato com as diversas formas de expressões possíveis. Os alunos precisam de espaços de fala e de expressão e essas são alternativas que vão ao encontro às necessidades dos educandos.

A arte trabalha com a subjetividade e favorece as possibilidades de expressão. Os sujeitos podem praticar diversos pontos de vista, não apenas deixando o desconforto aparecer como ainda falando sobre ele. Falando especificamente da metodologia do teatro, poder propor jogos teatrais e ter o momento de fala garantido com o apoio de profissionais como psicólogos e assistentes sociais no auxílio na recepção do que virá, é estar em um lugar onde a ação realmente pode acontecer de forma livre. Essa segurança vem também a partir da formação dos profissionais, mas, para além da formação, podemos discutir os casos e ter outros pontos de vista, pensando alternativas de apoio para cada caso trabalhado.

Durante a pesquisa, pude fazer o levantamento de algumas atividades que podem ser utilizadas por diversos profissionais e que também podem ser disparadoras de novas possibilidades

de ações nas escolas. Apresentar o exercício, contextualizar como foi executado e seus impactos no ambiente escolar é importante para a reflexão da própria equipe do Corpo Expressivo, mas também tive a intenção de facilitar o estudo de novos interessados, apresentando os jogos em destaque em quadros com cores diferentes.

Reforço a importância dos depoimentos recebidos para esse trabalho, que fortalecem, fazem apontamentos e contextualizam todo o processo do projeto até esse momento. Quando o profissional relata sua trajetória, ele possibilita ao leitor aproximar-se de seus próprios caminhos, bem como refletir sobre a importância das metodologias citadas na pesquisa para o espaço escolar.

Desejo que cada profissional que pôde escrever um pouco da sua experiência com as múltiplas linguagens na escola, possa, a partir dessa escrita, desenvolver outros textos sobre o que relatou e os publique para que esse espaço seja ocupado para reflexões e ações nas escolas. Muito do que falamos ainda é visto como novidade para muitos profissionais, alunos e responsáveis. A arte é uma brecha importante nos espaços escolares e precisa ser falada e vivida.

O projeto *Corpo Expressivo* já participou de um encontro com os profissionais de Artes Cênicas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, e espero que possamos trocar mais com a Universidade e com os professores da rede. Precisamos continuar o debate sobre a importância de novos dispositivos de trabalho nas escolas, colaborando com o que já vivenciamos e trocando experiências para levar para as nossas ações. Fico com o desejo de rever o projeto do *Corpo Expressivo*, reescrevendo-o com a equipe, bem como que possamos escrever artigos e um livro sobre o trabalho.

Assim como a escultura já está viva no material que o escultor vai utilizar, apenas cabendo ao artista que ele o desbaste⁷⁵; os corpos são apenas despertados para a percepção do que já existia e que estava apenas adormecido. Cada sujeito pode descobrir qual o seu lugar de expressão e ocupá-lo como desejar. Precisamos compreender que todos podem pintar, assistir, apreciar, praticar, vivenciar, debater, refletir, filmar, ocupando os espaços múltiplos que a arte permite. Levar essas possibilidades para a escola favorece a construção do ser e oferece múltiplas possibilidades de expressão.

⁷⁵ Michelângelo (1475-1564), famoso escultor italiano do Renascimento, afirmava que “Em todo bloco de mármore vejo uma estátua como se ela estivesse de pé diante de mim, já formada e perfeita em atitude e ação. Só tenho de desbastar as paredes rudes que aprisionam a bela figura e revelá-la aos outros olhos que não podem vê-la”. (COOTSONA, 2011, p. 1).

Nosso projeto foi idealizado por duas professoras de Artes Cênicas e um dos nossos objetivos é reafirmar a importância das artes em todos os âmbitos da Educação Básica como parte da formação do cidadão. Ao realizarmos nossas ações em diálogo com a Pedagogia do Teatro, reforçamos a necessidade do Ensino das Artes Cênicas na grade escolar. Temos a intenção de abrir espaços para processos de diálogo como construção de um cidadão consciente de seu lugar e papel na sociedade.

Podemos resgatar a leveza nos espaços de ensino e com isso atingir não apenas os educandos, mas todos os profissionais que ali atuam diariamente. Brincar, jogar, conversar, “jogar conversa fora” agregando todos os sujeitos do espaço escolar. As emoções chegam, não pedem licença para chegar e precisam ser cuidadas. Quais as alternativas que a escola tem para poder trabalhar com essas necessidades reais? Podemos ampliar o leque de possibilidades no processo de ensino aprendizagem? Que essa reflexão aqui apresentada possa despertar o desejo de mudança no espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRINO, José Ducarmo. **Experenciando a arte**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.
- ALMEIDA, Alessandra, MORAIS, Andreia: **Projeto Corpo Expressivo**. Rio de Janeiro: NIAP, 2017.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- AMARO, Sarita. **Serviço social em escolas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2017.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, Lindomar da Silva. **Teatro do Oprimido e Projeto de Vida: Perspectivas Emancipatórias**. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado – PPGEAC - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – UNIRIO, 2018. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2018/teatro-do-oprimido-e-projeto-de-vida-perspectivas-emancipatorias>>. Acesso em: 13 Ago. 2019.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetória e tempos de alunos e mestres**: Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, Edição Digital, 2012.
- BERNAT, Isaac. **Encontros com o Griot**: Sotigui Kouyate. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BILAC, Jô. **Conselho de classe**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BOZZANO, Hugo B., FRENDA, Perla, GUSMÃO, Tatiane. **Arte em interação**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte - terceiro e quarto ciclos: introdução e Apresentação dos Temas Transversais / Secretaria Fundamental de Educação**. – Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BROOK, Peter. **Avec Grotowski**. Brasília: Dulcina Editora, 2011.
- COOTSONA, Greg. **Aprenda a dizer não**. São Paulo: Mundo cristão, 2011.

DELORS, Jacques (Org.). **Um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: Faber-Castell, 2010.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

ERVEN, Van Eugène. “Artes comunitárias: origens e presença no mundo”. In: **Arte e Comunidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015. p. 61 – 83.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Editora Paulus, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**/ Sigmund Freud. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. 7ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Vozes, 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien. “Abordagens metodológicas do teatro na educação”. **Ciências Humanas em Revista** – São Luís, V. 3, n. 2, dezembro, 2005.

_____. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Editora RBB Ltda, 2008.

MASINI, Elcie F. Salzano. **Ação da Psicologia na escola**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

MORAIS, Andreia, OLIVEIRA, Maria Rejane, JUNIOR, Jair Dias Augusto (org.). **Poesias ao vento**. Nova Iguaçu: Editora Entorno, 2017.

NIAP. **Blog do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades escolares**. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <<https://smeniap.wixsite.com/smeniap/historia-do-niap>>. Acesso em: 13/08/2019.

OLIVEIRA, Camilla. **Poesia Falada**: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2017.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PENONI, Isabel, TROTTA, Rosyane. **Formação de grupo e criação coletiva na periferia do Rio de Janeiro**: um relato sobre a trajetória e a escrita cênica da Cia. Marginal. In: BALTAZAR, Márcia Cristina. **Teatro na Margem**. São Paulo: HUCITEC, 2015.

PEREIRA, Erlândia Silva, SILVA, Margot Riemann Costa e Silva. **Rodas de conversa dialógicas: aqui tem a força da palavra**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

PRENTKI, Tim. **Contranarrativa**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2009.

PUPO, Maria Lúcia de S. B. “Para desembaraçar os fios”. In: **Revista Educação e Realidade**. Dossiê Arte e Educação. Arte, Criação e Aprendizagem. v. 30 n. 2, jul/dez de 2005. pp. 217-228.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. Cosac Naify: São Paulo, 2009.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido: raízes e asas – uma teoria da práxis**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SANTOS, Kátia Regina de Oliveira Rios Pereira, GIVIGI, Luiz Renato Paquiela. **Convivências e conflitos na escola**. Appris Editora: Curitiba, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SHAKESPEARE, William. Tradução Millôr Fernandes. **Hamlet**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016.

SOUZA, Naum Alves de. **Aurora da minha vida**. São Paulo: Salamandra, 2003.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TENDLER, Silvio. **Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá**. Documentário, 2006.

TOMPAKOW, Roland e WEIL Pierre. **O corpo fala**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

THOMAZ, Sueli Barbosa. **Imaginário e Teatro – Educação**. Rio de Janeiro: Editora Rovellet, 2009.

ENTREVISTAS/ DEPOIMENTOS

ENTREVISTA 1

Nome: Andreia Morais Idade: 42 anos. Formação: Bacharel e Literatura em Artes Cênicas. Tempo de experiência no PROINAPE: 5 anos.

Respostas enviadas pelo *Whatsapp* em 17/10/2019.

AG - Como uma das idealizadoras do Projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, suas ideias e construções estão muito presentes nessa dissertação. O que gostaria de acrescentar e que acha importante pontuar nesse trabalho?

AM - Numa certa noite eu tive um sonho:

Eu voava e era tomada por aquela sensação maravilhosa de brisa no rosto e um imenso sentimento de liberdade, de um prazer descomunal.

Sonhar que estou voando é um dos meus devaneios preferidos.

Como se já não fora suficiente a magnífica sensação de voar, avistei uma paisagem assombrosamente bonita!

Um mar de águas azuis reluzentes, que refletia um lindo dia de sol. A banhar-se nesse onírico oceano, avistei duas Iaras vestidas de branco, com suas saias rodadas e esvoaçantes a boiarem nesse mar que fim não há. Elas giravam, giravam, sorriam e giravam, embaladas por suas risadas. Tudo era silêncio! Não havia palavras! Os sons que preenchiam esse cenário eram suas risadas melódicas e o canto dos pássaros ajudavam na sinfonia para compor essa coreografia. Uma das Iaras, Iaraale entoou um canto suave e sedutor, e como se ainda houvesse espaço para mais magia nesse encontro, a outra Iara, Iaraan foi tomada de forma magnética nessa dualidade. Mas, Iaraan também tinha os seus mistérios e feitiços, e com o dom de transformar tudo ao seu redor em poesia faz com que Iaraale caia em seus encantos.

Reza a lenda que corpos tão expressivos e conectados, já se embalam desde vidas passadas, mas estavam a navegar em mares distantes, a se reencontrarem com uma importante missão.

O mar é cheio de mistérios, segredos, diversidades e lá no seu profundo há vidas, muitas ainda não descobertas. E lá nesse profundo, existe a escuridão, onde o sol não chega, onde o enigma faz moradia. Mas, como ousadia faz parte do movimento náutico dessas mulhereias, elas se fazem

existir nos mergulhos intensos, elas querem imergir em sentimentos, submergir afetos, desvendar tesouros.

O elo que existe entre essas duas Iaras pode causar um maremoto, pois juntas elas são pulsão, explosão. Elas até podem não dominar o mundo, mas seus corpos expressivos provocarão ondas de sentimentos profundos!!!

ENTREVISTA 2

Nome: Camilla Oliveira. Idade: 36 anos. Formação: psicóloga. Tempo de experiência no PROINAPE: 12 anos.

Respostas enviadas por e-mail em 11/10/2019.

AG - Camila, quando entrou para o projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, você já chegou com a experiência de suas práticas e estudos com as linguagens artísticas, tanto no seu trabalho no NIAP quanto na sua vida. Como destaque, podemos citar o seu trabalho com a Poesia Falada, que foi o tema da sua dissertação. O que você pode nos contar da sua experiência com o teatro nas ações do PROINAPE pelo *Corpo Expressivo* e quais experiências foram mais marcantes? Que resultado considera importante para destacar nessa pesquisa?

CO - O primeiro contato que eu tive com as ações do corpo expressivo foi na George Summer. Eu já conhecia as possibilidades do teatro na educação pelo trabalho da Andreia. Ao conhecer esse grupo de alunos, me chamou muito atenção a participação do grupo, o interesse nas atividades propostas, a disponibilidade corporal e a presença desses alunos. Eles se entregavam com alegria nas atividades. Ao final fizemos uma roda de conversa para falar sobre estas vivências dos alunos e percebi o quanto que esse trabalho estava sendo importante para eles, transformando a relação com eles mesmos com os colegas e com a escola.

Antes ou logo depois deste momento na George Summer, eu e minhas parceiras de equipe fizemos um convite para Andreia Morais para estar com uma turma de sexto ano numa escola que a gente estava trabalhando. Contamos para ela que a gente estava enfrentando muitas dificuldades nesse trabalho, a turma era muito caótica e desorganizada. Levamos várias propostas diferentes e interessantes, mas nada rolava muito, pois esbarrava nessa questão da falta de organização do grupo, o que nos deixava tristes e até um pouco desanimadas com o trabalho. Contamos isso para Andreia e falamos um pouco do perfil da turma: uma turma imatura, agitada, dispersa, com muita zoeira

entre eles. Andreia aceitou o convite e foi na turma. Começou propondo a caminhada pelo espaço, em seguida o exercício do som imagem e movimento... Para minha surpresa, os alunos se envolveram na atividade desde o início, sem muitas dificuldades e restrições. Ao final, propôs a criação de cenas em grupos. Todos os alunos participaram, algumas cenas foram bem criativas e alguns alunos se destacaram, inclusive um dos alunos mais bagunceiros do grupo. Foi a primeira vez que vi os alunos conseguindo se organizar numa atividade de construção, com início, meio e fim. Ao final fizemos uma roda de conversa para falar sobre este encontro e uma aluna destacou que foi a primeira vez que eles conseguiram fazer algo juntos e que ela tinha amado o teatro, perguntando se poderiam ter outros momentos como este. O dispositivo do teatro favoreceu a integração, a participação e a construção coletiva deste grupo de alunos. Destaco uma outra experiência com um grupo de professores no espaço de um centro de estudos na Escola Municipal XXX.

O pedido da direção por um trabalho de nossa equipe estava relacionado "a apatia, desinteresse e desmotivação dos professores, que não conseguem pensar fora da caixinha" (sic). Ao encontrar o grupo, percebemos alguns olhares cansados e certas posturas enrijecidas. Estes professores participam com interesse das atividades propostas e do Teatro-Imagem, se colocando numa posição de pronto para o jogo. Ao final, quando a gente faz uma avaliação do encontro, uma das professoras que parecia muito cansada, disse que gostou muito, porque a gente não ficou só no blá blá blá, mas a gente propomos coisas que eles poderiam usar em sala de aula com os alunos. Faço um link com uma experiência que a gente teve com os facilitadores da 7ª Cre, que a gente compartilhou metodologias expressivas com eles e que os mesmos davam um retorno de que estavam fazendo as atividades com os alunos e do quanto estas ferramentas os ajudavam no trabalho. Sendo assim, o teatro contribui para fortalecer e ampliar a prática do professor em sala de aula. Eles conseguiram, a partir da experiência que tiveram com a gente, multiplicar isso para seus alunos.

ENTREVISTA 3

Nome: Janaína Isidro. Idade: 45 anos. Formação: Psicóloga. Tempo de experiência no PROINAPE: 11 anos.

Respostas enviadas por e-mail em 15/10/2019.

AG - Sua entrada no projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* aconteceu a partir da demanda da gerência do NIAP, com o objetivo de identificar abordagens para as ações voltadas para os casos

de automutilação, que era uma preocupação das escolas e familiares. Para atender a demanda solicitada, criamos uma vertente do projeto, que foi nomeado de *Caminhos de Expressão*. A partir da criação dessa vertente, você passa a fazer parte de todos os projetos do *Corpo Expressivo*, trazendo seu conhecimento do setor, interesse por novas metodologias de trabalho, sua formação como psicóloga e toda a sua experiência na educação. O que pode relatar sobre essa nova experiência e como o teatro pode auxiliar seu trabalho como psicóloga nas ações do NIAP?

JI - As múltiplas linguagens como dispositivo tem pra mim um sentido de amplitude, de alargamento do olhar, de criação de possibilidades de escuta, de provocação e de composição e expressão.

Na minha formação de psicóloga o foco passa muito pela palavra do sujeito, privilegia-se sobremaneira a escuta. Mas o sujeito pode dizer de muitas maneiras e o psicólogo também pode escutar de múltiplas formas, abrindo outros campos de expressão, acolhimento e de encontro. O que difere é o que privilegiamos ou entendemos por fala e expressão.

A atuação no campo da educação me fez me dar conta de que minha formação é sempre incompleta, não-toda e isso me lança a estudar e pesquisar mais e mais, compreendendo o limite do meu saber e a importância de um percurso aberto e em formação, sempre se fazendo. Tem um tempo no gerúndio, sabe?! É muito desafiador!

No meu percurso na Educação fui cada vez mais fui me aproximando das outras linguagens, não para privilegiar uma em detrimento da outra, não para descartar, mas para diversificar, enriquecer, pluralizar minha prática.

Me aproximar da linguagem do teatro e da poesia falada foi algo paulatino. Foi se dando, e eu fui me abrindo. Era um campo desconhecido que, de tão potente em meu corpo a cada vez que me sentia arrebatada por essas linguagens, me fez buscar conhecer, por reconhecer a potência de intervenção aí colocada. Foi dessa forma esse processo, primeiro em mim, no meu corpo, na minha subjetividade, e depois buscando me apropriar e me conectar aos novos parceiros de trabalho, aos novos olhares e sentidos que as artes do teatro, da poesia, do audiovisual nos conferem.

A linguagem teatral subverte a realidade, amplifica sutilezas, faz sentir, traz vida, que provoca encontros, cria ecos, colore espaços, dá contornos inimagináveis, que promovem outros sentidos. É coletiva, pode ser sutil e arrebatadora. Mas é singular! Cada um sente de uma maneira! É democrática sobretudo! É surpreendente porque mostra o quanto somos muitos, o quanto podemos fazer diferente e fazer diferença! Tudo isso é muito potente, ainda mais em tempos tão sombrios e de tanto achatamento do sentir e do viver. Por isso a arte é tão política! E é tão viva porque nos faz sentir vivos e seguir vivos.

ENTREVISTA 4

Nome: Margareth Conceição Franco. Idade: 53 anos. Formação: Fonoaudiologia. Tempo de experiência no PROINAPE: 9 anos.

Respostas enviadas por áudio pelo *Whatsapp* no mês de julho de 2019.

AG - Como professora, como foi a transição de trabalhar com turmas fixas para trabalhar com diversas turmas?

MF - Para mim foi bem tranquilo e interessante, porque além de eu ser uma pessoa muito dinâmica, eu também acredito na educação para além dos muros da escola. E na sala de aula, de uma certa forma, eu acabava me sentindo muito tolhida. Por mais que eu tentasse fazer o possível para trabalhar a cidadania dos meus alunos, usando várias estratégias, acabava me sentindo muito limitada. Porque o professor em sala de aula, tem um conteúdo para trabalhar, avaliar os alunos e ainda muitas vezes, planejar reforço escolar para aqueles que não alcançarem o que foi dado.

A partir do momento que eu saio de sala de aula e vou trabalhar com diversas turmas, enfim, com uma diversidade de alunos distintos não só na idade, quanto na escolaridade, enxergo então a possibilidade de dar voz a este aluno, trabalhando a sua cidadania, através de variadas formas. Além do mais, trabalho também a partir da demanda que o aluno traz e a partir daí, o trabalho desenvolvido passa a ser mais significativo não só para o aluno, como pra gente também, que acabamos percebendo o aluno para além da escolarização, acabamos vendo ele como um todo.

Trabalhar no PROINAPE é possibilitar para esses alunos muito mais oportunidades do que só uma sala de aula, entende? Então assim, pra mim, foi muito tranquilo, e eu pretendo continuar assim, porque acredito que o professor não é aquele que está o tempo todo preocupado com a matéria a ser dada e sim está empenhado a olhar este aluno de uma forma ampla, embora ele esteja enquadrado dentro de um único sistema de educação. Claro, não estou subestimando, julgando, desqualificando o professor que fica em sala de aula, até porque na Educação de hoje em dia, cada vez mais temos que bater palmas para os nossos colegas que enfrentam tantos problemas, que são tão massacrados, e estão ali diariamente insistindo e não desistindo do trabalho com os alunos. Mas acho que fazendo esse trabalho extra-muro, vamos dizer assim, eu me sinto mais potente no meu papel de educadora, que vai muito além de ser professor, entende? Eu acho que esse trabalho no

PROINAPE potencializa não só o trabalho do professor, como dos outros profissionais que compõem a equipe.

AG - Como a linguagem artística surgiu na história da sua história de vida?

MF - Eu sempre gostei muito de teatro, desde muito cedo. Já fiz diversas oficinas e cursos de teatro. Não me profissionalizei, por questões que a vida mesmo acaba te levando pra outro lugar. Porém há uns quatro anos voltei a fazer oficinas de teatro e hoje faço parte de uma oficina no Teatro Armando Gonzaga em Marechal Hermes, onde vou até apresentar uma peça, agora no final do mês de julho.

Eu acredito na Arte como transformadora, como libertadora, como possibilitadora. Na Arte, você pode ser quem você é, sabe? Sem julgamentos, sem máscaras, sem medo, sem preconceitos. Para além do teatro, eu sempre gostei muito de escrever, então, eu escrevia bastante quando era mais nova, depois eu parei. E quando eu voltei a trabalhar no PROINAPE, eu recomecei a escrever de novo os poemas que sempre fiz e acabei fazendo um poema pra cada colega que trabalhava comigo.

Na época, eu estava em um trabalho muito empolgante, com uma equipe de 10 colegas na oitava CRE. Por isso, acabei participando do projeto de poesia falada da Elisa Lucinda, chamado Versos da Liberdade. Foi a minha orientadora na época, Denise, que pediu que eu fizesse, porque ela viu que este projeto tinha tudo a ver comigo, com a minha forma de trabalhar. Enfim, eu fui fazer e depois acabei multiplicando este trabalho de poesia falada com os alunos da 8ª Cre, da E.M. XXXX. No ano seguinte, percebi que eles precisavam vivenciar essas poesias, adaptar para a realidade deles, para eles entenderem melhor esse processo. Aí, começou o teatro também, iniciando assim o projeto Teatro em Versos.

AG - Qual a colaboração das múltiplas linguagens nas ações das suas equipes do PROINAPE?

MF - Bom, atualmente eu mudei de equipe, era da equipe da 8º Cre, agora fui para a equipe da 5ª CRE e atualmente, não estou trabalhando com a linguagem do Teatro e nem da Poesia. Porém, independente de não estar trabalhando atualmente essas questões, acho que a colaboração das múltiplas linguagens é muito importante, porque o ser humano também é múltiplo e ele pode desenvolver-se de várias formas e não ficar enquadrado em uma caixinha. Ele é múltiplo nas suas potencialidades, ele vai muito mais além do que o português, matemática, história, geografia...Tomara que as múltiplas linguagens cada vez mais sejam inseridas nas escolas e o aluno seja respeitado e valorizado por suas escolhas, sabe?

Escolhas no sentido dele seguir o que deseja, sem as imposições muitas vezes inserida pelas escolas ou por seus pais, que acreditam que seus filhos somente possam dar certo, se seguirem

profissões consolidadas, como médico, advogado, etc... Se ele quer fazer dança, se ele quer fazer teatro, se ele quer fazer música, se quer pintar, enfim, ele tem que ser respeitado por isso e fazer o que ele quiser fazer. Isso não o torna menos capacitado para ter um futuro bacana ou promissor pra sua vida. Então, eu acho bem interessante, acho libertador, transformador, potencializador essas múltiplas linguagens serem trabalhadas não só no PROINAPE, como na Educação de uma forma geral.

AG - Fale um pouco das suas experiências e consequências das ações do PROINAPE no teatro como dispositivo potente.

MF - Em relação às minhas experiências, eu fiz diversos cursos, como já havia citado antes. Fiz teatro no curso Normal, fiz 2 peças na faculdade. O primeiro curso que fiz foi no Liceu de Artes e Ofícios, depois passei por uma seleção no Nossa Senhora do Teatro, fiz oficinas com a Monique Lafond, fiz oficina de leitura dramatizada por um período com Zaira Zambelli, hoje eu faço oficina de Pesquisa e Montagem Teatral no Teatro Armando Gonzaga. Então o teatro de uma certa forma sempre esteve na minha vida.

Pensando na questão do trabalho, o teatro foi dispositivo para muitos alunos se transformarem, sabe? Para muitos alunos conseguirem expressar a sua opinião e refletir sobre seus conflitos, que muitas vezes eles não tinham possibilidade nem em casa e nem na escola. Quando a gente começou a fazer esse projeto de teatro e da poesia junto, a gente chegava na escola e perguntava se eles queriam participar. Então, quem participou, foi por vontade própria, não por obrigação ou imposição da escola. Eles se aproximaram da gente por causa da Arte e a partir do momento que a gente construiu essa relação de afeto, essa relação de confiança, essa relação de liberdade, de empoderamento, foi tranquilo a posterior construção desta relação de grupo.

Esses alunos foram aos poucos colocando seus sentimentos, suas angústias, e trazendo isso através da arte, entende? Tanto assim, que um dos exemplos que a gente tem bem bacana, foi de uma menina que no início, assim que ela começou a fazer, ela mal conseguia falar direito, ela tinha que usar 'bombinha', pois além de outras questões psíquicas, ela tinha uma ansiedade latente. Ela fazia acompanhamento psicológico, pois tinha uma dificuldade enorme de se expressar, de falar. Hoje essa menina está gravando rap, está fazendo o clipe e tudo mais. Então, nossa! Quanta coisa ela conquistou, sabe? Até num vídeo que tem da nossa apresentação, ela começa falando que nunca é tarde para começar e ela é exemplo vivo disso. E tantos outros alunos que a gente descobriu pelo teatro, que se automutilavam e depois pararam e a gente foi descobrindo com o tempo, de como a

Arte ajudou esses alunos. Em cada cena, em cada gesto, em cada dinâmica, em cada poema que eles criavam também. Então, foi muito bom sabe, muito bom, não só para os alunos como para a gente. Para mim foi muito bom, muito enriquecedor e muito prazeroso, sabe? O processo de transformação é muito interessante! Pra mim, não é trabalho falar sobre este projeto, é um prazer indescritível, pois não sei se ainda terei oportunidade de desenvolver este trabalho de novo.

ENTREVISTA 5

Nome: Débora Almeida. Idade: 42 anos. Formação: Professora de Artes Cênicas e Mestre em Letras, Linguagem e Identidade. Tempo de experiência no PROINAPE: 10 anos.

Respostas enviadas por áudio pelo *Whatsapp* em 16/10/2019.

DA - Débora, gostaria de um breve relato dos seus caminhos percorridos no PROINAPE, até chegar no nosso encontro em 2017.

AG - Então, eu vou narrar para você a minha experiência. Mas já tem algumas lacunas porque já tem um tempo. Eu usei muito mais o teatro no PROINAPE, quando eu estava entrando no PROINAPE do que depois, até porque eu tenho uma atuação no PROINAPE, quando eu estava entrando no programa do que depois, até porque eu tenho uma atuação no PROINAPE de 2010 até o final de 2011, quando saio para coordenação pedagógica e fico dois anos fora e volto em 2013, fico mais quatro anos e saio de novo para fazer mestrado, então, assim, eu tenho duas interrupções nesse trabalho. Saio para coordenação pedagógica em 2012 e retorno para o programa no final de 2013, quase dois anos inteiros, e aí, muita coisa mudou no PROINAPE nesses meus dois anos; e na segunda vez que eu fiquei mais dois anos, havendo mais mudanças.

DA - Relate sua experiência de utilização do teatro no PROINAPE.

AG - Da minha experiência de utilização do teatro no PROINAPE foi mais na minha primeira fase no programa, quando eu estava chegando no PROINAPE em 2010, na época a gente trabalhava com turmas. Consideradas, com questões relacionadas à indisciplina, com alunos de projeto, ou turmas com alunos com defasagem de idade/série, os principais focos nas quais a gente atuou.

A questão principal na escola onde eu estava era a indisciplina. E aí, eu me lembro, que eu utilizei muito dos jogos do Boal para trabalhar com essa questão da indisciplina. Por que o Boal, né? Eu vejo que todo mundo acaba utilizando o Boal. Vou dar um pouco da minha experiência, do meu

olhar sobre por que, o porquê o Boal? Porque o Boal deixa o aluno muito livre, é uma pedagogia que você trabalha a auto pedagogia, nem sei se essa palavra existe, auto pedagogia. Não é uma questão de autodidatismo, você trabalha a autoeducação, a partir da ação o aluno vai construindo conteúdos, isso no coletivo, não é uma coisa individual, e isso é muito interessante. Porque o conteúdo, ele vai sendo construído durante a ação, não é uma coisa nem anterior, e nem posterior, é enquanto o aluno *tá* construindo aquela cena com seus colegas. Ele *tá* refletindo na prática sobre aquilo ali, porque dá para ele a possibilidade de ir modificando sua ação, de ir modificando o pensamento, ou melhor do que a palavra modificando, de ir refletindo sobre aquilo ali que ele *tá* fazendo e as consequências daquilo, porque ele *tá* trabalhando no coletivo, e são várias visões sobre uma mesma questão.

DA - Você acredita no teatro como um dispositivo potente nas ações do programa? E quais os resultados nos corpos e atitudes dos alunos que você acompanhou?

AG - Vamos voltar lá então, eu me lembro que eu utilizei muito o Boal, os jogos do Teatro do Oprimido, e deu muito certo, porque não precisa muita explicação, não precisa experiência com teatro, não precisa o aluno ser ou não ser desinibido. É uma outra forma de abordagem das questões de teatro. Mas que teatro é uma outra forma de atuação, que também, né, o ator atua, né? Então os atores, os alunos atores, essa palavra é utilizada de várias formas, né? Em especial para a pessoa que está atuando, eu utilizei muitos jogos do Boal.

A gente trabalhou muito com Teatro-Imagem, eu trabalhei com Teatro-Fórum, trabalhei, muito, muito com Teatro-Imagem, muito, muito mesmo, e deu muito certo. Lembro que uma vez, eu trabalhei com Teatro-Invisível, para mostrar a um aluno a questão da turma, que eu me lembro, que era aquela situação de um aluno, não me lembro se era um aluno específico, mas, tinha essa questão: o professor não consegue dar aula, ele chega, ele fala muito, ninguém presta atenção, e o que que isso causava no professor, então a gente fez alguns, alguns alunos passaram um pouco por essa experiência: chegar em sala de aula querendo dar um recado e não conseguir.

E o que causava no aluno, o que que isso mobilizava no aluno? E aí, eu me lembro, que os alunos que passaram por essa experiência, eles ficaram extremamente mobilizados, frustrados, chateados, se sentiram desrespeitados. Nisso, eles puderam se colocar no lugar dos professores que tentavam dar aula naquela turma, e não conseguiam, e nisso, pode haver um diálogo entre as pessoas que tentavam dar seu recado, no lugar do professor, e o diálogo das pessoas que não deixavam, que estavam produzindo aquele ruído, e não deixavam a outra pessoa se expressar, foi muito interessante. Disso eu me lembro de algumas situações, né? Que a gente dramatizava em sala de aula, que a gente

fazia, e depois a gente conversava com os alunos sobre isso. Não gosto de utilizar a palavra dramatizar, porque não é drama, e o Boal tem uma reflexão sobre essa palavra drama, relacionando-a de alguma forma com o teatro burguês. Então, a gente fazia os alunos atuarem sobre algumas situações, depois a gente discutia essas situações no coletivo.

A gente também utilizava o Boal no sentido de fazer as situações, e depois, em que momento daquela situação o aluno poderia ter a possibilidade de modificar? Deu muito certo aqui, pelo menos, naquele momento os alunos estavam produzindo reflexões sobre aquelas situações nas quais eles estavam podendo atuar, é isso. Muito bom, a gente lembrar a nossa trajetória. Eu sempre falei com o pessoal que é importante a gente escrever sobre o que a gente faz, porque isso ajuda a gente sistematizar um trabalho e refletir sobre ele.

DA - Você citou várias vezes Boal, esse grande nome do teatro, que propôs uma reflexão/ação através da participação ativa do espectador/aluno na encenação; que parte da experiência do aluno para a transformação da realidade. Então, por que Boal?

AG - Boal, porque não é uma coisa teórica é algo que na prática os alunos constroem no coletivo os conteúdos. Então, eles que gerenciam tudo né, todo o processo de aprendizado, e isso é muito interessante. O aluno atua, reflete, ele vê na ação dele a possibilidade de uma modificação de uma situação. E porque o Boal traz técnicas muito simples, você pode utilizar em qualquer lugar como ele mesmo fala, pode fazer teatro dentro de um elevador, né? Ou até mesmo dentro de um teatro. Então, a gente, com poucos elementos, com poucos recursos, e às vezes sem nenhum recurso, só com a proposta, a gente pode estar criando situações dentro de sala de aula e a partir daí construir muito conteúdo.

ENTREVISTA 6

Nome: Barbara Bittar Idade: 41 anos. Formação: graduação Psicologia UFF Pós-graduação: Clínica psicanalítica IPUB/UFRJ. Tempo de experiência no PROINAPE: 10 anos psicóloga e SMERJ 13 anos.

Respostas enviadas por e-mail em 27/12/2019.

AG - Barbara, primeiro quero agradecer por ser de alguma forma responsável por eu ter me aproximado da Andreia, pois logo que entrei no NIAP você me falou para ir até a 6ª CRE conhecer

o trabalho que ela fazia com poesia falada. Pelo que tenho acompanhado, 2019 está sendo um ano em que se aproximou da metodologia do teatro e tem feito propostas de trabalho muito próximas do projeto do *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*, o que pode pontuar como potência nesse trabalho?

BB - Lembro também o dia que falei pra você buscar a Andreia e conhecer o trabalho que era realizado por ela. Nesse momento, apesar de ter algumas questionamentos em relação a abordagem, por acreditar, à época, em que esse trabalho com poesia era algo muito recortado e muito pedagógico. Nada como a possibilidade de rever os próprios conceitos, isso no NIAP aprendo a cada ano que passa, (rs). Na verdade, eu desconhecia o processo e potência do trabalho (talvez pelos meus pré-conceitos, rsrs) com poesia também nos processos de subjetivação dos alunos na escola. Hoje posso rever meu posicionamento, também pela aproximação maior com você e Andreia no próprio trabalho, e acredito nesse trabalho como uma ação interdisciplinar que considera tanto o viés pedagógico do trabalho com poesia (que hoje acredito que também é função do trabalho do PROINAPE) - produção textual, oralidade - mas que também considera a dimensão subjetiva tanto na escrita autoral das poesias, quanto no próprio trabalho de estudar a poesia como processo de elaboração psíquica.

Acredito que foi um feliz encontro dessas duas professoras de teatro, que a meu ver são diferentes, mas que se complementam de uma forma muito primorosa. Posso apontar também que vocês conseguiram realizar algo tão caro para nós, o verdadeiro sentido da interdisciplinaridade, que é mais o pensar juntos do que o fazer colados. Vocês trabalhando em equipes diferentes, conseguiram pensar e atuar (no duplo sentido que essa palavra tem para vocês atrizes, mas também o significante que fala da atuação de uma equipe interdisciplinar) ora juntas e ora separadas, mas norteadas pelo mesmo princípio do trabalho do teatro que vem agregar técnicas e conhecimentos imprescindíveis ao trabalho do NIAP.

As metodologias de teatro (não sei se é assim que se fala, rsrs) trazidas por vocês, foram importantes para essa dupla função que deve ter atuação de psicólogos, professores e Assistentes sociais na política de educação, compondo ações que considerem a dimensão pedagógica, já que atuamos para apoiar e contribuir nos processos de ensino-aprendizagem, como também são metodologias que nos ajudam a acessar e trabalhar as questões psicossociais e subjetivas dos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar. Para mim essa é a grande potência desse trabalho: outras formas de fazer o sujeito falar, pelo corpo, pela expressão artística, e isso acessa tanto crianças, mas principalmente os jovens, num mundo tão conectado e digital, com tantas

informações como pôr o sujeito para falar, para além dos modos tradicionais de rodas de conversa e grupos de circulação de fala. Bem, isso é o que posso falar um pouco sobre esse trabalho...espero ter ajudado. Se precisar que elabore mais algum ponto só me falar. Beijo grande!!!

ENTREVISTA 7

Nome: Kátia Regina de Oliveira Rios Pereira Santos. Idade: 54 anos. Formação: Graduada em pedagogia, especialização em Linguística Aplicada, Mestrado e Doutorado em educação. Tempo de experiência no PROINAPE: 10 anos.

Respostas enviadas por áudio pelo *Whatsapp* em 05/01/2020.

AG - Em 2017, Andreia Morais e eu, com o incentivo de Valéria Neves, apresentamos a você um projeto para as ações do PROINAPE, no qual o teatro seria o dispositivo potencializador dos trabalhos. Naquela reunião, ficou claro seu amor pelas linguagens artísticas e o quanto já lutou para defender os caminhos dessas linguagens no setor. Como poderia relatar as experiências que conduziu, estimulou e vivenciou, onde o teatro era a opção metodológica? Enquanto Gerente do NIAP, como você entende a importância do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* para o setor?

KR - Oi, Alê! Já tive para fazer sua resposta duas vezes e duas vezes perdi todo o conteúdo da minha fala, mas vou tentar novamente fazer o que você me pediu. Primeiro, porque acho muito importante a gente registrar o trabalho... fazer o defesa de um projeto interdisciplinar para política de educação... eu acho que você concorda e colabora muito nesse sentido.

Todo histórico do NIAP você já deve saber... já deve ter, então é só para reforçar e contextualizar que nós temos 10 anos de inserção numa política de educação, sendo 13 de atuação de profissionais da psicologia e do serviço social. Eu digo 10 anos porque essa é a idade que o setor tem como responsável pela dinâmica, pelo planejamento, pela gerência de um plano e de um programa interdisciplinar de apoio às unidades escolares.

Faço esse destaque porque eu desde que eu assumi a gerência do NIAP e até mesmo anteriormente a gente já fazia uma... já tinha uma preocupação grande de estruturação e de planejamento de fazer com que o programa tivesse, o programa interdisciplinar de apoio unidades escolares, tivesse anualmente ou bianualmente um plano de ação. Então, todo planejamento

desenvolvido para o programa sempre foi feito regularmente, tomando como base os projetos e as ações realizadas anteriormente. A partir, sempre analisando, refletindo, avaliando os impactos de cada ação para que no ano seguinte, ou num período maior do que um ano, a gente formulasse do planejamento que de fato pudesse responder as questões emanadas do campo da Secretaria Municipal de Educação nas escolas.

É nessa direção, ou seja, avaliando sempre as ações realizadas para indicar, rever e propor ações para o desenvolvimento do programa que a gente encontra uma defesa importante, que é a defesa das linguagens e de diferentes linguagens fazendo circulando num programa interdisciplinar de apoio às unidades escolares. E quando faço a menção de diferentes linguagens, incluo todas que fazem parte do nosso cotidiano; aquelas com maior prestígio social, que é a escrita e a leitura, e as demais linguagens cujo prestígio acabam oscilando dependendo o talento daquele que desenvolve a atividade.

É importante também a gente pensar que a leitura e a escrita são linguagens que forjam o cidadão dessa modernidade que temos hoje. A escrita ela é uma invenção social, ela faz parte de um projeto de sociedade, ela faz parte de um de um compromisso de legitimação e memória da cultura, de uma comunidade, de um povo, de um país...de nações. Acontece que as linguagens das quais a gente tá falando dizem respeito à linguagens que vão provocar e vão fortalecer o exame, a análise, a interação do humano por outra dimensão.

Quando eu faço destaque de pensar na linguagem corporal, e estou usando essa expressão porque me sinto mais à vontade com, embora saibamos que a língua com a qual a gente lida não está presente apenas nessa oralidade, ela está em qualquer dimensão de expressão. Mas quando a gente faz o destaque de linguagem, eu queria fazer um destaque maior para a capacidade o que as linguagens têm de expressão, de exteriorização, de interlocução. experiência afetiva, emocional e cultural do sujeito (esse para mim é o maior movimento de inserção de diferentes linguagens no trabalho interdisciplinar).

É importante a diversidade de linguagens e principalmente aquelas que acessam o sujeito nas suas diferentes dimensões biopsicossocial, e isso, acho que o trabalho que a gente realiza no projeto *Corpo Expressivo*, no projeto *História Memória Cultura* e outros projetos que o NIAP apoia e sustenta, muito por conta dessa opção teórico-metodológica, que é entender que as diferentes linguagens, outra expressão que é difícil, defesa às linguagens artísticas, né? A gente fala linguagens artísticas fica parecendo que é como se elas tivessem destinadas aos talentosos e aos artistas, né?

Quando eu acho que isso traz uma narrativa que mais exclui do que aproxima, e por isso uso muito mais diferentes linguagens.

Então, a defesa que faço é nesta direção: elas, as linguagens, as diferentes linguagens, potencializam a expressão do sujeito, a experiência do sujeito com ele mesmo, a experiência do sujeito com a cultura, a experiência do sujeito com as questões sociais. Eu acho que essas linguagens cumprem com mais leveza e com maior alcance do que aquela linguagem já definida como linguagem de prestígio, que é a leitura e escrita, embora elas sejam fundamentais e importantíssimas.

Outro aspecto importante que eu queria destacar, é que embora a gente diga que a leitura e a escrita sejam linguagens prestigiadas é importante destacar que para o processo de formação e para o processo de aprendizagem do humano essas linguagens são até anteriores a própria condição do sujeito assumir a leitura e a escrita como presentes na sua história de vida.

Então vale lembrar que os gregos utilizavam o teatro como grande espaço pedagógico, um grande espaço reflexão das questões que o cotidiano impunha. Então, mais uma vez as linguagens das quais a gente tá se dedicando, elas são fundamentais para esse espaço social-cultural de reflexão e até de criação. Então, por isso, enquanto eu puder, vou fazer uma “certa”, poderia dizer, proteção desse trabalho em relação a essa possibilidade de utilização, aproximação de linguagens, linguagem essas que estão na expressão mais natural do sujeito.

ENTREVISTA 8

Nome: Valéria Neves Idade: 54 anos. Formação: Pedagogia com especialização em inclusão. Tempo de experiência no PROINAPE: 5 anos.

Perguntas enviadas pelo *Whatsapp* e respondidas por documento de texto, pelo mesmo aplicativo, em 16/10/2019.

AG - Toda a construção do projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar* foi realizado com o seu incentivo, apoio, parceria e supervisão. Como foi estar tão próxima desse projeto, o que pode nos relatar dessa experiência e quais os resultados nos corpos e atitudes dos alunos que acompanhou?

VN - Quando você me faz a pergunta: de onde que o corpo expressivo começa, ficou difícil parar no corpo expressivo. Começa para mim no incômodo de como que a arte de uma forma geral participa do nosso dia a dia de trabalho, das nossas propostas e do seu formato, e isso vai me resgatando outros

tantos trabalhos realizados sempre na mesma busca de espaço..., e um foi puxando o outro, foi puxando o outro, e você me fez conectar a minha própria história de vida, de criança, adolescente, e pontos que eu nunca tinha parado para refletir. Agora, para mim faz todo sentido, da minha postura diante de todos os trabalhos que desenvolvi, que participei, dos quais sempre, sempre a arte foi caminho, foi linguagem, foi comunicação, foi forma de se relacionar e dizer a que veio.

E esse incômodo de certa forma é questão que permeia essas lembranças e se torna referência quando eu falo, estruturo, organizo as minhas frentes de trabalho hoje. Queria ter separado fotos, algumas coisas, de alguns materiais importantes, mas o tempo não está permitindo, e estou com medo de te atrapalhar mais que ajudar.

Identifiquei lá na minha infância, na minha adolescência a premissa maior de como eu me relaciono com isso, e te responder me fez entender essa conexão. Eu nunca tinha parado para pensar nisso dessa forma, o tempo não favorece. Isso é impressionante, como que a partir de uma tentativa de estruturar a lógica, a nossa forma de lidar com as coisas, a gente vai identificando na própria história, o nosso discurso de atuação, de ação, diante dos fatos. Já de agora te agradeço, querida.

Nasci numa casa com pai, com a mãe, muito, muito criativos. Eram muito alegres, bagunceiros, e com uma forma de lidar muito rica com as dificuldades da vida, com as dificuldades financeiras, no sentido das saídas que eles encontravam para poder estar favorecendo a criação dos filhos. Eles veem de histórias de muita dificuldade, e muito jogo de cintura também. Lembro de histórias do meu pai sentando para dar comida a gente, eram três filhos, e sempre alguns agregados, e aquela coisa de dar comida para os três filhos ao mesmo tempo, ele fazia aquele bolo na comida, a comida misturada, ele fazia aquele bolo, e esse monte se tornavam uma montanha, onde cada garfada era a gente que tinha que subir para comer um pedaço do morro... Comer era divertido, ainda que no bolo não tínhamos ideia do que estávamos comendo, coisas desse tipo me marcaram muito...

Nunca tivemos uma situação financeira muito favorável, mas nunca faltou a magia... Histórias eram frequentes, sempre tínhamos uma parede que podíamos pintar; brinquedos feitos, carrinho de rolimã construído pelo meu pai, fantasias exclusivas ou mesmo as da moda sem precisar deixar boa parte do salário em lojas... Sempre arrasávamos nas feiras pedagógicas da escola, nossos inventos eram sempre curiosos, cheios de movimentos, detalhes, as maquetes..., quase cinematográficas..., e eles não faziam por nós, mas se dedicavam a ficar nos incentivando a experimentar materiais diversos, criar formas, nunca se incomodaram com uso do espaço da casa, com gente dentro de casa...

Natal, a gente nunca via o Papai Noel, mas sempre sentimos a presença, a gente via os rastros, a gente via a touca caída no quintal, a gente via pegadas no final do corredor, ouvia o sino, próximo do portão batendo. Eles sempre criavam uma forma de termos certeza de que o Papai Noel tinha estado na nossa janela, tinha sempre a preocupação de fazer a gente imaginar o que não precisava ser visto. Tudo que compunha aquele momento, nunca era só o presente, que na verdade era o mais simples, mas a situação que eles elaboravam, de tanta intensidade se tornava uma viagem completa.

Momentos marcados com muita grandeza, tanto que isso vem muito forte até hoje, que vinha justamente pela falta do recurso, pela falta do dinheiro, criavam situações mágicas para poder oferecer aos filhos com mais intensidade, o melhor presente. Hoje com todo recurso que temos, eu e meus irmãos, que temos hoje uma situação mais confortável do que os meus pais tinham, a gente não consegue reproduzir, apesar de ainda termos um Natal bem diferente da maioria. Criamos outras marcas.

Outro momento também muito marcado na minha história eram as festas. Quando alguma coisa estava mal, as pessoas estavam tristes, mesmo fora de aniversário, o jogo de inventar uma festa, e preparar os detalhes da festa, um tema, mesmo quando não era moda tematizar, preparar os doces, a decoração de acordo. As cores mobilizavam todo mundo, de alguma forma para o encontro. As nossas festas eram tão alegres, famosas na nossa galera, que os aniversários dos meus amigos, eles pediam para fazer na casa dos meus pais, onde a integração dos adultos, eu acho, era alguma coisa que encantava.

A politicagem dos meus pais era: tudo podia desde que fosse dentro de casa, então, na fase que podia beber, podia beber dentro de casa. Na época que meu pai percebeu que minha irmã fumava, podia desde que fosse do maço de cigarros dele. A lógica deles era de nos fazer sentir livres, mas eles estavam monitorando até onde dávamos conta da liberdade. Sabemos todos os passos do rock, pois eles nos ensinavam as danças deles. Jogar baralho, eles que ensinavam a todos, enfim, era sempre um movimento muito intenso de troca, de alegria, de curtição, porque no que se aprende se erra, e tudo aquilo era sempre muito divertido. Minha casa estava sempre cheia, e sempre com muitas formas e jeitos de se viver...

Essas lembranças me trouxeram sentido, de onde me estruturo. E ao encontrar espaços fora de casa, onde esses movimentos de música, de dança, de arte de uma forma geral, seria a razão, o mote, é onde começam os meus incômodos. Essa arte, como espaço de Arte, em contrapartida a tudo o que eu vivia em casa.

Uma marca nessa linha do tempo é a lembrança de quando fui estudar piano. Um desejo que me moveu por longos anos; mas não consegui caminhar, eu achava que a dificuldade era a de não ter o piano em casa. Até nisso eu lembro, de um piano que o meu pai fez de papel, ele fez o teclado todo desenhado no papel para eu estudar as músicas, eu tinha que decorar as peças para a prova final. E para decorar, e o movimento das mãos, e os acordes certinhos, eu estudava no piano de papel que meu pai desenhou para mim. Só que a prova era uma audição para toda a escola, auditório cheio, você tocava de cor, não podia ter uma partitura de apoio, os pais, e os convidados..., e a escola inteira ali assistindo..., essa era a prova final; e eu sempre travava, não tinha jeito, ficava nervosa, depois que você erra a primeira vez, você esqueceu o resto, dá branco.

Eu sempre me dei muito mal. E arrastei essa frustração assim ao longo da vida, sempre localizando que era porque eu não tinha o piano. Hoje identifico com clareza que não era a falta do instrumento só... Quando me casei, meu marido logo me deu o piano tão desejado, e por outras razões, não consegui avançar muito também..., isso vai ficando para depois, mas na verdade não era isso... Hoje, consigo identificar que a vontade de tocar um instrumento entra em confronto com o desconforto da exposição, dessa forma de colocar a questão da linguagem de qualquer arte, para se apresentar, para estar nesse lugar de visibilidade, que não era e nunca foi o meu desejo, nem o lugar que gosto de estar, da ideia da arte para produto, para o outro, para o palco, para a aprovação. Essa é a minha questão.

Outra lembrança que traz essa mesma marca é o momento de academia de dança. Nossa época de jovem, a grande sensação da minha galera era o jazz. Muito marcado pelo cinema, os musicais, “os embalos de sábado à noite”. De novo a questão da apresentação era o complicador, porque eu queria fazer a aula, mas não queria me apresentar, e me tornava um grande problema, porque a coreografia era montada nas aulas, e eu não podia estar ocupando um espaço na dinâmica que se estabelecia por e para esse momento final.

Enfim, vamos pular para: então, eu, professora, e entro no município, começo a trabalhar e sempre me envolvendo em movimentos que ainda não se formataram, e isso, a meu ver favorece muito, porque encontro nesses movimentos o que comumente chamamos de projetos, o buscar formas de fazer algo que ainda não se estabeleceu.

Assim, fui trabalhar em CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), bem no seu início de implantação, fui para a educação especial, em várias iniciativas e formatos de trabalhos, que sempre tinham uma lógica ainda de investigação, de experimentação, e nesse caminho atenta a tudo que me chegava de múltiplos. Adoro as NÃO certezas, o caminho mais fértil, mas potente para os meus

alunos, que na maioria das vezes já tinham sido “excluídos” do que era “certo”..., alunos com dificuldades, alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais), alunos indisciplinados, alunos fora da faixa etária, alunos super criativos e saudáveis nessa relação castradora da nossa forma de educar. Como lidar com aluno que tem dificuldades na regra tão pousada na regra? Numa estruturação organizada para o comum, muito textual, e não se aproveitar do que nós, todos nós, trazemos no nosso inteiro..., a musicalidade, o movimento inerente ao respirar, a teatralização em cada momento de se colocar..., isso me gritava em cada aluno “nota vermelha” que encontrei. Resistente, implodindo dentro dessa lógica escolar.

Minha saída foi recorrer ao que fez parte do meu próprio aprender. Sempre busquei muito formas reais, humanas, para que cada um se colocasse, e dessa forma trazer à questão do conteúdo, a questão do aprendizado, a estrutura mais formal da escola. Lembro de uma aula que a gente elaborou, por conta de fazer os alunos entenderem um pouco mais sobre o Descobrimento do Brasil. Montar uma grande maquete, elaborando com eles todo o cenário, os personagens; os soldadinhos dos meus filhos eram confiscados e pintados de indígenas, e levados para a maquete onde criávamos a cena da entrada dos portugueses, chegada de Pedro Álvares Cabral.

A brincadeira se tornou tão intensa na minha sala, que quando outras crianças viram queriam de todo jeito participar. Porque no meio da sala, tinha o momento da dança do índio, a encenação do espelinho de presente, e por ai vai... Aí sim, se tornou uma apresentação, mas não no sentido de um evento, os meus alunos “com dificuldades”, iam às outras salas contar a história do descobrimento do Brasil, e conversar com os outros alunos, e trocar conhecimentos, e favorecer as descobertas mútuas. E alguns gostaram desse lugar, que era tão comum na escola... As tais apresentações, respeitar o desejo sem me sentir usando, ou expondo esse desejo foi um encontro nesse momento.

Essas formas que eu fui encontrando para dar sentido e fazer o que aqueles conteúdos, tão distantes, de um outro século, de um outro mundo, de uma outra estrutura, fizessem parte de uma linguagem, de uma compreensão possível para os meus alunos. Com a idade que eles tinham, e com as questões e limitações cognitivas que eles possuíam, e as nossas também. E por esse caminho, sigo pelas trilhas de trabalhos que me possibilitem acolher essa diversidade que nos compõe. Ainda que seja dentre os mais formatados dentro do nosso currículo, cada turma, e cada ano me levou a projetos onde a vivência, e a forma de acessar, o conhecer, passasse pelas manifestações que cada um trazia, ou o próprio conteúdo nos trazia.

Participei de um grupo de estudos para olharmos sobre a alfabetização dos portadores de deficiência mental, na época era assim que nos referíamos. Olhando pra isso, e para os meus alunos,

e todo o estudo de letramento que acessamos na época, fui refazer com eles o caminho da escrita na humanidade, por perceber que ao longo de anos eles perderam o sentido e o desejo do porquê aprender a ler? E pior, só haviam construído no lugar a consciência de incapacidade. Brincando de homens da caverna, de falas sem palavras, andar com um saco nos pés pelo quintal da escola, para tentar deixar marcas e a partir das marcas, investigar histórias, quem passou, pra onde, e por quê?

Fomos marcando os caminhos com símbolos. Fiz placas de argila para que eles criassem símbolos, nas placas de argilas, como se fossem as paredes das cavernas, e dali a gente foi dando sentido aqueles símbolos, para que eles entendessem a lógica da escrita. Foi um trabalho que me rendeu muitas alegrias, porque muitos deles conseguiram caminhar bastante na alfabetização.

Chegamos ao uso do computador, não nessa perspectiva tão organizada de escola que a gente tem, mas eles conseguiram avançar muito na relação do porquê da escrita e da leitura. E acredito de quebra na verdade com essa relação de incapacidade, já tão instalado e marcado na escola, em vários anos, sem conseguir dar conta do que a escola se propõe essencialmente, do aprender a ler e escrever.

A retomada desse caminho por esse trabalho tão sensitivo, tão corporal, mobiliza a entender o quanto eles podem se relacionar com esse mundo letrado, estranho, e sem sentido, onde, começam a tentar deduzir muitas vezes, a criar hipóteses, até a alfabetização. Os mais novos chegaram a avançar e iniciar uma leitura real, decodificada. Um trabalho que me trouxe uma marca muito grande do quanto que quando a gente convoca esse indivíduo por inteiro e traz toda essa relação do dia a dia, na vida, dentro da escola, do quanto que é possível, e o quanto que é potente essa relação do aprender. E isso é de todos pra todos, porque prescinde da nossa capacidade e disponibilidade de se comunicar antes de tudo.

São muitos anos de trabalho, muitas histórias e aprendizados em cada um deles, mas esses caminhos me levam a um convite muito desafiador. Posso afirmar hoje, que foi o grande presente que o município me deu, coordenei, na verdade, recebi uma ideia de uma educadora que sonhava: Maria do Socorro, que era diretora da GED. Uma sala e alguns “lápiz de cor”, abraçada pela professora Nazaré, que era diretora da 6ª CRE e que me deixou disponível para dar corpo a esse desejo, com o qual eu comungava desde sempre. E com a aquisição de uma pequena equipe que foram se juntando, fomos dando formato, braços, e mãos a um espaço onde se encontravam várias formas de acolher e dar espaço para os alunos elaborarem as suas próprias ideias.

Chamamos de Polo Cultural de Múltiplas Linguagens, e o nome artístico, *Cataventre*. Uma experiência única, que rapidamente cresceu em tamanho e dimensão. E considero que minha estrutura de trabalho hoje, se deve muito a essa vivência, de como levar um ideal a fatos, e coletivizar

esse fazer possível e ao mesmo tempo tão paralelo a nossa organização escolar. Com salas preparadas com toda a diversidade conquistada, música, tecnologia, artes plásticas, expressão corporal; todos os projetos nasciam das descobertas possibilitadas pela manipulação de objetos, experimentação do disponível, de materiais de sucata, e a partir das histórias que traziam discussões; de discussões que traziam formas elaboradas de produzir coletivamente algo. Encantador, desorganizador, e bastante enriquecedor, trabalhar com e pela escolha do que mobiliza, do que faz sentido, do que convoca desejo, resgata, rememora significados, muito trabalhoso..., mas é a melhor bagagem que tenho.

Acho que demorei para te responder sobre corpo expressivo, mas se você tiver paciência de ler tudo, acredito que vai entender onde e porque cada contribuição que pude dar a esse projeto tem a sua real fundamentação. O corpo expressivo nasce para mim como esse caminho que de uma certa forma no nosso setor não atravessava as paredes estruturadas, assim como a aula de arte não atravessa ainda o processo de existir, e por isso, o processo de aprender.

Quando vocês me chamam para compor o trabalho, estava eu, dentro de um espaço escolar, vivendo exatamente as mesmas questões de todas as estruturas atravessadas pela dificuldade da conversa entre um currículo escudo, e um mundo de adolescentes vivos, espremidos em cadeiras enfileiradas, sob o embate difícil entre gerações. No mundo cercado de não, de se não, de movimentos intensos de corpos jovens, potentes, latentes, criativos e contidos. Por outro lado, nós profissionais desgastados, corpos submetidos a uma lista de não, de se não, de pesos intensos, propostas pouco potentes, estruturas em nada criativas, contidos em seus desejos e perspectivas. Muito marcada pelo conflito, acompanho Lourdinha, professora que compõe a equipe do NIAP, e levamos a esse espaço o projeto *História Memória e Cultura*, já desenvolvido no setor. Ainda tentando entender o que é NIAP, na busca de resgatar um pouco as brechas, enxergar quais outras vias que mobilizam, que apaixonam, que faz sentido para aqueles meninos e profissionais.

AG – Valéria, a maioria das ações do PROINAPE envolvendo as linguagens artísticas tiveram sua participação e organização. Gostaria de um breve relato dos seus caminhos percorridos no PROINAPE com as linguagens artísticas, até chegar ao nosso encontro em 2017.

VN - Encontro o trabalho proposto pela Cecília, psicóloga do PROINAPE e Rodrigo Maia, também psicólogo, em um momento de estruturação, dificultado pela falta de encaixe na lógica escolar, e essa proposta vai me apontando o quanto essa discussão interessa a outros, numa equipe interdisciplinar, psicólogos também discutem arte pela via da vida, UAL... Um trabalho que me

apontou em seu curto período de existência e pouca adesão, o que o desqualificava nessa lógica institucional, uma potência e uma direção. Nessa busca encontro o RAP da Saúde, que já fazia um trabalho intenso de corpo, uma comunicação direta de jovem para jovem. Eles trabalhavam com esquetes, muito movimento de corpo, de música, de muitas possibilidades de falas, não necessariamente pela palavra. Muitos jogos corporais, e muita “liga” para o trabalho. Eles faziam parte de uma iniciativa da Coordenação de Políticas e Ações Intersectoriais da Superintendência de Promoção da Saúde. Consigo também o pessoal da UNIRIO (Curso de Biologia com iniciação científica em paleontologia), através da minha filha, Lilaz, com as oficinas de IC, onde as pedras, com as quais eles destruíam os ônibus na porta da escola, passaram a ser as rochas. E outros jovens, alunos da UNIRIO, tinham uma outra forma de abordar e trocar informações; discutir e ampliar esse olhar, inclusive com os profissionais da escola, foi muito instigante. Tenho fotografias dos alunos se mobilizando, jogando a mochila no chão, virando as costas para o trabalho, e à medida que a galerinha da UNIRIO vai trazendo as questões, vão apresentando os “fósseis”, vão provocando o grupo.

Via os corpos se modificando, os olhares surgindo por cima dos casacos embolados na mesa, como se nos dissesse: - Você tem alguma coisa diferente, tem algo que me convoca para uma participação de outra forma, de outro lugar, ainda não conhecido. E ao apresentar esse material para o grupo de profissionais, causando dúvidas no que esperar do outro, nas certezas do que consideramos justo e irremediável, abrimos discussões, outras dúvidas, outros desconfortos, outros... Nessa mesma postura, o trabalho do grafite no muro foi um caminho. Uma das questões da escola era depredação do espaço. A participação de um grafiteiro possibilitou todo o projeto que passou, pela observação das paredes, muros, grafite, pichação e arte, até a elaboração de um projeto para grafitar o muro da escola. Longas discussões sobre o que, o porquê, e como esse muro traduziria em desenhos as ideias acordadas.

Hoje eu fico muito feliz quando eu passo na porta da escola e o grafite continua no muro, remendado, cuidado, desbotado, mas ainda preservado. Cada trabalho desse e muitos outros, se desdobram em várias etapas e abre muitas questões vividas e guardadas na minha bagagem pessoal, mas que em todas foram fortalecendo que não há como estar no mundo sem ser tão múltipla, não há como conceber espaços de aprendizagem em formação se não acolho essas expressões tão diversas e amplas, como é o próprio ser humano. Não é por conta de uma ação, uma intervenção do professor, ou qualquer outro profissional que me torno artístico. Tudo está em cada ser. A questão está em o quanto eu considero essas dimensões no meu particular estar no mundo, seja eu aluno/professor ou

no processo educativo, na relação onde um provoca no outro a desestruturação que faz avançar, o quanto eu me aproprio e sigo pelas vias disponíveis nessa relação.

Eu lembro do início dos nossos encontros da elaboração da proposta, quando vocês traziam os teóricos, muito marcados pelo teatro, me batia sempre essa preocupação. À medida que fomos avançando a fala, a postura, a formação, vem toda por e compor essa via de trabalho, olhando cada aluno/profissional com todas essas instancias, outra geração e construção da Arte. É natural em vocês, faz parte do corpo, da imagem, da referência profissional. Mas temos que considerar o talento, a identificação desse caminho como profissão.

A junção Andreia e Alessandra, potencializa um caminho imprescindível a um setor tão inflado de questões. Encontro no caminho timidamente construído a cada período, uma fome e um motor turbinado pelas vivencias, e pelas solicitações que nos chegam todos os dias. Entre os alunos, percebo o quanto essa postura de aproximação, de encaminhamento de projetos, de elaboração de possibilidades, abraçando esse corpo presente e atuante, inevitavelmente, é cada vez mais fluido e desejado. No entanto, entre os profissionais, ainda precisamos estar muito atentas a perfurar essa segmentação de que “as meninas do teatro” é que são boas pra isso...

Estar dentro do setor, pude ir ajudando a quebrar algumas lógicas, que de tão naturalizadas, passam despercebidas, quase que com espátula, para que possamos cada vez mais experenciar entre nós o quanto de ferramenta temos para oferecer, o quanto de conexões podemos favorecer, à medida que consideremos esses caminhos de fato potentes, possíveis, naturais, dialógicos. Trazer esse olhar para dentro do nosso dia a dia, de estrutura de trabalho, tem sido o maior desafio, e acredito que O Corpo Expressivo no Espaço Escolar, tem provocado pequenas ousadias, ainda muito marcadas como se essa arte, essa expressão, essa forma de existir, esse corpo tivesse um lugar, uma hora determinada para acontecer. Fora disso, para legitimar um trabalho, o adequado ainda é recorrer à estrutura mais formatada e lida em parâmetros definidos para tal.

AG - Por que acredita no teatro como um dispositivo potente nas ações do programa?

VN - Sem dúvida não estou aqui colocando em ordem de importância, a escrita e os “Power Points”, eles são de suma relevância na imensidão de informações e conhecimentos produzidos. Mas não os únicos, não dão conta de relatar o mundo de vivencias e trocas que abraçamos diariamente. Observo o quanto de *memes*, e *gifs* que utilizamos em cada mensagem, o que até bem pouco tempo, entre palavras, o uso da abreviação das palavras era um recurso, *tipo*: ou estou com muitas saudades, ou um “sdds”. Hoje buscamos mais, buscamos o personagem, o jargão embutido na sua imagem. No

mundo letrado da tecnologia, as imagens, os sons, as expressões vieram naturalmente compor nossa forma de se relacionar. Porque na sala de aula, nas reuniões de equipe, nos espaços “produtivos”, temos o limite para a expansão das nossas formas de se colocar.

O Corpo Expressivo tem sido para mim um grande aliado nesse incomodo que carrego ao longo da vida, a história que a gente vem construindo ao longo desses três anos, me alimenta a resistência a não abrir mão de nos colocarmos mais íntegras, e por isso mais potentes, diante de tanta adversidade. Suponho que grande parte dessas resistências que enfrentamos sutilmente se dê pela construção naturalizada de que a Arte é para a produção de algo muito específico, muito apropriado em alguns espaços, para quem nasceu para o palco, ou coisa de artista. Vivenciar o Corpo Expressivo com artistas que tem essa atenção para a desconstrução desse contorno, ao mesmo tempo que posso estar levando esse “incômodo” como contribuição, tem me possibilitado criar sentido e fortalecido na própria lógica que eu acredito, mas que por resistência eu também delimitei. Gosto de pensar em um ensinamento da indígena Jacira Monteiro, arte terapeuta que me trouxe a informação que a Arte é separada da Vida, só na vida dos homens brancos.

Vivenciar esse caminho possível, onde nossos pensamentos tomam forma sem forma, porque se corporificam em diversas vias e cores tem me alimentado a alma, e o corpo também.

ENTREVISTA 9

Nome: Patrícia Almeida Idade: 45 anos. Formação: Serviço Social. Tempo de experiência no PROINAPE: 10 anos + 3 de Rede de Proteção ao Educando.

Entrevista feita pelo *WhatsApp* no dia 27 de fevereiro de 2020.

AG - Patrícia, a partir do seu trabalho comigo na 2ª CRE, ficou claro sua dedicação e profissionalismo como assistente social e o quanto foi potente seu ingresso no projeto *O Corpo Expressivo no Espaço Escolar*. Como foi desenvolver e participar das ações em que o teatro foi a linguagem escolhida? Qual ação com o *Corpo Expressivo* poderia relatar como uma experiência marcante? Como o teatro pode auxiliar no seu trabalho como assistente social nas ações do NIAP?

PA - A experiência de trabalho que vivi nesses últimos dois anos como integrante de uma mini equipe do PROINAPE, cuja professora tem a formação profissional em teatro, trouxe-me uma grande oportunidade de trazer leveza para os momentos de trabalho junto ao grupo de alunos ou

profissionais que atendemos, bem como lançarmos como um dispositivo para trabalhar o corpo, a autoestima, a voz, a criatividade e o próprio protagonismo de todos envolvidos nos encontros.

Compreendi na prática o valor de tal dispositivo para miniequipe que tem muitas vezes como foco de suas ações, lidar com temas delicados e caros para Educação como infrequência, preconceito, racismo, desigualdade social, auto violência provocada, baixo índice de aproveitamento etc.

Posso afirmar que lançar mão desse dispositivo é imprescindível vivência, leitura e certo planejamento, tendo claro como esse dispositivo pode nos auxiliar em relação ao nosso objetivo maior enquanto programa que se afirma cada vez mais sua existência na perspectiva de ser 'a escola um espaço capaz de promover vida, relações mais horizontalizadas, acolhimento do outro e construção conjunta de todos que frequentam esse espaço público.'

Entendo que a realidade de nossa escola pública municipal é um desafio a ser vivido a cada ano, a cada gestão pública, mas enfrentar tantas variáveis e vetores sociais que a atravessam se torna muito mais suportável, criativo e saudável quanto lançamos mão da Arte com todos os dispositivos que esta pode nos proporcionar com seu potencial em nos formar como autores, sujeitos da nossa história tanto pessoal (de autodescobertas) quanto social/ coletiva sendo ora meio, ora fim nessa busca de nos ver e nos sentirmos pertencentes ao um grupo, em outras palavras "eu tenho um valor e ele é reconhecido pelos demais semelhantes a mim."

ANEXOS

Literatura e Poesia Marginal “WJ & Said”⁷⁶

Grito Filmes

[Verso 1: WJ]

Eu preciso falar, século XXI, onde tudo é comum
Policial que confundiu nego com um traficante, matou, foda-se
Era só mais um, esse é o Brasil, e esse é aqui, é meu povo
Eu aposto 100 mil contigo, que amanhã ele confundi de novo
Amanhã, depois e novamente
De dez traficante que morre, nove é inocente
Mas como ser traficante e inocente ao mesmo tempo na vida?
É só dizer que é traficante e pronto, e todo mundo acredita
Até eu acredito no que foi dito pelo supremo veredito
E ai de mim se não acreditar, talvez nem passe mais um dia vivo
Mas eu sou traficante também, hem, representante de Coelho Neto
A minha indola é a leitura e o fuzil e o papo reto
Século XXI, onde tudo é comum, onde o rico só escuta aplauso
E eu escuto "Patum"
Onde o rico dorme feliz, ao mar e suas onda sucintas
Enquanto o meu despertador é uma glock com pente de 30
Mirada no alto tem sangue no asfalto e uma bela senhora de salto
Novamente a PM confundiu um simples abraço com grande assalto
Eu tenho perguntas dentro de mim que me seguem como sombra

⁷⁶ Disponível em: <https://youtu.be/qqO_f-cfC-4>. Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

Eu vou abri-la com você, se você puder vocês me responde
Por que o rico pode e a gente não pode?
Por que nós usamos Xperia enquanto eles usam Ipod
Ou por que ele usa cinquenta ternos diferente e eu tô sempre com o mesmo short?
Por que o rico é informante e o pobre é X9?
Porque o rico é portador de arma, e o pobre é marginal com revolver
Por que o rico recebe carinho e o pobre recebe sacode?
Ao rico que me ver do outro lado dessa telinha
A minha casa inteira na dele não dá a cozinha
Mas eu ele vai dizer que eu sou maluco, e que eu sei do que tô falando
Mas o que ele vê na TV é meu verdadeiro cotidiano
[Ponte]
Pessoas sendo mortas, metrô e trem lotado
Busão quase sem porta, cadê o ar-condicionado?
Isso é século XXI rapa
E que a maldade evolua
Se não depois vão dizer nos jornais, pessoas negras são proibidas nas ruas
Cabelo duro é pecado, beijo de mula de é pecado
Branco é bonito ser gay, mas preto é feio ser viado
A escravidão acabou? Quem te enganou na resposta?
Se acabou por que eu sinto a dor do chicote nas costas?
Dói, o suor bate e arde
Vocês podem me chamar de tudo, só não pode me chamar de covarde
Meu cabelo é duro, e meu beijo é grande
Mas eu me amarro
E cada rima constante vale bem mais que seu carro
Porque seu carro no fume, só serve pra quem tá vivo
Mas o caráter e o saber, se eu morrer eu levo comigo
E é por isso que eu prefiro, alface, azeite e vinagre
E depois de tanta verdade que eu falei
Se eu viver vai ser milagre.

Mariana Felix – Dói, o seu tapa me dói / Poesia Feminista⁷⁷

Cresci ralando na boquinha da garrafa
No que te surpreende o Mc Brinquedo ser fã do Mc Catra?
Afinal já me diziam: “Olha a bunda ô Raimunda
Subiu a temperatura ô Raimunda”
Raimunda, menina que enjoou de boneca
Não quis mais vestir timão
Deveria ter tido outras músicas de opção,
e quem sabe então ela perceberia que não é normal
Ser só objeto sexual
Mas não!
O Califa ficou de olho no decote dela
Ficou de olho no biquinho do peitinho dela
Ficou de olho no balanço das cadeiras dela
E o mundo fez de Raimunda
Outra síndrome de Cinderela
Afinal nos fabricaram pra ser Amélia
Servir sem vaidade
Nos ensinaram a ser mulher e de verdade!
Na caixa! Plástica!
Só esperando pra ser usual
Ao ouvir a pergunta de um menino de 13 anos:
“Se esse boneca sabe ser profissional”
“Mamar seu brinquedo?”
Criança o nome disso é pedofilia disfarçada nesse seu enredo
Da apologia pós-moderna funk social
Nada do que também não acontece em Salvador no Carnaval

⁷⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/Nk8tSRRxqew>>. Acesso 23 de fevereiro de 2020.

As amante, as fiel e o homem valorizando a guerra entre elas, tipo: dono do bordel
E eles gritam: “só as cachorras, as preparadas”
Tô preparada sim, pra não ser mais usada!
Segura esse seu tcham
Amarra bem esse seu tcham
Senão o tcham, tcham, tcham
Vai ser você acordar sem ele de manhã
Eduque seus bodes!
Porque hoje as cabras estão com a pá virada!
Cansamos de ser carne servida na mesa
enquanto o machismo justifica frases que fazem das mulheres escravas
Dói, o seu tapa me dói, o seu tapa me dói
Eu vou logo ligar 180!
Tô atoladinha das suas hipocrisias!
Moralistas!
Adoram as meninas que rebolam
Mas após o casório
São com as santas que eles querem assinar no cartório
Recalcada?
Meça suas palavras Parça!
Você que é incompetente no amor e eu que sou a mal-amada?
Os machistas estão passando mal
Sem argumento
Tremendo de medo
Apelando de novo
Com seus xingamentos
Garotos, Leoni já avisou
Difícilmente vocês vão resistir aos nossos mistérios
Sempre tão espertos
São só garotos!
Espero que a poesia não tenha tido tom de ameaça
É na força das palavras que está a graça

E aos manos, minas e monas que já abraçam a causa...

Bom, vocês tão ligados:

“Tá tranquilo, tá favorável”

Andreia Moraes - Meu território⁷⁸

Quero sangrar somente o que a natureza me exigir

Meu corpo

Meu território!

Será que é pedir muito?

Quantas vezes teremos que repetir?

Uma? Duas? Dez? Trinta? Trinta e três?

Quantas vezes teremos que repetir?

Todos os dias? A cada 11 minutos?

Quantas vezes teremos que repetir?

Em quantas línguas? Dialeto?

Ouçõ a música que eu quero

Visto a roupa que eu quero

Trepo com quem eu quero

Com que EU quero

Entende?

Não importa se estou de saíote ou de decote

Não importa se estou de burca ou de saia curta

Não me toque sem a minha autorização

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rSAyBDIIWns>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

Não queira se apossar daquilo que não te pertence
Eu pertenço a mim mesma
E me dou a quem eu quiser

Advérbio de negação
de fácil entendimento:
NÃO!
Não é não!
Se não quero e não consinto
É estupro sim!
As vezes até acompanhado de adjetivos
Estupro "instinto natural"
Estupro matrimonial
Estupro coletivo
Estupro corretivo.
Corretivo, sim
Acontece na comunidade
Só por isso não lhe traz indignidade?

Se sou negra
Branca
Gorda
Magra
Feia
Bonita
Pobre
Ou Rica
Não entre, se não for convidado

Não sou brinquedo de diversão
Minha carne me é cara
Meu corpo

Meu território

Instinto animal?

Controla o teu pau!

"Homem é assim mesmo"?

Pro caralho,

Ordinário

"A gente não está com a bunda exposta na janela pra passar a mão nela"

A cada toque não querido

Gritemos

A cada assédio investido

Gritemos

A cada cantada nojenta e indesejada nas ruas

Gritemos

A cada encochada no ônibus lotado

Gritemos

A cada alisada de braço, nada inocente

Gritemos

A cada espiada numa porta entreaberta

Gritemos

A cada motivo que querem criar para nos culpabilizar, quando na verdade somos vítimas

Gritemos!

Gritemos quantas vezes forem necessárias

Gritemos o nosso uivo de fêmea

Que exige

Que luta

Que quer mudança

Que não cala

Gritemos em uníssono

Somos todas Beatriz

Maria da Penha

Marielle

Antônia

Não sejamos anônimas

Não nos calarão

Chega de impunidade

Chega de barbaridade

Cultura do estupro

Cultura do medo

Cultura da submissão

Cultura da opressão

Cultura do machismo

Já basta!

Meu corpo

Meu território

Meu universo

Meu firmamento

MEU!